



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

URSULA RODRIGUES DA SILVA



CIDADES E RIOS NA AMAZÔNIA: memória e
representação social na cidade de São Miguel do Guamá-PA

**Belém-Pará
2022**

URSULA RODRIGUES DA SILVA

CIDADES E RIOS NA AMAZÔNIA: memória e representação
social na cidade de São Miguel do Guamá - PA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Análises socioespaciais e territoriais na Amazônia

Linha de pesquisa: Análises socioespaciais e territoriais das cidades na Amazônia

Orientador: Prof. Dr. Francisco Emerson Vale Costa

Belém-Pará
2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
Biblioteca do CCSE/UEPA, Belém - PA

Silva, Ursula Rodrigues da

Cidades e rios na Amazônia: memória e representação social na cidade de São Miguel do Guamá-PA / Ursula Rodrigues da Silva; orientação Francisco Emerson Vale Costa. - Belém, 2022.

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade do Estado do Pará. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belém, 2022.

1.Memória-São Miguel do Guamá-PA.2.Representações socais.3.Guamá, Rio-PA.Costa, Francisco Emerson Vale (orient.). II. Título.

CDD 307.76098115

Regina Coeli A. Ribeiro - CRB-2/739

URSULA RODRIGUES DA SILVA

CIDADES E RIOS NA AMAZÔNIA: memória e representação
social na cidade de São Miguel do Guamá - PA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Resultado: _____

Data: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Emerson Vale Costa
(Orientador – PPGG/UEPA)

Prof. Dr. Antônio de Pádua de Mesquita dos Santos Brasil
(Examinador Interno – PPGG/UEPA)

Prof. Dr. Daniel Araújo Sombra Soares
(Examinador Externo – PPGEDAM/UFPA)

Belém-Pará
2022

À representação de mulher, mãe, guerreira e exemplo de vida: Maria Vany Rodrigues (*in Memorian*); por me fazer acreditar nos meus sonhos, renunciando a diversas situações, e fazendo com que eles se realizassem. Nessa vida, sempre foi e sempre será por você!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, por toda a minha trajetória, pelo sustento diário e com muita força me fez seguir em frente, iluminando a minha vida diante de tudo aquilo que almejava, que por muitas vezes pensava em desistir, principalmente na pandemia do Covid-19, mas em seguida repensava e continuava.

Preciso mencionar a minha trajetória acadêmica, essa que sem dúvida foi um dos maiores desafios, quando fui aprovada no vestibular para o curso de Licenciatura Plena em Geografia na Universidade do Estado do Pará no ano de 2011. E fui para Conceição do Araguaia-PA estudar, passando quatro longos anos, com muito conhecimento e superação. No ano de 2018, fui aprovada no Processo Seletivo Ensino de Geografia na Amazônia (especialização), pela UEPA. E no ano de 2019, aprovada no mestrado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG).

Por todo esse caminho até aqui percorrido, agradeço imensamente aos meus pais, Maria Vany e Hamilton Vieira, minha eterna gratidão por todo o esforço e dedicação que sempre tiveram comigo. E por tudo aquilo que fizeram para alcançar os meus objetivos, renunciando a diversas situações, e priorizando meus sonhos, pois sempre acreditavam em mim, até mesmo quando eu duvidava.

À minha Mãe em especial, mulher guerreira e forte que me ensinou tudo aquilo que sabia, meu maior amor, inspiração e agradecimento. Que no decorrer do mestrado, encerrou sua vida terrena, momento que jamais será esquecido de profunda tristeza e solidão, mas na certeza que está ao lado de Deus. Você sem dúvida foi e será a melhor parte de mim. E tudo nessa vida sempre foi e sempre será por você!

Aos meus irmãos que estiveram me acompanhando por todos esses anos, e que apostavam no caminho que estava seguindo, meu agradecimento. À minha doce amada sobrinha/filha Pérola, minha motivação diária por todo amor e carinho que recebo. Agradeço a Martinho Ataíde, uma pessoa ímpar na minha vida, companheiro para todas as horas. Obrigada por toda a compreensão nos dias que estive ausente, você conhece bem minha trajetória.

Aos meus amigos, obrigada por todo o incentivo, sensibilidade e acompanhamento ao longo desses anos. De maneira especial, agradeço à população da minha amada cidade São Miguel do Guamá, por toda a mobilização através do

compartilhamento das informações que foram de grande importância para a construção deste trabalho.

Aos entrevistados da pesquisa, que se mostraram dispostos a participar, minha gratidão. Por todo acolhimento, respeito e carinho, sendo solícitos e divertidos por todos os locais que passei. Minha singela homenagem para os participantes que no decorrer do trabalho vieram a falecer, vocês foram essenciais para esta pesquisa.

Agradeço imensamente ao meu orientador Francisco Emerson, que foi muito paciente e atencioso, por ter entendido a importância do trabalho e contribuído com o desenvolvimento deste trabalho, mas principalmente por não ter desistido de mim, ter compreendido as diversas situações que estava vivendo. Ao corpo docente do PPGG, agradeço por todo conhecimento nas aulas e trabalhos, pelas excelentes discussões proporcionadas sobre a ciência geográfica, que em meio a todas as mudanças ocasionadas pelo Covid-19 se reinventaram e estiveram conosco.

Aos amigos que o PPGG me presenteou, que mesmo com pouquíssimos encontros presenciais, tornaram-se presentes diariamente, nas conversas, indicações, compartilhamento de informações e, acima de tudo, concedendo forças para que não desistíssemos e seguissemos em frente.

À secretária e os técnicos da Secretaria Municipal de Esporte, Cultura, Lazer e Turismo (SMECLT); que nos receberam e se dispuseram a participar conosco, com o pouco material que possuíam, além das conversas e viagens significativas para a pesquisa.

Espero que este trabalho proporcione retorno e contribuição, para situações levantadas na pesquisa, para as questões sociais, políticas, e no alerta ambiental que permeiam a cidade de São Miguel do Guamá, também em uma perspectiva futura aos demais projetos.

Por fim, agradeço a todos aqueles que fazem parte de minha vida, amigos, familiares, às pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para que chegasse até aqui, a todos vocês, muito obrigada.

“Entre o rio, a floresta e a cidade, continuará a ser uma luz brilhando, e que persistirá mesmo com as chamas das queimadas nas florestas, com a extração dos recursos naturais, com a poluição dos rios e com a mudança das relações dos homens entre si.”

José Aldemir de Oliveira - 2006

RESUMO

O presente estudo tem o intuito de compreender distintas funcionalidades e formas de relação entre cidade e rio em São Miguel do Guamá. Sua problemática aborda quais implicações promoveram o distanciamento das relações estabelecidas, entre a cidade de São Miguel do Guamá e o Rio Guamá, através das permanências ou mudanças com a implementação dos chamados “grandes projetos”, em especial a construção da Rodovia BR-010 (Belém-Brasília), mediante a outros fatores a partir da ausência de políticas públicas e/ou a nova dinâmica como principais distanciadores. O contexto histórico e as relações dos grupos sociais estabelecidas a partir das memórias de antigos moradores da cidade, da importância no cotidiano do contato/dependência com o Rio Guamá (passado), a participação de comerciantes, vendedores e visitantes que desenham a representação social nas relações com a dinâmica no atual momento. Assim os instrumentos metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa, no que diz respeito à compreensão da utilização do Rio Guamá em diferentes períodos, os elementos de análise da pesquisa bibliográfica e documental de pressupostos teóricos que elucidaram conceitos relacionados à cidade. Realizou-se pesquisa bibliográfica e documental para definir os conceitos relacionados à cidade e a compreensão da utilização do Rio Guamá. Assim foram realizadas observações sistemáticas, entrevistas semiestruturadas, registros fotográficos, assim como se fez uso de fotografias cedidas por entrevistados, considerando os períodos e as atividades estabelecidas. Para realizar a análise do discurso nas entrevistas, com ênfase às memórias, às representações sociais e à paisagem, utilizamos o *software IRAMUTEQ*. Demonstrado por meio de entrevistas/oral, para o acesso às memórias, representações sociais, paisagem pelo uso do *software IRAMUTEQ*. Assim, constatamos que a formação socioespacial da cidade de São Miguel do Guamá, constituída de relações diretas diante das temporalidades, com funções alteradas ou continuadas, significado à imagem do indivíduo na sociedade a especificidade histórica das cidades às margens de rio. No que diz respeito à relação entre a cidade e o rio, percebemos o distanciamento da sociedade local com o rio, em virtude de três fatores. O primeiro diz respeito à falta de políticas públicas que se estendeu ao longo dos anos. O segundo ao funcionamento do local e atividades que promoviam que causavam medo/receio o que representava para moradores e visitantes. E por último, uma nova leitura da realidade aos contornos urbanos a tentativa de (re)estabelecer e fortalecer a repensar a gestão e as políticas urbanas para o espaço urbano. Podemos afirmar que a construção do Complexo Beira Rio, proporcionou o retorno das atividades que, outrora, foram paralisadas.

Palavras-chave: Rio Guamá; Memória; Representações sociais; Paisagem; São Miguel do Guamá.

ABSTRACT

This paper aims to comprehend the different ways and functionalities between city and river in São Miguel do Guamá. The problems are addresses in what are the reasons that made people get distancing the established relations between São Miguel do Guamá city and Guamá river though the stays or changes with the “Big Projects” implementation, in particular the highway construction known as BR-010 (Belém-Brasília) through other factors from the absence of public policies or new dynamics as the mainly distancers. The historical contexts and the relationships of social groups established from the memories of the former residents of the city, the importance of the daily contact/dependence with the river (in the past), the participations of the merchant, the sellers and the visitors that drew the social representation of the relationships in the actual moment. So, the methodological instruments for the research development about the comprehension of the use of Guamá river in different periods, the elements of analysis of the bibliographic and documentary research of theoretical assumptions that elucidated concepts related to the city. It was made the bibliographical and documental research for defining the concepts related to the city and the comprehension of the use of Guamá river. So, it was made systematic observations, semi-structured interviews, photographic registers, as well as it was used the photographs donated by the interviewers, considering the period and the established activities. To perform the discourse analysis in the interviews, emphasizing the memories, the social representation and the landscape, it was used the software known as IRAMUTEQ. Demonstrated by the oral interviews for accessing the memories, social representations, landscape by the use of IRAMUTEQ. So, it was possible to realize that the sociospatial formation of São Miguel do Guamá city constituted by directs relationships facing the temporalities, modified of continued functions, meaning to the image of the individual in society the historical specificities of the cities on the river's margins. About the relation between the city and the river, it was possible to realize three factors. The first one talks about the absence of public policies over the years. The second one talks about the operation of the local and activities that promoted that caused fear in visitors and residents. And finally, a new reading of the reality to the urban contours the attempt to (re)establish and intensifier to rethink the management and the urban policies for the urban. It is possible to claim that the Beira Rio Complex construction provided the return of activities that, in the past, were suspended.

Key words: River, Social Representations, Landscape, São Miguel do Guamá.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Mapa de drenagem do Rio Guamá.....	29
FIGURA 2: Mapa de delimitação da área de estudo.....	31
FIGURA 3: As representações sociais e o senso comum.....	78
FIGURA 4: Igreja Matriz - São Miguel Arcanjo.....	86
FIGURA 5: Colégio dos Padres <i>Barnabitas</i> – <i>TIBI PATER</i>	86
FIGURA 6: Vista Aérea: Símbolos históricos situados à margem do Rio Guamá.....	90
FIGURA 7: Vista Aérea da ocupação da margem do Rio Guamá.....	91
FIGURA 8: São Miguel do Guamá a partir do Rio Guamá (PA) - (s/d).....	92
FIGURA 9: Ocupação da margem do Rio Guamá - (s/d).....	92
FIGURA 10: Mapa dos bairros mais antigos de São Miguel do Guamá.....	93
FIGURA 11: Trapiche municipal em diferentes estruturas.....	95
FIGURA 12: Mercado Municipal (s/d)	95
FIGURA 13: Mercado Municipal (2021)	95
FIGURA 14: Cais de arrimo e o Rio Guamá.....	96
FIGURA 15: Transporte fluvial de cargas pelo Rio Guamá.....	101
FIGURA 16: Início da construção da ponte "Dr. Waldir <i>Bouhid</i> "	102
FIGURA 17: Abertura da BR-010 - Trecho entre os municípios de Irituia e São Miguel do Guamá.....	107
FIGURA 18: Meios de comunicação a partir de 1970	111
FIGURA 19: Bairros guamaenses antes e depois da abertura da BR-010.....	115
FIGURA 20: Paisagem e a Memória com o Rio Guamá.....	120
FIGURA 21: O uso do Rio Guamá e as antigas atividades cotidianas.....	122
FIGURA 22: O Rio Guamá e a presença dos banhistas.....	123
FIGURA 23: A categorização das atividades desenvolvidas no Rio Guamá.....	124
FIGURA 24: A captura de peixe filhote no Rio Guamá (s/d)	124
FIGURA 25: Transporte fluvial e o Rio Guamá.....	125
FIGURA 26: As manifestações religiosas vinculadas ao rio e às suas margens.....	128

FIGURA 27: A representação da construção da ponte “Dr. Waldir <i>Bouhid</i> ” e a BR-010.....	134
FIGURA 28: A relação entre a cidade e o Rio Guamá através da memória.....	136
FIGURA 29: As atividades relacionadas com o Rio Guamá e o cais de arrimo.....	139
FIGURA 30: Os quiosques e os problemas recorrentes.....	141
FIGURA 31: A representação dos quiosques para os moradores.....	142
FIGURA 32: O espaço antes da orla fluvial.....	144
FIGURA 33: O espaço após a construção da orla fluvial.....	145
FIGURA 34: A demolição dos quiosques.....	146
FIGURA 35: A movimentação da orla fluvial antes do término da obra.....	150
FIGURA 36: Os meses do ano de maior movimentação na beira rio.....	150
FIGURA 37: A representação da nova orla para os envolvidos da pesquisa.....	152
FIGURA 38: Inauguração da I Parte - Complexo Beira Rio.....	155
FIGURA 39: Etapas da revitalização do mercado municipal.....	156
FIGURA 40: A representação do rio e seu entorno para comerciantes e vendedores locais	157
FIGURA 41: Atividades predominantes no Rio Guamá.....	160
FIGURA 42: Desembarque de mercadorias no cais.....	161
FIGURA 43: Estação Portuária.....	161
FIGURA 44: O Rio Guamá e as práticas religiosas.....	163
FIGURA 45: Usos da nova orla	164
FIGURA 46: Contemplação da paisagem.....	165
FIGURA 47: Pôr do Sol em São Miguel do Guamá	165
FIGURA 48: O retorno dos banhistas ao Rio Guamá.....	167
FIGURA 49: O turismo e as atividades esportivas e culturais.....	169
FIGURA 50: Construção do hotel às margens do Rio Guamá.....	170
FIGURA 51: A representação ambiental sobre o Rio Guamá.....	172
FIGURA 52: A representação do rio e seu entorno para moradores e visitantes.....	175

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: A Formação Administrativa do município de São Miguel do Guamá.....88

QUADRO 2: Instalação das primeiras atividades do setor secundário.....110

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: População de São Miguel do Guamá-PA.....116

TABELA 2: A importância do transporte fluvial.....159

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: O distanciamento entre a cidade de São Miguel do Guamá e o Rio Guamá.....143

GRÁFICO 2: A importância da orla fluvial.....153

LISTA DE SIGLAS

CONAMA	Construção Amazônica
DNOS	Departamento Nacional de Obras e Saneamento
EFB	Estrada de Ferro de Bragança
EBCT	Empresa Brasileira Correios e Telégrafo
ERE	Ensino Remoto Emergencial
ETE	Estação de Tratamento de Esgoto
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IRAMUTEQ	<i>Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires</i>
OGT	Organização Geral de Transportes
OMS	Organização Mundial da Saúde
PMSMG	Prefeitura Municipal de São Miguel do Guamá
PPGG	Programa de Pós-Graduação em Geografia
RADAM	Radar da Amazônia
SETUR	Secretaria de Estado de Turismo do Pará
SMCELT	Secretaria Municipal de Esporte, Cultura, Lazer e Turismo
SPVEA	Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia
SUCAM	Superintendência de Campanhas de Saúde Pública
SUDAM	Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
TRS	Teoria das Representações Sociais
UEPA	Universidade do Estado do Pará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	25
1.1 OBJETO, LÓCUS E SUJEITOS DA PESQUISA	26
1.2 TIPO E CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	32
1.3 ETAPAS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....	35
1.4 FORMA DE ANÁLISE DOS DADOS E MÉTODO DA PESQUISA	42
2. A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DAS CIDADES AMAZÔNICAS: RELAÇÃO PAISAGEM, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL.....	48
2.1 O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO E OS GRANDES PROJETOS	48
2.2 O CONTEXTO DAS ESPECIFICIDADES SIMBÓLICA-CULTURAL NAS CIDADES ÀS MARGENS DE RIOS: A URBANIZAÇÃO PROGRESSIVA NA INFLUÊNCIA NA PAISAGEM	58
2.3 O SIGNIFICADO DAS MEMÓRIAS URBANAS, ASSOCIADA AS TEMPORALIDADES: A COMPREENSÃO EXPRESSIVA NAS RELAÇÕES ENTRE CIDADE E RIO	65
2.3.1 A memória e a ciência geográfica.....	68
2.3.2 A memória da cidade e sua relação com o rio.....	72
2.4 A CIÊNCIA GEOGRÁFICA E A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO NAS RELAÇÕES SOCIAIS CIDADE-RIO	75
2.4.1 As representações sociais e a geografia cultural	82
3. A FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DA CIDADE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ-PA: DA BEIRA DO RIO PARA A BEIRA DA ESTRADA	84
3.1 DA FAZENDA PERNAMBUCO À FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ: BREVE HISTÓRICO	85
3.2 AS CIDADES ÀS MARGENS DE RIOS: A SINGULARIDADE DAS RELAÇÕES, RITMOS E FUNÇÕES DE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ E O RIO GUAMÁ	79
3.3 A PERIODIZAÇÃO E A INSTALAÇÃO DOS NOVOS EIXOS DE CIRCULAÇÃO NA REGIÃO INTERMEDIÁRIA PARAENSE	97
3.3.1 Eixo Fluvial	99
3.3.2 Eixo Ferroviário.....	103
3.3.3 Eixo Rodoviário.....	104
3.4 DA BEIRA DO RIO PARA A BEIRA DA ESTRADA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEXTO URBANO DE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ.....	108
4. DA BEIRA DA ESTRADA PARA BEIRA-RIO: O RIO GUAMÁ ENQUANTO MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL NA CIDADE DE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ.....	118
4.1 A BEIRA DE RIO DA MEMÓRIA E A RECORDAÇÃO: A HISTÓRIA E A CULTURA NA CONSTRUÇÃO DO LUGAR	118

4.2 O DISTANCIAMENTO ENTRE CIDADE E RIO: GESTÃO E PLANEJAMENTO URBANO PELA REINTEGRAÇÃO DAS RELAÇÕES COTIDIANAS.....	137
4.3 AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS EM CIDADES À BEIRA DE RIO: O CONTEXTO GUAMAENSE E A ORLA FLUVIAL.....	147
4.3.1O complexo beira rio: intervenções urbanísticas na paisagem urbana guamaense.....	151
4.4 DA BEIRA DA ESTRADA PARA BEIRA-RIO: O ESPAÇO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ADENTRE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ E O RIO GUAMÁ.....	158
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	177
REFERÊNCIAS.....	180
APÊNDICES	185

INTRODUÇÃO

O processo de ocupação da Amazônia legal contempla o interesse geopolítico, em vista dos objetivos fincados para os avanços das atividades econômicas. À vista disso, novos rearranjos surgem com a proposta de integração e desenvolvimento, suscitando relações contraditórias e excludentes nas inter-relações em distintas escalas. Entende-se que as frentes econômicas obtiveram influência na dinâmica das cidades amazônicas, a partir do seu surgimento, pois concederam mudanças e fatores: a ocupação e expansão urbana e o planejamento.

Obviamente que a colonização vai deixando seus impactos, mas a própria existência das cidades, inclusive em sua forma ribeirinha, é fruto da colonização. Os povos originais do continente americano, em particular do que hoje é a Amazônia, povoavam e circulavam tão bem pelos rios, como pela floresta, e não tinham seus sítios restritos à beira dos rios.

O início da discussão sobre a área urbana amazônica, a partir da estratégia organizacional planejada, é norteadada na segunda metade do século XX, um ciclo econômico determinado provocou um avanço no processo de urbanização da Amazônia, com forte concentração em Belém e Manaus, e do ponto de vista intraurbano, complexificou as relações de trabalho e as lutas de classes nas cidades.

Assim estabelece a reconfiguração da estrutura regional, sendo tendência as fortes mudanças no contorno da organização social. Evidenciando modificações estruturais que são entremeadas pela dualidade conflituosa, entre: grupos sociais que interagem sendo inerentes, esses possuem ativamente contato com as atividades com a área, outra parcela tem interesses mais assíduos lucrativos para região.

Observa-se os processos históricos, políticos, culturais inseridos no tempo e no espaço, que possam interferir no contexto atual. Considerando que as etapas de urbanização conexas às demais atividades e com diferentes interesses, acentuam na região amazônica o surgimento de núcleos urbanos, assim cooperando no processo de consolidação, como pode ser visto no caso da cidade São Miguel do Guamá.

Em um primeiro momento, a história e a geografia dessas cidades podem ser compreendidas através dos cursos dos rios, de onde derivam seu desenvolvimento

econômico e seus traços culturais. Assim, destacam-se as inter-relações presentes caracterizadas pelo conhecimento gerado e compartilhado no cotidiano dos indivíduos. Na qual a informação se difunde por meio da percepção, interpretação, vivência, que dessa forma surgem no espaço em diversos contornos, mediante ao diálogo entre sujeitos sociais inseridos, percorrendo nas múltiplas dimensões da realidade.

Por esse viés, os objetos espaciais expostos, expressam os marcos históricos, salientando as relações entre cidade e rio, que possivelmente retratam as ligações existentes com os modos de vida da população local. Através da atuação germinada pela força de investimento financeiro, assim reforçam ou estreitam laços, nas diferentes formas de uso, funções e relações entre cidade e rio. Por esse viés, entende-se que as múltiplas transições nas relações existentes, adjuntas do ordenamento e do crescimento das cidades, que outrora se ajustam e permeiam-se, em outra, a possibilidade de ações acentuadas e predatórias em processos históricos.

Nesse sentido, as cidades amazônicas localizadas às margens de rios¹, neste caso referindo-se à cidade de São Miguel do Guamá-PA; que *a priori* constitui-se de relações diretamente associadas com o Rio Guamá², assinalando o surgimento da mesma, na dinamicidade de momentos diferenciados, desde a ocupação até a configuração atual. Assim, as características espaciais revelam as diferentes estratégias dos vários agentes produtores do espaço urbano, que procuram defender os seus próprios interesses a partir de condições específicas, conduzindo a uma compreensão da paisagem, a partir das decisões da política nacional e das relações sociais de produção. Desse modo, contempla o segundo aspecto, o econômico, pois retrata o surgimento das cidades amazônicas.

¹ Oliveira (2006) analisa o desenvolvimento das cidades amazônicas localizadas às margens de rios, em suma estão associados ao rio e à floresta, assim os modos de vida se resultam desse contato. No surgimento de casas simples, retratam o sentimento do lugar em memórias às margens do rio, que nunca mais serão perdidas. Contemplam, tempos vividos por uma sociedade, baseados nas recordações que constituem imagens à beira dos rios.

² GUAMÁ [...] Afluente do Rio Prata. Juntamente com o Rio Moju, forma a Baía do Guajará, que banha a cidade de Belém. Desce das ramificações da Serra dos Coroados. Corre do Sul para o norte até a cidade de Ourém, em sua margem direita daí para oeste, até unir-se ao Rio Capim. É navegável por lanchas até a primeira cachoeira, um pouco abaixo de Ourém, 25 Km da Belém. Seu curso total é de 700 Km e sua foz, Baía do Guajará, tem cerca de 900m de largura (BRITO, 1989, p. 10).

No âmbito regional, os espaços urbanos, especialmente as cidades localizadas às margens dos rios, se enquadram como a principal forma de compreensão do modo de vida da população, devido à interação com o rio, por essa perspectiva, além do entendimento acerca da produção desses espaços, são suscetíveis a novas dinâmicas urbanísticas.

Assim as características específicas do processo de urbanização de São Miguel do Guamá, por meio dos espaços, identificam tais relações entre cidade e rio, marcam a diversidade do acesso e o aproveitamento, assinalado pelas águas. Em vista disso, a expressão da representatividade através de marcos históricos, são incorporados à reorganização da cidade concedendo, assim, outros significados.

Com isso, observa-se a escassez de trabalhos específicos que interpelassem a temática do estudo, já que as produções de caráter científico dialogam com os aspectos econômicos e físicos da cidade. Nesse ínterim, os trabalhos existentes destacam as atividades ceramistas devido à extração do barro para a produção de telhas e tijolos, por conta disso o município alcança destaque e é reconhecido como um grande polo ceramista no estado do Pará. Ressaltamos a movimentação do comércio local, pois este constitui-se dinâmico e exerce profunda contribuição no desenvolvimento da economia. No entanto, a atividade ceramista é de maior predominância, devido à geração de emprego e renda.

Contudo, o processo de urbanização que perpassa o contexto local e regional, remonta a períodos de forte ligação com a natureza, associada à circulação dos rios ao ritmo das florestas, em virtude da hegemonia de atividades extrativistas durante a colonização. Essas características conferem-lhes particularidades à vida rural em torno das cidades, as quais persistem mesmo diante do recente desenvolvimento urbano. Assim a compreensão do espaço urbano deve levar em conta as relações sociais que se integram ao cotidiano, movimentação, emoções, comportamentos, hábitos socializantes com a composição do espaço urbano.

As cidades da Amazônia, que possuem caráter particular, são persuadidas por formação histórica, geográfica e cultural³, que no decorrer dos anos, constroem-

³ A produção urbana na Amazônia é compreendida a partir da complexidade do processo de construção espacial regional, assinalando os padrões peculiares de urbanização sob diferentes formações históricas e geográficas, padrões esses que estão na origem da diversidade urbana e se formam em suas cidades e registram a sua identidade cultural (COSTA, 2012).

se mediante a espacialidade composta de fatores internos e externos. Por esse viés, Santos (2014) elucida o espaço como um conjunto de lugares de acumulação de temporalidades distintas, composta de naturezas e processos históricos, concebível de complexa rede de relações, sendo múltiplo, composto de objetos naturais e sociais.

O autor aponta a construção de relações dependentes e independentes com o meio. Referindo-se, como conjunto indissociável, complexo e dinâmico, que se estrutura por meio de transformações sobre o reflexo das ações antrópicas, situadas na relação sociedade-espaço, inseridas na ciência geográfica através de conceitos e teorias, proporcionando inúmeras discussões. Outrossim as funções e apropriações, contidas na relação homem e natureza, devido à aplicação das técnicas em função das exigências econômicas, conexas às formas de uso através da vivência e circulação dos sujeitos presentes no espaço (SANTOS, 2006).

Em vista da relação com o Rio Guamá e as etapas de formação da cidade de São Miguel do Guamá, no que se refere sobre o uso do ponto de vista econômico e circulação de pessoas, significação social da vida, passaram por intensas transformações territoriais. Na região amazônica esses grandes objetos foram instalados, no caso a Rodovia BR-010 Belém-Brasília, modificando as dinâmicas territoriais. Dessa maneira, promoveu outros significados entre as relações com o rio. De tal modo os objetos e as transformações socioespaciais, modificam o uso dos recursos naturais e as relações da sociedade com a natureza.

Nessa perspectiva, apresenta-se uma problemática intrincada que norteia a pesquisa, a saber: quais implicações promoveram o distanciamento das relações estabelecidas, entre a cidade de São Miguel do Guamá e o Rio Guamá? A partir da questão acima, em caráter abrangente, ramifica-se em outras quatro: A fundação do município e do polo da cidade, o Rio Guamá foi importante na reprodução da vida econômica, social e cultural e na construção das paisagens urbanas? As transformações que a região geográfica intermediária de Castanhal perpassou, mudaram o papel e o uso do rio? Como a memória de marcos históricos retratam a ligação da cidade e o Rio Guamá? A importância do Rio Guamá para cidade de São Miguel do Guamá é exibida através das representações sociais?

Com intuito de conhecer e compreender os diferentes períodos, que imbricam o contexto urbano guamaense, no qual se destacam as primeiras relações e

construções às margens do Rio Guamá, salientando sua relevância na composição da paisagem urbana. Sendo condicionada pelas políticas de desenvolvimento urbano nas cidades amazônicas⁴, com ênfase a São Miguel do Guamá, consideramos o contexto histórico, pois considera a diversidade dos elementos inseridos, as práticas econômicas, encontram-se atrelados aos aspectos que referenciam conjuntos simbólicos e sua associação com a memória do lugar, determinando, assim, sua identificação e representatividade com o passado e o presente.

Desta forma, o objetivo geral do presente trabalho de pesquisa, consiste em: Compreender a importância histórica e cultural, estabelecida entre a cidade de São Miguel do Guamá e o Rio Guamá, sua significação para os habitantes, através da memória social e as representações sociais que contemplam a construção da paisagem urbana local.

Considera-se, também, os seguintes objetivos específicos:

- I. Compreender o processo de ocupação do município de São Miguel do Guamá e o polo da cidade e suas premissas interações com o Rio Guamá;
- II. Destacar a implantação da malha rodoviária na mesorregião do nordeste paraense e a suplantação ao eixo hidroviário local;
- III. Utilizar o *software IRAMUTEQ*⁵ para apresentar os elementos incorporados à memória e representações sociais, (fundamentando-se na pesquisa qualitativa, entrevistas, questionários, quadros e gráficos);
- IV. Avaliar as mudanças estabelecidas na relação, entre: cidade, rio e orla fluvial, impulsionadas pelas políticas públicas municipais.

⁴ Para compreensão das cidades amazônicas, a sua localização é importante, no entanto, suas características precisam incluir seus sistemas de objetos (forma/paisagem) e um sistema de ações, este que parte de seu conteúdo, para assim, reafirmar as interações que ocorrem com as cidades às margens do rio, com base material/funcional ou através da diversidade simbólica existente. (PORTO-GONÇALVES, 2010).

⁵ *IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires)*, este programa informático viabiliza diferentes tipos de análise de dados textuais, desde aquelas bem simples, como a lexicografia básica (cálculo de frequência de palavras), até análises multivariadas (classificação hierárquica descendente, análises de similitude). Ele organiza a distribuição do vocabulário de forma facilmente compreensível e visualmente clara (análise de similitude e nuvem de palavras). [...] Na análise de especificidades, é possível associar diretamente os textos do banco de dados com variáveis descritoras dos seus produtores; é possível analisar a produção textual em função das variáveis de caracterização (CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 515).

Diante da discussão sobre urbanização na região amazônica, pressupõe a compreensão das formas de uso do tempo e do espaço, constituída através do contato/dependência com os moradores com rios, florestas, terras etc. Vinculados espiritualmente como a simultaneidade dos acontecimentos e percepções, tornam-se mais intensos, socialmente, nos encontros de ações, atividades, produtos e obras, assim apresentadas e que podem indicar uma nova dimensão social.

Assim o contexto político e econômico das cidades, no que diz respeito à urbanização, é essencial. Não é apenas um fenômeno social, como espacial. Assim as formas de existência, modo de vida, processos de produção, sentimentos particulares, ações e modos de pensar produziram a coexistência de diferentes períodos históricos, atrelados ao ritmo de vida. Enfatiza-se a diversidade urbana e sua formação, no que corresponde aos aspectos econômicos e políticos, a forma como a cidade se organiza em relação à produção, e como os diferentes sujeitos da vida urbana encontram seu lugar na cidade em um dado momento.

Fundamentando-se na discussão acima, com ênfase no surgimento das cidades e suas etapas até sua configuração atual, quando se refere aos critérios quantitativos, densidade populacional, estes não contemplam suficientemente, ponderando objetos instalados espacialmente, esses as razões dos fatores qualitativos que transformam a vida como o corpo principal condicionante.

Diante disso, as relações estabelecidas marcam determinados lugares e se reproduzem na medida em que se correlacionam com a paisagem. Pode-se dizer, que o espaço é o produto da conexão dialética entre a dimensão material e o comportamento social, reproduzido através das relações sociais existentes ao momento e ao contexto situado. Contudo o espaço possui dinamicidade, tornando-se propício a mutações dentro das dimensões materiais, quando intrinsecamente intencionados pelo conjunto de ações sociais.

Nesse contexto, se alocada a seguinte *hipótese*: a dinâmica urbana atual incorpora aspectos contemporâneos, rompendo-se assim com o padrão ribeirinho da cidade, devido ao grande conjunto de transformações sociais e econômicas que alterou a representação e significação da vida com rio, estabelecendo novas atividades contemplando o padrão rodoviário, comprimindo as características

históricas da sua formação sociocultural situadas às margens do rio, mas as políticas públicas recentes, vão ocasionar para o retorno das relações entre cidade e rio.

A presente dissertação encontra-se estruturada nesta INTRODUÇÃO e em mais 4 (quatro) capítulos seguidos das CONSIDERAÇÕES FINAIS, REFERÊNCIAS e APÊNDICES.

Assim, o capítulo 1 (um) fundamenta-se na produção e transformação social do espaço, no entendimento da abordagem adotada na pesquisa, propenso a atender os objetivos mencionados e as etapas metodológicas, na seguinte ordem: *lócus*, objeto e sujeitos da pesquisa sobre a cidade de São Miguel do Guamá. No mesmo capítulo se discorre quanto ao tipo e caracterização da pesquisa, o andamento/fases e procedimentos da pesquisa bibliográfica, documental e empírica. Em a forma de análise dos dados e método da pesquisa. Sobretudo, no que tange à relação dialética entre o social e o natural, e a utilização da Memória e a Teoria das Representações Sociais (TRS), referida as mudanças e permanências existentes no espaço urbano da cidade de São Miguel do Guamá, com análise de mapas, de imagens fotográficas, banco de imagens de *Drone* e satélites, pesquisa de campo, entrevistas e questionários.

O capítulo 2 (dois) apresenta o referencial teórico, enfatizando o processo de urbanização na região amazônica, a diversidade socioespacial das cidades amazônicas, o cotidiano especialmente, a peculiaridade e representatividade que desenvolvem a paisagem regional. Orientando-se na discussão teórica-conceitual sobre memórias sociais e representações sociais, o espaço urbano e os rios nas cidades amazônicas. Em vista disso, os modelos políticos revelam as mudanças realizadas pela lógica capitalista, que interatuam os processos de urbanização na região amazônica. Contudo propagando modificações, projetos dinâmicos (região-município) que consigam identificar e compreender as relações que resistiram ao tempo, mediante as reflexões, a representatividade e importância dos rios urbanos, bem como, os múltiplos usos e experiências da vida social no ambiente urbano.

O capítulo 3 (três) se propõe analisar a formação do espaço social da cidade de São Miguel do Guamá, através da qual se observa a relação entre a cidade e o rio de diferentes formas e uso, destacando: os eixos hidroviários, ferroviário e rodoviário na circulação, marcos históricos, expansão urbana, atividades

econômicas locais e regionais, problemas ambientais, entre outros. Assim, destacando as especificidades do processo de urbanização de São Miguel do Guamá, através do contexto histórico que originam a relação entre a cidade e o rio, expressões representativas por meio de marcos históricos são incorporadas à reorganização da cidade, dando distintos significados: características históricas, políticas, econômicas e culturais inseridas e as transformações estabelecidas na área urbana da cidade.

O capítulo 4 (quatro) encontra-se estruturado a partir das apresentações dos resultados da pesquisa, ocorrida no espaço urbano de acordo com as formas de apropriação dos espaços, focaliza na dinâmica da produção espaço regional, se materializa na forma de ocupação do espaço urbano e nos diversos usos do rio, vinculados, a paisagem urbana e a gestão e planejamento para o Rio Guamá e a orla fluvial, esses observados no espaço na mesma realidade urbana. Neste momento, com exposição das memórias dos antigos moradores, no que se refere aos vendedores que possuem algum tipo de atividade econômica, por último as representações sociais pertinentes aos visitantes do local, respectivamente analisados nos Grupos I, II e III, e inseridos nos apêndices (A, B e C).

Por fim, são apresentadas as CONSIDERAÇÕES FINAIS em termos de métodos de urbanização no contexto regional e local, as características de ligação com a natureza estão relacionadas aos rios, conferindo-lhes a vida cotidiana. As cidades amazônicas têm um caráter único, são persuadidas por sua história, geografia cultural, que há muitos anos se constroem por meio da espacialidade composta por fatores internos e externos. Interpreta o espaço como um conjunto de diferentes locais de acumulação temporal, compostos por propriedades e processos históricos, imaginados como rede complexa de relações múltiplas, composta por objetos naturais e sociais. Assim, o trabalho é finalizado com as REFERÊNCIAS e os APÊNDICES.

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

É necessário mencionar as mudanças ocorridas a partir de março de 2020, propagadas pelo novo coronavírus (SARS-COV-2). A pandemia estabeleceu diversas mudanças na qual constituiu-se um conjunto de regras, medidas, critérios e protocolos sanitários direcionados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a serem adotados objetivando a prevenção, minimização ou eliminação de riscos para as pessoas. Nesse sentido, os espaços de grande circulação, com grupos de pessoas e atividades diárias, foram comprometidos, fazendo com que ocorresse a paralisação de diversos órgãos públicos, com intuito de reduzir a circulação e o contágio do vírus.

Para assegurar a saúde dos entrevistados e do pesquisador, no que diz respeito ao planejamento e ao retorno das atividades da pesquisa, é importante ressaltar que a coleta de dados ocorreu em diferentes dias, mas dentro das medidas exigidas pela OMS, com uso de máscara e álcool em gel, para garantir a segurança de todos os envolvidos. Em vista, dos efeitos da pandemia e o atual cenário das particularidades de cada indivíduo, das ações desenvolvidas em meio ao medo da interação entre as pessoas ocasionado pela pandemia.

Dessa maneira, as etapas que norteavam a pesquisa precisaram ser refeitas, pois o principal grupo de entrevistados (Grupo I), naquele momento não estaria disponível, por pertencerem ao grupo de risco, pessoas acima de 60 anos. Sendo assim, as estratégias foram repensadas para o Grupo II, para comerciantes e vendedores locais, pois, estes apesar de não fazerem parte do grupo de risco, mas suas atividades estavam paralisadas devido à aglomeração que causavam. O Grupo III eram pessoas que frequentavam o rio e a orla fluvial (diversos). Com isso, a pesquisa foi paralisada, porém, enfocou-se no referencial teórico para conceder conhecimento em vista dos questionamentos levantados a partir das observações empíricas.

Diante do planejamento da pesquisa, esta seção possui quatro tópicos para ilustrar o processo e conduzir a pesquisa em questão. Inicialmente, o primeiro tópico se refere ao objeto, ao *lócus* e o sujeito da pesquisa. O direcionamento, pois condicionam e orientam o "caminho" a ser cursado de forma a obter respostas o mais precisas para confirmar ou refutar inferências.

O segundo tópico aproxima-se do tipo e características da pesquisa, destacando a natureza qualitativa, e delinea a pesquisa de campo. Em seguida, as etapas e procedimentos de desenvolvimento foram discutidos e abordados. O quarto e último tópico a forma de análise dos dados e método da pesquisa, foram de suma importância, tornando-os indispensáveis, pois contemplam para as etapas da pesquisa.

1.1 OBJETO, *LÓCUS* E SUJEITOS DA PESQUISA

Assim, a presente pesquisa se propõe a realizar um estudo sobre as temporalidades associadas à dinamicidade, contidas nas relações entre o Rio Guamá e a cidade de São Miguel do Guamá, a fatos que contemplam os diferentes períodos, levando em consideração a estrutura urbana e a paisagem local. Dessa maneira, as características específicas de um determinado lugar proporcionam a compreensão da produção e da reorganização da malha urbana.

É interessante conhecer os momentos históricos que antecederam a atual configuração da cidade, do mesmo modo considerar as formas de leitura dos eventos, reconhecendo a vivência e as questões imbricadas no cotidiano dos indivíduos ou grupos sociais. Com presunção na observação empírica e construção descritiva do fenômeno, pois desempenham papel fundamental para investigação desta pesquisa (SUETTEGARY, 2002).

À vista disso, a produtividade e relevância que São Miguel do Guamá apresenta no contexto regional e local mediante ao processo de ocupação da região amazônica. Sopesando fatores históricos, físicos, econômicos, sociais e outros, com destaque para sua fundação, emancipação e consolidação municipal, o crescente desenvolvimento urbano.

Nesse sentido, reporta-se à divisão regional do Brasil promovida pelo IBGE, realizada ao longo do século XX, foram elaboradas quatro divisões regionais, referindo-se a critérios físicos, histórico-espacial social e posteriormente outros, com o principal objetivo de conhecer e compreender o território brasileiro. Dentre essas

divisões: Zonas Fisiográficas (1942), Microrregiões e Mesorregiões Homogêneas (1968 e 1976) e Mesorregiões e Microrregiões Geográficas (1989) (IBGE, 2017).

O município de São Miguel do Guamá pertence à região Norte do Brasil, localizado no estado do Pará, outrora pertencia à mesorregião do nordeste paraense, precisamente na microrregião do Guamá, formada por treze municípios (Aurora do Pará, Cachoeira do Piriá, Capitão Poço, Garrafão do Norte, Ipixuna do Pará, Irituia, Mãe do Rio, Nova Esperança do Piriá, Ourém, Santa Luzia do Pará, São Domingos do Capim e Viseu). Cortada pelo Rio Guamá de Oeste para Leste, e em sua margem esquerda está instalada a sede municipal, apresenta como limites: Santa Maria do Pará e Bonito ao Norte; Ourém a Leste; São Domingos do Capim e Irituia ao Sul e Inhangapi e Castanhal a Oeste (figura 1).

O Estado do Pará, com área de 1.247.955,381 Km², representa 29,73% da Amazônia brasileira (4.196.943,00 km²) e 14,65% do território nacional (8.515.767,049 km²). Dentro dessa unidade da federação estão grandes mesorregiões que foram determinadas a partir de uma perspectiva histórico-espacial social. A área objeto deste estudo fica situada em uma dessas regiões, especificamente a mesorregião Nordeste Paraense, cujos municípios pertencem às regiões de integração dos rios Caeté, Guamá e Tocantins. (CORDEIRO; ARBAGE; SCHWARTZ, 2017).

Em vigor desde a divisão de 1989, a divisão regional do Brasil há quase três décadas não passava por atualizações expressivas, sendo assim, necessário reconsiderar suas classificações, já que as constantes transformações marcadas no tempo e no espaço brasileiro promoveram novas discussões e análise. Considerando as questões mencionadas, a referida divisão precisava acordar a padrões atuais apropriados ao país, não só de ampliação da base produtiva, além disso em termos de controle, padronização e administração de sua base territorial. Em virtude de outros estudos, e novas variáveis inseridas, foram de suma relevância para atualização da regionalização brasileira: rede urbana, hierarquia dos centros urbanos, fluxos de gestão (IBGE, 2017).

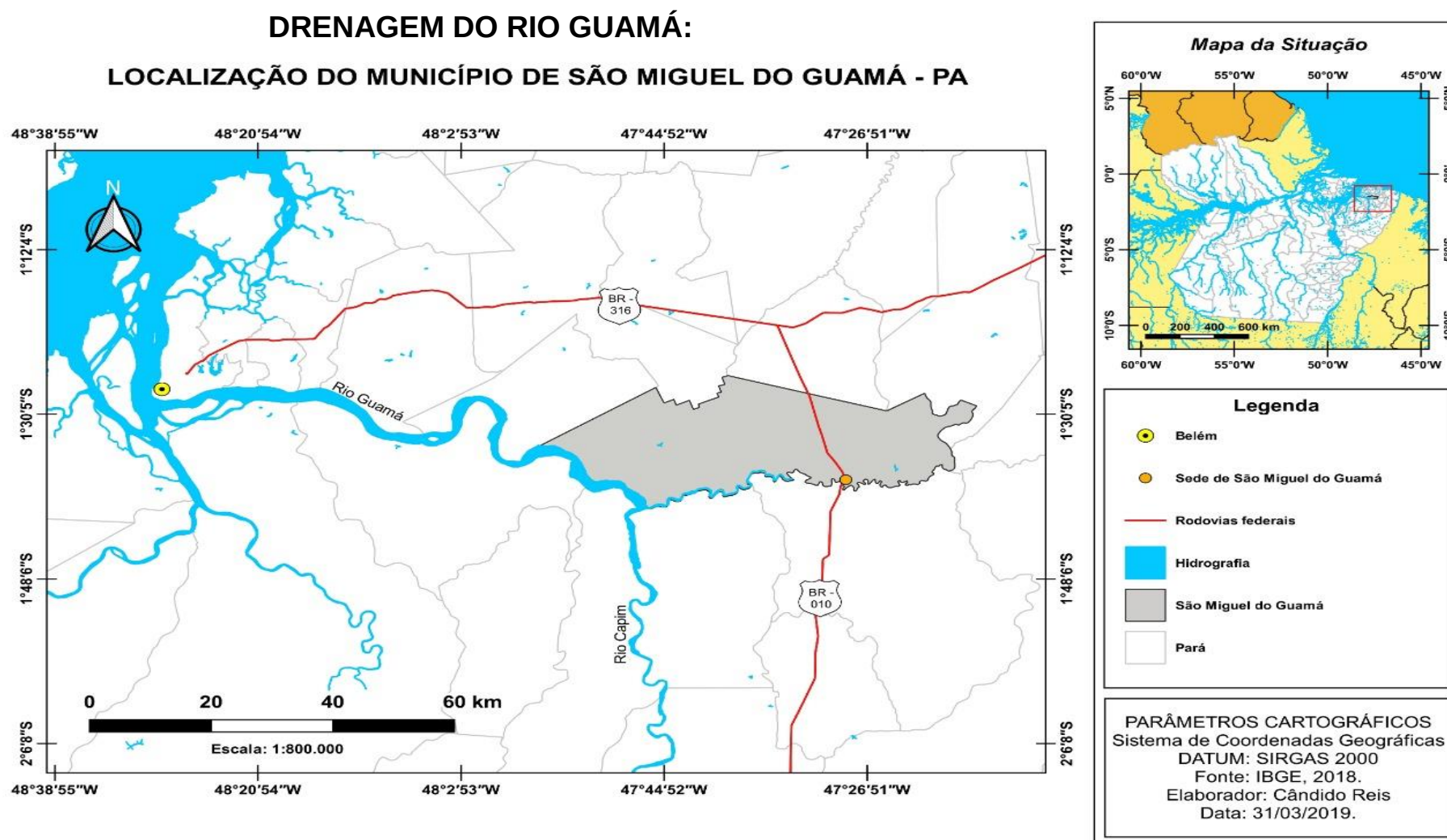
Apresentada em 2017 a nova regionalização do IBGE, se refere às regiões geográficas intermediárias e imediatas, sobretudo na identificação das cidades-polo e os municípios substituindo os aspectos e a nomenclatura das antigas Mesorregiões, foram transformadas em regiões geográficas intermediárias e as microrregiões passaram a se chamar regiões geográficas imediatas.

Dessa maneira, o estado do Pará apresenta ampla extensão territorial, composto por 144 municípios, dispõe de sete regiões geográficas intermediárias, nas quais: Belém, Castanhal, Marabá, Redenção, Santarém, Altamira e Breves.

Outrossim São Miguel do Guamá, passa a pertencer à região geográfica intermediária de Castanhal⁶, composta por 39 municípios e por cinco regiões geográficas imediatas: Castanhal, Bragança, Capanema, Paragominas e Capitão Poço. Vale ressaltar os aspectos que transcorrem. Que possuem elementos imóveis/fixos, a partir das questões abordadas dos fluxos (condução cotidiana para trabalho, estudo e outras atividades) em uma porção relativamente coerente ao território.

⁶ [...] a estruturação da rede urbana é importante elemento conferidor de particularidade à região nordeste do Pará, caracterizada principalmente por uma gênese da rede e dos centros urbanos [...] por uma densidade populacional, de núcleos urbanos apresentando inclusive três centros subregionais, Castanhal, Capanema e Bragança (IBGE, 2008); e de interligações rodoviárias, com destaque às rodovias federais BR-316 e BR-010; muito pouco comum para os padrões amazônicos. (RIBEIRO, 2015, p. 5919).

FIGURA 1: Mapa de drenagem do Rio Guamá



Enfatizando as funções e as inter-relações de mudanças e continuidades que o Rio Guamá exerceu/ou exerce, para com a cidade de São Miguel do Guamá. Com destaque a modernidade, a resistência de conexões no contexto urbano. É interessante que haja compreensão das referências materiais e simbólicas do passado, pois considera reconhecer suas distinções e seus elos a importância do presente. Como sinal de resistência de cidade-rio, permitindo registros em ligações, nas expressões na reprodução da vida social (COSTA, 2008).

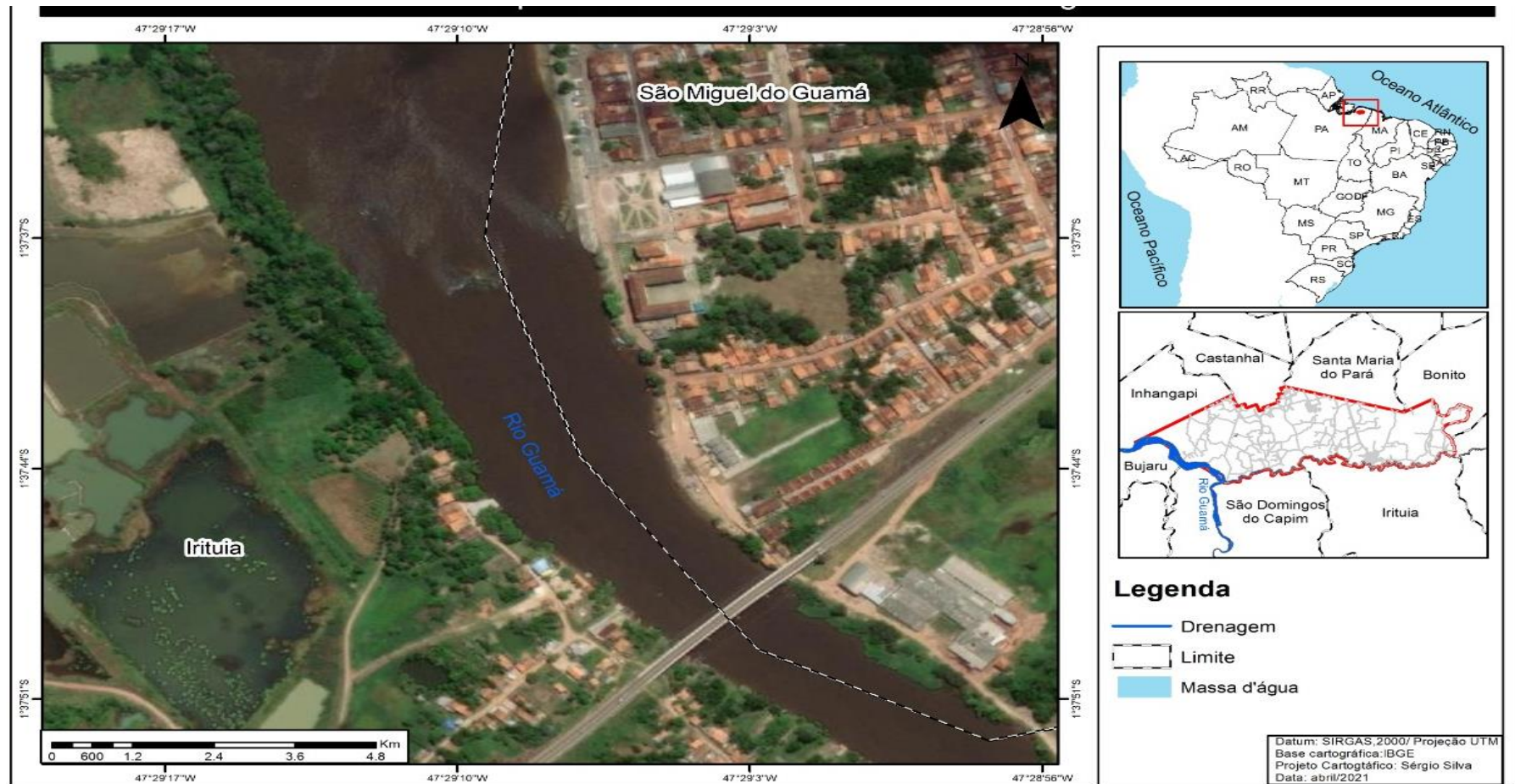
O processo histórico de ocupação do município, discorre em por períodos a garantir objetivos situados, em especial político e territorial. Desse modo, o impacto no desenvolvimento urbano, as funcionalidades e a movimentação dos elementos no espaço, sendo o conjunto de objetos naturais e artificiais, associados e centrados pelo resultado das ações humanas no respectivo lugar.

Nesse sentido, os marcos sociais e históricos possibilitaram para pesquisa evidenciar as distintas relações do rio e a cidade, no que diz respeito ao acesso/contato, atividades econômicas/turísticas e às políticas públicas inseridas. Quanto ao *lôcus* da pesquisa figura 2, alude ao perímetro urbano, levando em conta alterações e ligações constituídas às margens do Rio Guamá, com ênfase na categoria paisagem.

Assim, busca-se compreender as diferentes formas de usos e funções do Rio Guamá, importante na fundação do município e do polo da cidade, elemento central na reprodução da vida econômica, social e cultural. Analisando o recorte temporal a partir da periodização, que inicialmente concedeu a origem ao município, desde a sua configuração com ênfase aos anos de 1940 a 2022. Discorre sobre as características que antecederam a configuração atual, alude o processo de surgimento do núcleo urbano, aos limites do espaço estudado, encontra-se o tema da dissertação.

Sobretudo a valorização do rio, como contorno paisagístico, ilustra as expressividades que se manifestam em espaços reais ou imaginários, pois a paisagem e sua relação com a sociedade, entre cidade e rio, concebem o esclarecimento da forma de conhecimento do ponto de vista simbólico e seus devidos significados das imagens para os indivíduos sociais no contexto urbano.

FIGURA 2: Mapa de delimitação da área de estudo

DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO: DRENAGEM DO RIO GUAMÁ NO PERÍMETRO URBANO DE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ

1.2 TIPO E CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O desenvolvimento do presente estudo, bem como a compreensão na origem e consequências dos fenômenos estudados e responder questões norteadoras da pesquisa, optou-se pela pesquisa exploratória, pois proporciona maior familiaridade com o problema (explicitá-lo). Para Prodanov e Freitas (2013, p. 51), “[...] tem como finalidade proporcionar informações sobre o assunto a ser investigado, possibilitando sua definição e o delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa [...]” permitindo assim, maior adjacência com os fenômenos, por estar relacionada a grupos de pessoas que passaram por alguma experiência específica.

A escolha desse tipo de pesquisa contempla temas poucos explorados, “As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p. 27). Assim, exigem aproximação e a visão analisada sobre os fatos. Requer investigações amplas, preparação de hipóteses, levantamento bibliográfico com os assuntos que o trabalho aborda.

Contudo as observações são imprescindíveis para a compreensão dos fatos, a identificação dos fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos eventos com o objetivo de explorar a fundo alguma experiência vivida em condições precisas, acrescenta (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010).

Para Lakatos e Marconi (2003), os pesquisadores perscrutam as causas dos fenômenos, mediante a levantamento bibliográfico, a interação com pessoas experientes no problema pesquisado, essa técnica propicia situar o assunto na literatura acadêmica sobre o tema de interesse. Assim, aprofundá-lo com o suporte dos autores para explanações críticas e científicas sobre o tema: registra-se, analisa e classifica fatos observados e os analisa na realidade para que sejam revelados e visíveis. Assim, “[...] revela conexões do processo de codificação: “utilizada para caracterizar os dados relacionados, conforme a sequência: classificação dos dados, agrupando-os por determinadas categorias; atribuição de um código [...]” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 113).

Estima-se que a elaboração da pesquisa, por meio da análise de informações, produzidas, interpretadas e delineadas, por dados coletados no trabalho de campo,

proporcionará um estudo esclarecedor no campo científico, assim, constituíram o ponto de partida para o desenvolvimento desta pesquisa. No que concerne a relação cidade e rio, transportadas pelo passado, podem refletir no presente, conduzindo novas reflexões geográficas, inseridas na paisagem urbana de São Miguel do Guamá.

Segundo Deslandes (1994), o trabalho científico possui duas etapas: na primeira, implementa-se teorias, métodos e princípios e estabelece seus resultados; na seguinte, descobre e ratifica seu caminho, abandona certas vias direcionando-se a certos privilégios. O pesquisador precisa realizar o percurso investigatório, relacionando com a historicidade, construindo e aproximando-se do conhecimento, ampliando o desafio teórico para o domínio do uso do instrumento, mediante a confiabilidade e aplicabilidade desse conhecimento, ou seja, explicar a comunicação da experiência, organização e resultados alcançando a validade científica.

Com isso, é indispensável a elaboração de estudos que concebam o espaço dos movimentos e sujeitos sociais, diante das transformações. Perante a academia compete a responsabilidade de investigação científica, a compreensão e a elucidação do mundo, promovendo discussões e verdades científicas. Entende-se que a abordagem metodológica é um desafio para os pesquisadores, pois exige afincos para fins de esclarecimento e contribuir com as literaturas expostas, devidos reforços científicos e o treinamento. Uma vez que a pesquisa científica solicita criatividade, disciplina, organização e julgamento, desde o conflito permanente entre conhecimento e a ignorância (SPOSITO, 2004).

Com o propósito de responder aos desafios desta pesquisa, condizente a sua estrutura metodológica, a proposta é de natureza qualitativa, pois considera o grau de respostas obtidas, a riqueza de detalhes expressa na coleta dos dados, ocorrendo a interação da problemática, objetivos e as hipóteses, encaminham-se para análise qualitativa. Esse é o tipo de pesquisa que pretende elucidar os aspectos dinâmicos e individuais da experiência humana, desvendando a totalidade daqueles que estão vivendo o fenômeno (TRIVIÑOS, 1987).

De acordo com Gil (2008), a importância da pesquisa qualitativa para os pesquisadores, pois a posição reconhecida entre as várias possibilidades de observar os diversos fenômenos, que envolvem o ser humano e as difíceis relações sociais estabelecidas em ambientes, já que o pesquisador entra em campo, buscando absorver o fenômeno em estudo na perspectiva das pessoas envolvidas,

considerando os pontos de vista pertinentes, como a grupos sociais, organizações, instituições e trajetória vinculada.

1) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; 2) A pesquisa qualitativa é descritiva; 3). Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto; 4). Os pesquisadores qualitativos tendem analisar seus dados indutivamente; 5) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa [...] (TRIVIÑOS, 1987, p. 130).

Para Kauark, Manhães e Medeiros (2010), conhecer e se aproximar dos fenômenos em estudo, considerando a contribuição do conhecimento a partir de respostas coletadas, possibilitam o esclarecimento das indagações, revelando as inter-relações situadas, não são vistas como isoladas, bem como o método de abordagem, para responder às questões convergentes com o seu método de interpretação. Mediante as características qualitativas, mencionadas na pesquisa, referindo-se a perspectiva da realidade social não é um fato natural, sendo (re)produzido em diferentes condições no cotidiano das pessoas, possuindo ligações com as temporalidades existentes.

Para Gil (2008), tanto a pesquisa qualitativa, quanto a quantitativa são recursos importantes, ocorrendo complementações uma com a outra, direcionando aos objetivos do estudo. Outrossim, apresenta aspectos dos procedimentos quantitativos, que não se preocupam com a representação numérica do grupo pesquisado, assim os dados numéricos contribuem para base da investigação e explicação dos resultados da pesquisa. Fundamenta-se no desígnio a ser alcançado, ou seja, em benefício da pesquisa e não em benefício do pesquisador (LAKATOS; MARCONI, 2003).

De acordo com Suertegaray (2002), o objeto de pesquisa é composto pelas características próprias designadas pela pesquisa de campo, demonstra o objeto de pesquisa comportamental, para que os pesquisadores consigam observar a realidade, o sujeito que passará a interagir com outros sujeitos, neste caso, os geógrafos (pesquisadores), observam o mundo dinâmico, complexo e dialético. Por essa perspectiva, o trabalho de campo deve ser compreendido como um dos procedimentos metodológicos existentes, de suma importância, já que está

relacionado e sendo utilizado na pesquisa científica geral, como meio para atingir determinado objetivo declarado na pesquisa.

Segundo Prodanov e Freitas (2013), o trabalho de campo deve ser visto como uma atividade de pesquisa, desde a fase empírica que visa a coleta seletiva de dados das principais fontes locais, sendo estes dados primários a importância do trabalho de campo para os resultados da pesquisa científica. Por meio das verificações a campo, consideramos as inúmeras possibilidades de recortar e conceituar o espaço de acordo com as metas e objetivos definidos pelo objeto de pesquisa.

Desse modo, ramificar, analisar e conceituar o espaço, de acordo com o objetivo e finalidade da investigação científica, consegue promover a superação da dicotomia e da ambiguidade, das feições geográficas, razão pela qual o trabalho de campo não pode priorizar a exame de fatores naturais e não humanos, mas a interação dos mesmos. Com isso, o espaço global, e a particularidade de cada local não deve ser ignorada. Sendo assim, o guia da geração de conhecimento e orienta os pesquisadores para a realização de reflexões teóricas (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010).

1.3 ETAPAS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Nesse sentido, a pesquisa é de contínuo exercício de descoberta e curiosidade a respeito do desconhecido, aprofundando-se em temáticas gerais e específicas. Ressalta-se o progresso da inteligência acadêmica definida em mudanças e nas relações permanentes de conceitos e ideias, especialmente na interpretação de fenômenos e ideias, designados nas propostas de pesquisa e no processo de compreensão da ciência geográfica.

Para responder às questões abordadas e atingir os objetivos da pesquisa, é indispensável esclarecer a técnica de pesquisa e seus procedimentos operacionais. Por essa perspectiva, a obtenção de dados primários, bem como dos secundários em fontes diversas, a importância do projeto de pesquisa, em vista da significância e

produtividade mediante os aspectos e direcionamentos, conceitos e discussões teóricas, indicação e utilização de métodos e metodologias como contribuição na escolha dos procedimentos da ciência geográfica, buscando aproximação das questões-problemas.

Deste modo, acarretando debates sobre as relações de poder e planejamento do Estado e Territórios, de grande proveito ao possibilitar no âmbito das políticas públicas urbanas, na escala nacional, regional e local. Considerando o recorte espacial da área do estudo da cidade de São Miguel do Guamá, a produção de novas formas de gestão pública acerca da Geografia da Amazônia tem tido significativo arcabouço teórico, com densas leituras sobre os conceitos expressos nas principais categorias e suas temáticas atuais, conceitos pertencentes à ciência geográfica que constituem a pesquisa.

Com intuito de compreender os conceitos que permeiam o trabalho, a pesquisa bibliográfica histórico-conceitual, documental, empírica e fontes científicas publicadas, que dialogam com as temáticas apresentadas. Salienta-se os princípios teóricos, que norteiam a pesquisa e configuram os seguintes procedimentos metodológicos: levantamentos e análises bibliográficas “[...] livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, *internet*” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54).

Fundamentando-se em levantamentos teóricos e conceituais e de textos e consulta de documentos, bem como a Lei Municipal N° 352/2017 que “Define os Perímetros da Zona Urbana e de Expansão Urbana do Distrito Sede”. Suscitamos a importância em dados secundários, em especial originários da Diocese de Bragança-PA, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, e pesquisa de campo em São Miguel do Guamá.

Assim viabilizando novas reflexões e experiências, no que concerne à relação sociedade-natureza, com uma revisão em termos a bibliografia e a literatura relacionados ao processo metodológico da construção do estudo, principalmente métodos conceituais teóricos. O processo de ocupação e produção na região amazônica, redes urbanas e urbanização, transformação da paisagem mediante ação antrópica (BECKER, 1974, 2005). Nesse contexto, destaca-se a construção de novas paisagens, por meio de densas transformações suscitadas pela ação humana (MOREIRA, 2013), (SANTOS, 2006, 2008, 2014).

Com ênfase as especificidades e estratégias de ocupação nos contextos históricos e geográficos da região amazônica, na qual se identifica as cidades no processo de colonização, mediante as dinâmicas responsáveis pela formação (OLIVEIRA, 2006). Impulsionados pelas estruturas urbanas complexas, associadas às repercussões dos novos processos de ocupação, dinamizados pelas cidades novas e modernas, base de intervenção e de reprodução social ou relacionado às indigências de consolidação de novas estruturas territoriais dos grandes projetos minero-metalúrgicos, estes implantados na região e presentes na construção contemporânea amazônica (PORTO-GONÇALVES, 2010; 2017), (TAVARES, 2008).

Ressalta-se a criação de núcleos urbanos de apoio ao processo de colonização do final da década de 50, pontos esses vinculados ao eixo: fluvial, ferroviário e rodoviário, remetem à análise de forte relação e distanciamento dos respectivos eixos. Nesta discussão, especialmente Região Geográfica Intermediária de Castanhal no Estado do Pará (RIBEIRO, 2015). E posteriormente, a compreensão das cidades amazônicas localizadas às margens de rios, (COSTA, 2012), relações contidas na contribuição das memórias urbanas, teoria das representações sociais em São Miguel do Guamá.

Desse modo, os fenômenos de escala global (capitalismo mundial) e nacional (formação socioespacial) estão envolvidos e podem interferir na escala dos acontecimentos dos lugares globais e específicos da sociedade e das instituições pertencentes. Dessa maneira, a história do espaço geográfico não se limita ao estudo de momentos específicos e individualistas, mas a partir do contato que é construído de forma coletiva a princípio nas conversas informais e na vida cotidiana em um dado momento, através das memórias da cidade (ABREU, 1998).

Conexa a historicidade familiarizada de ocasiões (memoráveis), acentua-se a caracterização de paisagens que simbolizam as temporalidades socioculturais congêneres aos elementos naturais (ALBA, 2014). Permitindo compreender a chegada da população guamaense, entendimento sobre a paisagem, atividades existentes e a importância do rio, que se ajustam à proposta de desenvolvimento urbano, através das representações sociais (SILVA, 2019), (BRANCO; GUIMARÃES, 2005), e assim atender os desígnios da pesquisa.

Através de pesquisas documentais resgatadas, justifica a sua utilização em diversos campos das ciências humanas e sociais, pois permite ampliar a

compreensão de objetos que requerem contexto histórico e social cultural, a exemplo, na história de vida em reconstrução valorizada. Se emprega materiais que não foram analisados e processados pelos pesquisadores, ou seja, dados secundários. A análise da literatura, como uma das principais técnicas, sendo uma importante aliada para considerar os objetos, e o alcance dos objetivos da pesquisa.

Como elemento iniciador da pesquisa de campo, a realização da observação sistêmica, fundamenta-se na organização prévia para identificação do fenômeno, permitindo, assim, descrever as conexões relacionadas entre a cidade e o rio e a produção da análise urbana no presente. Reconhecer a importância do passado, o uso de entrevista, realização das observações, a eleição das categorias de análise, agilidade no procedimento de codificação, comparada à execução manual pensando na separação e no processo quanto o estudo caracterizado (GIL, 2008).

Com isso a essência do conjunto materializado se apresenta no espaço científico, com suas normas linguísticas e hierarquias internas, em vista da sistematização, reabilitação/inserção do senso comum, do saber popular, do conhecimento do cotidiano, e o prosseguimento ao conhecimento científico. É por meio da formação, consignação, redução ou/a extinção, que se observa a ordem de acontecimentos dos marcos históricos locais e regionais.

Por esse viés, a descrição interpretativa do modo de vida, das práticas socioculturais, religiosas, econômicas e políticas da realidade urbana de São Miguel do Guamá, a partir da observação direta, do tipo semiestruturada, foi selecionada, pois corresponde a investigação, relaciona-se com as temáticas da pesquisa. Assim, sustenta-se em teorias e hipóteses, pois os pesquisadores podem fazer perguntas com mais liberdade e conduzir o roteiro de entrevista, trata-se de uma técnica de investigação adequada para elucidar o comportamento cotidiano na forma em que realmente ocorre (TRIVIÑOS, 1987).

De acordo com Kauark, Manhães e Medeiros (2010), com mais flexibilidade, explora as devidas inquietações e da problematização, e possibilita ao informante mais liberdade, com ênfase as inter-relações ao relatar/expressar, estando à vontade para responder as perguntas que poderão ser levantadas, no entanto sem ignorar o roteiro proposto. As entrevistas e questionários foram aplicados para: moradores mais antigos, frequentadores do espaço, comerciantes que já

desenvolveram alguma atividade e outros agentes sociais, elucidados no decorrer da pesquisa.

A observação sistêmica contempla a organização, planejamento e a estrutura para análises dos objetos, como acrescenta (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 194) “na observação sistemática, o pesquisador, antes da coleta de dados, elabora um plano específico para a organização e o registro das informações. Isso implica estabelecer, antecipadamente, as categorias necessárias à análise da situação” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 104).

Portanto os questionários, assim devem apresentar linguagem clara, simples e objetiva, para que se possa compreender o que está sendo perguntado, necessitam da elaboração do pesquisador e devem ser preenchidos pelo informante. A utilização desses permitiu compreender a importância de atividades realizadas beira-rio e a significância do Rio Guamá, transporte e a orla fluvial.

As produções cartográficas (mapas), através do SIRGAS 2000, são direcionadas: para análise do perímetro urbano, identificação do *lôcus* da pesquisa, delimitação dos limites territoriais do município, análise do centro histórico, ocupações recentes às margens do rio (bairro), obras (políticas públicas), o crescimento urbano em diferentes períodos (bairro) vias, e os problemas ambientais decorrentes da ação humana, entre outros.

Assim, o andamento, etapas e a fundamentação teórica e empírica, através do cronograma da dissertação, assegurando estrutura metodológica, como: trabalho e pesquisa de campo, bem como entrevistas com sujeitos categorizados a partir da transcrição, com objetivo de agilizar o processo de reprodução se utilizou (*Voicemeeter 1.0.5.6 EXE file*).

Dessa maneira, Sousa (2018) adverte sobre a proximidade lexical das ideias e das palavras empregues em contextos semelhantes, associando-as às representações sociais, para que as informações textuais coletadas possam ser processadas qualitativa e quantitativamente de acordo com os objetivos.

Visando a coleta e análise de dados, com ênfase no compartilhamento do conhecimento por meio da tecnologia, prioriza-se a organização e eficiência nas etapas da pesquisa (CAMARGO; JUSTO, 2013). Assim, o uso do *software IRAMUTEQ* permite a interpretação e compreensão específica na linguagem de dados contidos, em pensamentos, crenças e opiniões, experiências, resultando em

conteúdo simbólico. Com destaque, aos grupos (I, II e III) observados em *lócus*, o georreferenciamento de dados coletados, para categorizar discursos, entrevistas descritivas, analisando os discursos e correlações dos assuntos presentes priorizando a pesquisa qualitativa.

O desempenho do *software* em pesquisas qualitativas no campo das ciências humanas, possibilita análises, geradas através de entrevistas, documentos, estatísticas de texto, possui riqueza de detalhes, tornando-se ferramenta no tratamento de dados, aos princípios da relação à fonte do ambiente e diálogo direto, relacionado a um determinado fenômeno inserido e sua representação para os grupos analisados (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Mediante análise de texto, colabora no reconhecimento dos materiais produzidos por um determinado agente característico ou coletivo (individual ou grupos), para fins comparativos, quanto ao relacionamento de diferentes produções e funções que descrevam as variáveis específicas das indagações. O conhecimento empírico apresenta contribuições no sentido de estabelecer o envolvimento do conhecimento cotidiano e científico, por meio de observações e vivências, que são de expressiva importância (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 113).

Apresenta-se a organização do espaço urbano, a distribuição e ocupação do solo nas proximidades do Rio Guamá, mencionando o crescimento urbano, o uso de novos objetos e suas funções, bem como a desígnio de expressar o espaço da importância e a visibilidade do Rio Guamá para os moradores e seus respectivos grupos. É interessante ressaltar, sobre a consulta a trabalhos acadêmicos para que pudessem elucidar os períodos históricos e dinâmica inserida. No entanto, foram escassos os trabalhos encontrados.

Para fortalecer as indagações da pesquisa, no que compete as ações do poder público a participação da gestão pública e da sociedade, observando as políticas públicas e os projetos que atuaram na produção de novas paisagens no espaço urbano, para fins de compreender as atividades que outrora eram realizadas entre cidade e o rio. Essas evidenciam importantes mudanças urbanas no contexto atual, das relações entre São Miguel do Guamá e o Rio Guamá.

Por esse viés, foram de grande relevância as entrevistas realizadas, pois tiveram como intuito compreender a história de vida, o esclarecimento e entendimento das interações vinculadas a trajetórias espaciais e temporais e o

aparecimento das relações entre cidade e rio. Assim concedendo o fornecimento de dados primários fundamentais para a concepção dos indivíduos que abrangem temas sociais, em especial as memórias na produção espacial.

Nesse contexto o trabalho de campo permitiu a análise, sobre a formação do espaço social da cidade em estudo, as formas de ocupação que se materializam nos fragmentos da cidade, revelando sua vertente ribeirinha (períodos), transporte fluvial, acesso e utilização do rio, revelando as movimentações diárias no passado: atividades econômicas estabelecidas, funcionalidades do centro histórico e os aspectos religiosos. Considera-se a construção da ponte e a Rodovia BR-010, na identificação da estrutura física da cidade, bem como as construções (históricas), que influenciam a dinâmica urbana e a paisagem local guamaense.

Com isso, as descrições densas da realidade visível associadas a épocas (distintas), de maneira a evidenciar as experiências vividas e percebidas para a reconstrução da memória local, foram elaboradas perguntas (abertas e fechadas) contidas no Apêndice A, em diferentes aspectos com a participação dos moradores nascidos entre os anos de 1940 a 1965, que denominaremos de Grupo I.

Priorizando os objetivos e a hipótese que sustentam o trabalho, acreditamos na importância das fotografias para que pudessem identificar as relações e as atividades supracitadas, entre cidade e rio. Com essa finalidade, por meio da rede social, *Instagram*, houve compartilhamento sobre a importância e a necessidade das fotografias, para que fossem anexadas na pesquisa, existiu amplo apoio e propagação da informação pela população guamaense, na qual foram concedidas fotografias do acervo pessoal.

O entendimento dos espaços, desde a incorporação e formação das atividades econômicas urbanas, situadas às margens do Rio Guamá, em especial a proprietários de pontos comerciais e vendedores informais, denominado de Grupo II. O registro de entrevista na relação entre sujeitos mencionados acima e o poder público municipal, no que concerne a gestão e o planejamento, por meio das políticas públicas. No que tange às práticas cotidianas, e à movimentação no local, à importância rentável devido à localização, às mudanças estabelecidas ao longo dos anos, o ritmo das atividades econômicas inseridas, às formas de uso e apropriação da orla fluvial e sua relação com o rio contidos no Apêndice B.

Para compreender os fenômenos em estudo, passivos de mudanças e distintas representações no contexto atual, as analogias estabelecidas nos aspectos econômicos, político e culturais, sobretudo com a participação de sujeitos que moram ou visitam a cidade, o rio e a orla, através das representações sociais, denominou-se de Grupo III. À vista disso, procurou-se identificar as relações e funcionalidades do rio para cidade, movimentações, transformações e suas interdependências, visando compreender as atividades diárias inseridas.

Por uma visão das práticas cotidianas, com os objetos/simbólicos que marcam as relações sociais que registram a vivência dos sujeitos, e os elementos inseridos a partir dos aspectos culturais, ambientais, turísticos que caracterizam a paisagem local por meio das representações sociais. Foram elaboradas perguntas (Apêndice C) com intuito de compreender as relações estabelecidas e as perspectivas citadas acima.

1.4 FORMA DE ANÁLISE DOS DADOS E MÉTODO DA PESQUISA

Segundo Gil (2008), o conjunto de interpretações em processos complexos totalizante da realidade, considera fatos em análise, não são capazes de serem identificados isoladamente, pois possuem influências de diversos fatores, como: política, economia e cultura, entre outros. Para exposição dos resultados, sem influências por parte do pesquisador para atender os objetivos, sendo imparcial nos resultados. Desse modo, as pesquisas científicas conseguem cumprir seu papel, oferecendo mais credibilidade na investigação de fenômenos naturais e da sociedade.

De acordo com Marques e Martins (1998), a generalização da vivência na cidade não pode ser observada como homogênea, pois as representações, elos e temporalidades, são distintas pela sociedade. Assim, as relações constituídas são capazes de se diferenciar em cooperativas ou dominação/conflituosa através da interação dos sujeitos. Para Lakatos e Marconi (2008), os elementos não permanecem em separação, isolamento ou independência, mas existem como um todo (universalidade e coerente). Diante da natureza e sociedade são compostas

por objetos e fenômenos que estão explícitos e ligados, que dependem um do outro e ao mesmo tempo se reduzem.

Para Triviños (1987), as explicações com mais descrição, consente conhecer o fenômeno ou objeto para eventuais investigações em diferentes aspectos. Sendo coesa, sobre o ponto de vista científico, para os fenômenos da natureza juntamente com a sociedade, aplica-se a passagem da quantidade para qualidade. Conforme Sposito (2004), na investigação dos fenômenos naturais e sociais, alguns procedimentos que se emprega se distingue dos demais, pois priorizam o nível de qualidade. As presentes transformações acontecem por meio das contradições, possuindo mudanças qualitativas a qualquer período, já que as variações nos fatos, nem sempre são quantitativas.

Por esse viés, tudo está em movimento, existindo "dois lados" (quantidade e qualidade, positivo e negativo, antigo e novo), um se transforma no outro, a luta dessas contradições é o conteúdo do processo de desenvolvimento (PRODANOV; FREITAS, 2008). Explanam sobre a pesquisa qualitativa, já que considera, a relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, existindo uma ligação inseparável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não pode ser convertida em números.

A estrutura econômica e social, do modo de produção capitalista, está associada à especialidade e à singularidade histórica, principia da totalidade homogênea, havendo combinações, que se propõe a compreender tais ocorrências, a fim de fomentar e reconhecer abrangência da história do lugar, mediante as relações existentes. Pois a cidade é uma das aderências que estabelecem vínculos com os indivíduos, em diversos grupos sociais (ABREU, 1998).

Para Silva (2019), a memória, percepção, encadeamento ou desregulação da informação, fomentam diversos aspectos da vida social (como valores, normas, símbolos e tradições), esses processos suscitam conhecimento no contexto social, pois são elementos adquiridos pelos indivíduos por meio de suas experiências. Apontando as relações sociais, na família, em grupos de amigos, no trabalho ou em outras áreas de uma determinada cultura, com ênfase a experiência direta da vida cotidiana.

Com ênfase a discussão sobre a memória, a ciência se unifica ao senso comum dos indivíduos, sendo capaz de questionar assuntos tradicionais. Deste

modo, formas habituais de pensar ocasionam novos conhecimentos em categorias socialmente construídas, assim o papel da memória na estrutura simbólica possibilita ao homem contemporâneo compreender o mundo em que vive.

Outrossim, os grandes marcos sociais da memória com destaque, ao tempo, espaço e a linguagem, como conceitos de pensamento desenvolvidos que transcorrem por culturas. Essas categorias atingem o indivíduo por meio de seu grupo e constituem marcos sociais circunscritos (ALBA, 2014).

De acordo com Abreu (1998), o sujeito no centro do esquema, constrói marcos sociais colocam a lente através da qual o mundo é visto, presente e passado, suas ideias por meio das categorias sociais: conceitos e elementos do sistema de representação do grupo. O processo de construção da representação requer um apelo ao passado, à história e à memória, à especificidade do presente em compreender a memória através do conhecimento. A pré-construção que atua na aquisição de informações e novos conhecimentos do cotidiano, para identificar o que do passado se insere na nova representação e a marca do passado.

Com exemplificação, a memória seria como um edifício em que diferentes salas guardam alguns números de imagens ordenadas, uma evocação precisa palavra por palavra, uma exigência que se encaixa na lógica da escrita. Em uma sociedade de memória oral, a dimensão narrativa é priorizada. Assim as memórias comumente são reconstruídas pelo narrador, ressalta-se que as memórias mecânicas, não são apreciadas, pois estas não permitem a interação e prolongação de conversas (DELGADO, 2003).

Todavia a memória das imagens a certos lugares, aproxima-se ou se conecta, onde as imagens seriam reunidas de maneira associativa para facilitar o acesso quando fossem, evocadas suportados pela memória, envolveriam construções físicas e momentos históricos. De tal modo, o espaço histórico-linguístico possibilita revelar os elementos simbólicos da vida social e, por meio da sociedade, conhecer o que compõe elemento de união entre seus membros.

De acordo com Alba (2014), é por meio da apropriação de uma série de saberes, acontecimentos e discursos que confrontam o sujeito que ocorre a transição da sociedade para o indivíduo sendo mútua. Essas representações inseridas no: espaço, história, linguagem e tempo também refletem a expressão do sujeito, incluindo todas as suas experiências de vida, seu passado e sua criatividade.

Em vista da compreensão e interpretação da movimentação dos sujeitos, aludir a dimensão espacial da formação sociocultural e a representatividade das relações, (TRS)⁷, se aplica em todos os níveis da formação do conhecimento de caráter investigativo, a datar à construção da teoria, a análise empírica e no aprendizado social (MOSCOVICI, 1978).

No entanto é na psicologia social que as representações sociais recebem uma teorização, desenvolvida por Moscovici. Essa teorização introduz uma ferramenta em outros campos como saúde, educação, ensino, meio ambiente, até sugestões teóricas diversas. Portanto, ambos são adequados e indispensáveis à vida humana, apesar de apresentarem finalidades distintas, tornando o conhecimento útil e objetivo para todos, enriquecendo o sistema de interpretação.

A TRS de Moscovici, apresenta-se como um quadro conceptual flexível, pois admite analisar as representações sociais a diferentes níveis: nos indivíduos, nos grupos que a incumbem as grandes estruturas sociais ou institucionais. Como questionamento central, a TRS dispõe-se a conhecer, como os sujeitos constroem suas representações a partir de suas experiências, relações com os diferentes grupos, seu lugar na estrutura social e devido a conhecimentos formais e informais.

Moscovici (1978) desenvolveu o conceito de representação social para explicar o comportamento social de um determinado sujeito, a sociedade contemporânea, em relação aos processos de comunicação e informação social. A TRS operacionalizava um conceito que trabalha com o pensamento social em termos de dinâmica e diversidade. Como premissa, a existência de diferentes formas de conhecer e comunicar, guiadas por diferentes objetivos, formas de fluxo.

Dessa maneira, sugere um método de análise que oferece maior flexibilidade e dinamismo, os coloca no contexto da sociedade contemporânea, e os correlaciona com as novas formas de pensar que suscitam a sociedade atual (conhecimento científico, ideologia). Assim construindo suas próprias representações com certa

⁷ Teoria das Representações Sociais (TRS), seu ponto de partida resulta pela autonomia da representação coletiva dos parâmetros vinculados à sociologia e antropologia, no ponto de vista da psicologia social, conceituando sua origem. Desse modo, é o fenômeno social que envolve a representação das propriedades concretas e compreensíveis. A representação coletiva é a configuração como um grupo reflete sobre sua relação com os objetos que os afetam, das particularidades às relações entre os indivíduos no cotidiano/diário. Assim a representação social, consistir na estrutura da vida social, com características de relações entre sujeito e grupos sociais (MOSCOVICI, 1978).

flexibilidade, combinando diferentes conhecimentos à sua maneira. Ao reconhecer que as representações são simultaneamente geradas e adquiridas, tornando-as dinâmicas e perdem o caráter estático.

Para Moscovici (1978), as representações não são mais a compreensão da tradição, assinalam a inovação, nem a vida social que se formou, mas o processo de construção, quanto a vivência, experiência e conhecimento. O processo de construção da realidade é constante, pois os indivíduos e grupos conduzem distintas interações, assim o contexto social é determinado por valores, normas e percepções compartilhadas.

Desse modo, a psicologia social estuda as representações sociais, os objetos de pesquisa, a relação dos indivíduos com a sociedade e o interesse pela cognição em seu campo: reflete como os indivíduos, grupos, agentes sociais estruturam seu conhecimento de acordo com suas inscrições sociais, culturais etc. Por um lado, como a sociedade se propõe a conhecer e construir esse conhecimento com os indivíduos, por meio da comunicação, com as interações orais e simbólicas.

À vista disso, podem ser observados no nível individual e coletivo; os processos de comunicação são considerados a sua construção. Pois, a imagem publicada, não apenas fornece uma estrutura conceitual importante para o estudo das sociedades, tanto em termos de como elas pensam e se comportam, mas também fornece estratégias metodológicas para investigar as representações sociais, levando em consideração as características numerosas e contraditórias, ou seja, a geração simultânea de flexibilidade e estabilidade, persistência e mudança, continuando a confiar no passado (PALMONARI; CERRATO, 2014).

De acordo com Gil Filho (2003), o espaço representacional do campo no consenso, a expressão do campo específico da consciência coletiva e o momento típico em que os atributos das coisas se tornam realidade objetiva, quanto a força, objeto e evento independentes de desejos, nos quais a imparcialidade e a precisão intelectual se agregam. O espaço representacional é vivo/real, inserindo o espaço virtual com conexões culturais, locais de ação e contextos da experiência imagens e da difusão das ideias.

A presente pesquisa, através da categoria paisagem sobre análise da geografia cultural, relaciona-se à multiplicidade dos tempos, historicidade, socialidade e espacialidade nas inter-relações entre a sociedade e as interações com o espaço.

Segundo Prodanov e Freitas (2008), a construção de trabalhos científicos exige coerência, consistência, originalidade e objetivação naquilo que se deseja pesquisar, com responsabilidade e sensatez.

Em vista disso, a singularidade e particularidade desta realidade se destacam, pois transcorrem dos desdobramentos de processos existentes a nível regional e local da herança do passado, quando a estrutura urbana era dependente por intensas relações nos centros urbanos se locavam originalmente à beira do rio, revelando as questões socioespaciais. Assim, é interessante analisar os processos e as interações, sejam esses internos ou externos, contribuindo para a identificação do espaço: passado, presente e perspectiva futura (COSTA, 2012).

Portanto o espaço pode ser considerado como um conjunto de ações concretizadas nas funções e nas formas, contidas na história em processos colidentes do passado e presente. O princípio empírico na elaboração da pesquisa, inserindo na problemática, na qual envolve-se materiais bibliográficos acadêmicos e técnicos que retratam a história da cidade de São Miguel do Guamá, revelando particularidade, no processo de urbanização, e assim identificando as mudanças na estrutura urbana desta cidade.

Menciona-se os fragmentos históricos que apontam as dimensões materiais e simbólicas na reprodução da vida social. Segundo Suertegaray (2002, 2019), a questão simbólica é bem ampla, pois interage e se faz presente em numerosas linhas de análise, uma delas é a paisagem, elemento este que realiza a mediação de registros da experiência e a comunicação, a vida humana das emoções é transformada nas situações diárias das pessoas, estejam situadas na margem de um rio, em uma várzea.

Desse modo, a discussão sobre urbanização se apresenta mediante a transição de centros econômicos locais, constituídos de comércios, da movimentação diária, bairros e serviços, concerne à expansão urbana da cidade. A importância do cenário histórico e econômico no processo de colonização, a localização do rio em área urbana. Assim, refere-se às ações relacionadas a participação conjunta do governo municipal e estadual, em vista do desenvolvimento de projetos, ações e fiscalização de atividades exercidas e influenciadas pelas atividades humanas.

2. A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DAS CIDADES AMAZÔNICAS: RELAÇÃO PAISAGEM, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Este capítulo incide na compreensão dos pressupostos teóricos a partir da interação histórica e das distintas temporalidades inseridas na discussão proposta por esta pesquisa. Propõe-se compreender o processo de ocupação da região amazônica contemplando o interesse geopolítico, em vista dos objetivos fincados para o avanço das atividades econômicas, onde novos rearranjos surgem com a proposta de integração e desenvolvimento. Os modelos de urbanização também ganham relevância, com o surgimento de núcleos urbanos, ressaltando aspectos excludentes, identificados em processos históricos, geográficos e culturais apresentando reflexões e análises no presente estudo.

O espaço vinculado à ciência geográfica, que nos concedem múltiplas concepções, do espaço socioespacial. As discussões sobre o espaço na geografia indicam que esse é visto como categoria universal, associadas a relações permanentes ou temporárias, identificadas na investigação de cada lugar, não podendo ser generalizada, sendo vista como análoga, já que se difere nas relações vividas e percebidas, tornando o espaço propício a mutações com permanência de elementos inseridos nas discussões sobre conceitos de memórias e representações sociais, no contexto local e sua relação com o rio. Tendo como suporte as reflexões teóricas sobre o espaço social e sua contribuição enquanto instrumento de investigação a ciência geográfica no campo das ciências humanas.

2.1 O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO E OS GRANDES PROJETOS

Sabe-se que a Geografia enquanto ciência, procura compreender as relações materiais e imateriais presentes na relação homem e natureza. De acordo com Santos (2008, p. 31), o espaço está em contínua transformação, seu processo evolutivo é “ao mesmo tempo um efeito e uma condição do movimento de uma sociedade global”.

Referindo-se à importância da geografia na identificação das mudanças. Santos (2006) explica que compete à disciplina estudar esse conjunto indissociável de sistemas de objetos e ação que formam o espaço. Sabendo que a evolução social é consecutiva e de modo direto, relaciona-se com a natureza, compete à geografia apontar novas possibilidades de organização e gestão do meio, já que é fundamental o equilíbrio, na relação homem-natureza.

Conforme Santos (2014, p. 29), “como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento”. O espaço possui aspectos solidários e contraditórios, contido de objetos e ações, que não podem existir separadamente, mas como amplas correlações na história.

Conforme Santos (2006, p. 26), “valor de um dado elemento do espaço, seja ele o objeto técnico mais concreto ou mais performante, é dado pelo conjunto em sociedade, e se exprime através da realidade do espaço em que se encaixou”. Portanto, cada espaço será visto de acordo com critérios de avaliação ao processo de exploração “sua importância decorre de suas próprias virtualidades, naturais ou sociais, preexistentes ou adquiridas segundo intervenções seletivas. Como produção se mundializada, as possibilidades de cada lugar se afirmam e se diferenciam em nível mundial” (SANTOS, 2014, p. 32).

Fomentando a discussão sobre o espaço, para fins da compreensão do contexto histórico, político e social em efeitos teóricos, conceituais e metodológicos, dirige-se à formação da região amazônica, pois é inspirada em contribuições científicas recentes, ricas contribuições do conhecimento histórico de diferentes povos/nações/etnias/grupos/classes sociais (PORTO-GONÇALVES, 2017). Entre o início do século XVII e meados do século XIX, a partir desse período os brasileiros passaram a organizar o território, em especial o período que ocorreu a invasão holandesa na região Nordeste, Pernambuco e Maranhão, os portugueses sob ameaça se organizaram para ocupar áreas próximas da região amazônica, que também despertava interesse pelas matérias-primas das drogas do sertão⁸.

⁸ “Estas passam a ser chamadas de “drogas do Sertão”. As principais eram: a) urucum; b) pau-cravo; c) guaraná; d) castanha-do-pará; e, e) cacau. O último, como já dito, era certamente a mais importante das “drogas”. (SOMBRA, 2021, p. 168)

A história das transformações socioeconômicas e espaciais da Amazônia está diretamente ligada aos produtos naturais nesta região encontrados e também às diversas formas de como estes eram explorados. Das drogas do sertão, passando pela borracha e chegando à mineração, os ciclos de exploração dos recursos naturais amazônicos imprimiram diferentes marcas no território. Diversos autores dividem a história econômica da Amazônia de acordo com os ciclos de produção vigentes, ligados aos recursos naturais (SOUZA, 2015, p. 51).

Assim, surgem cidades que mais tarde se tornaram capitais como São Luís do Maranhão (1615), Belém (1616), Macapá (1636) e Manaus (1665). Em 1621, o Estado do Maranhão e Grão-Pará, com sede em São Luís, é criado para fortalecer a atuação portuguesa na região. No entanto, em decorrência da importância econômica que Belém recebia e pela proximidade com as áreas onde se exploravam.

Considere-se que, desde que os invasores europeus chegaram à região até os anos 1960, prevaleceu o que os historiadores chamaram de ciclo das “drogas do sertão”, onde centenas de produtos conformavam uma pauta de exportações onde nenhum produto ultrapassava mais que 3% do total exportado, com exceção do curto período de 1870-1910/1920 do ciclo gomero (borracha/ caucho) (GONÇALVES, 2017, p. 41).

Dessa maneira, cria-se o Estado do Grão-Pará e Maranhão, desta vez com sede em Belém, apesar de ser uma capitania do Brasil, os seus vínculos administrativos eram diretamente ligados a Portugal, até a independência do Brasil (TAVARES, 2011). À medida que a ocupação portuguesa surge, novas cidades vão surgindo e ocupando as margens ao longo dos rios, ao mesmo tempo, uma massiva campanha de violência contra os indígenas ocorre para que eles não façam alianças com estrangeiros e enfraqueçam à Coroa portuguesa.

As principais atividades econômicas possuíam caráter extrativista, e não houve implantação de uma larga monocultura, bem como a base da reprodução da força de trabalho (de produção dos custos de reprodução da força de trabalho) não se deu pela expansão do gado em grandes áreas, com a pequena policultura margeando o latifúndio pecuário espalhado pelos vales sertão adentro, e adentrando pequenos vácuos nas monoculturas litorâneas. (SOMBRA, 2021, p. 176).

A proteção do território amazônico e a captura de indígenas, passa pela construção de fortes, no século XVIII, além disso, introdução de missões religiosas, na realidade, explorar a força de trabalho, pacificar os povos indígenas e evitar conflitos com os portugueses. Os jesuítas, que tinham poder de gestão por parte da Coroa, foram os principais responsáveis pela catequização e passaram a conquistar mais aldeias a montante dos rios, fortalecendo o caráter geopolítico do período.

Até esse período as missões religiosas possuem caráter importante na catequização, destinavam-se a pequenos povoados às margens dos rios. Nesses locais se desenvolviam atividades agrícolas ensinadas pelos jesuítas, mas com readaptação às formas de vidas na floresta, que diretamente apresenta mudanças nos modos de vida, uma nova configuração estava se inserindo. Essas formas de organização em que o conhecimento dos jesuítas se encontrou com os conhecimentos indígenas, deu base à formação social da Amazônia, porém nada harmoniosa. Para isso houve expulsão dos jesuítas, ocupando as áreas de missões e transformando em vilas, e estímulo da Coroa pela miscigenação entre portugueses e indígenas, consolidando a atuação portuguesa na região.

A transformação das antigas missões em vilas foi somente formal, porque de fato o que ocorreu foi a desestruturação da organização produtiva dos religiosos. Em consequência, se verificou o esvaziamento populacional dos núcleos do vale do rio Amazonas e a permanência de uma população residual que subsistia por uma associação de economia de subsistência com a 'economia natural' local. (TAVARES, 2011, p. 111).

Segundo Porto-Gonçalves (2010), no processo de colonização da Amazônia promoveu diversas modificações, onde cada ciclo econômico colaborou em partes para surgimento de vilas e cidades com infraestruturas associadas a cada época, seja pelas Drogas do Sertão no século XVIII que fortaleceu mercados às margens dos rios ou a urbanização promovida durante o ciclo da borracha no final do século XIX, trazendo infraestruturas semelhantes às europeias (ferrovias, palácios, avenidas, bondes etc.)

Dessa maneira, novas explorações e consequentemente movimentações na região amazônica ocorrem após o final do século XIX, com a valorização da borracha no mercado europeu, o período em questão trouxe novos ares às cidades de Belém e Manaus, que vivenciou um bom período econômico e revigoramento da sua rede urbana, agora com novas estruturas de circulação de pessoas e mercadorias ao longo da floresta.

Para Santos (1980), a estrutura espacial é, também, o passado no presente e funciona em respeito às leis atuais, mas o passado está presente. Entende-se que as reconfigurações pelas quais passam a Amazônia é reflexo das transformações ocorridas no passado, de modo que, suas infraestruturas, suas desigualdades e seus conflitos só podem ser amenizados se compreendermos o espaço como produto das

transformações humanas ao longo dos séculos. Além disso, a circulação de dinheiro estava mais concentrada em Belém, Manaus e no mercado internacional, fazendo com que nas demais áreas da região, apenas a extração da borracha fosse predominante.

A região amazônica é palco de interesses estadunidense e europeus e apesar do ciclo da borracha ter apresentado ao mundo as riquezas naturais e a capacidade de crescimento econômico, através do Látex, os agentes internos não conseguiram superar o isolamento e as dificuldades de acesso à região, que não permitiam conhecer a realidade local com maior profundidade.

Todavia, este curto ciclo entrou em derrocada já no início do século XX, sendo superado pela Ásia e passando pelo processo de isolamento em relação às outras regiões brasileiras. Só após os anos 1930 é que se vivencia formas de modificações na estrutura territorial brasileira, visando romper com os arquipélagos regionais, e assim, organizar o mercado interno e expandir relações econômicas.

Assim é ilusório observar a Amazônia apenas sob o ponto de vista ecológico, pois a região possui múltiplas características associadas à sua formação social. Essas características são resultantes das transformações socioespaciais ao longo dos séculos, a constante mudança do espaço também trouxe novos conflitos, tornando a questão amazônica mais proeminente e dimensionada em referência a povos/estados/nações/grupos/classes sociais e contextos ambientais séculos, pois as constantes modificações no espaço trouxeram também novos conflitos.

De acordo com Santos (2014), o modo de produção vigente contribuiu para a reprodução de paisagens humanizadas com as formas de organização do passado e do presente, pois é no entendimento das estratégias da disposição anterior. Segundo Porto-Gonçalves (2017, p. 63), “A Amazônia também tem passado por intenso processo de urbanização nos últimos 30/40 anos e, assim, há uma demanda crescente de energia da própria região”. Na Amazônia, os grandes investimentos em infraestrutura geraram não somente exploração dos recursos naturais, mas surgimento de cidades e alterações nas formas de organização urbana.

Ao longo de sua história, a Amazônia tem gerado sempre mais recursos para fora (Metrópole e Federação) do que tem recebido como retorno; tem sido, permanentemente, um lugar de exploração, abuso e extração de riquezas em favor de outras regiões e outros povos. Mesmo nos últimos trinta anos, quando grandes investimentos foram feitos em infraestrutura, estes visaram

possibilitar a exploração de riquezas em favor da Federação. (LOUREIRO, 2002, p. 108).

Com a chegada de Vargas em 1930, as políticas de integração nacional são apresentadas, através de novas possibilidades para que a Amazônia não estivesse como uma região à parte do Brasil. Mas foi com Juscelino Kubitschek que, a partir dos anos 1950, as primeiras obras foram executadas com objetivos de explorar economicamente a região e integrá-la ao restante do país, neste contexto destacamos a construção da rodovia Belém-Brasília⁹, destaque na discussão da pesquisa. Desde então, as configurações da região amazônica passaram a atender uma estrutura geopolítica alinhada à lógica capitalista (BECKER, 2005).

Todas as modificações presentes no espaço são resultado de acontecimentos relacionados às formas de organização espacial que ocorreram em diferentes períodos. De acordo com Santos (2008, p. 22), “a história não se escreve fora do espaço”, ou seja, a história não pode ser a-espacial, cabendo à geografia e às ciências do espaço interpretar a realidade espacial, ou o espaço do homem a partir dos fatos históricos mundiais e nacionais, e propiciar debates pertinentes aos acontecimentos.

Para Tavares (2008), a produção territorial tem seu ponto de partida em relações estabelecidas forte com o passado. Pode-se pensar a respeito da história da região amazônica, por meio das formas de organização do processo de formação, que se inicia com a chegada dos portugueses de encontro com os grupos que aqui já estavam presentes. À medida que o tempo foi passando novos ciclos econômicos foram ocorrendo, deixando amplos sinais, isso ocasionou diferentes percepções sobre a organização territorial.

Do ponto de vista das infraestruturas urbanas introduzidas na Amazônia brasileira, entende-se que o período da borracha foi promotor dessas modificações, pois não apenas as navegações estavam presentes, mas outros meios de transporte, como ferrovias, contribuíram com o surgimento de vilas, não somente às margens dos rios, mas às margens das estradas de ferro e posteriormente as rodovias (PORTO-GONÇALVES, 2017).

Por esse viés, mudanças estruturais durante a ocupação da região amazônica começou em 1960 e é composta principalmente por um plano de desenvolvimento

⁹ A conhecida BR-010 é uma rodovia radial brasileira que se inicia em Brasília-DF e chega até Belém-PA. Embora se inicie em Brasília, a BR-010 ganha o nome de "Rodovia Belém-Brasília" apenas no intervalo entre Estreito (MA) e Belém (PA).

visando a integração da área com outros limites do país. Essas alterações são feitas por uma ocupação populacional irrestrita impulsionada pela migração espontânea ou estimulada pela instrução colonial, resultado de uma combinação dos dois benefícios fiscais, bem como rodovias e grandes Projetos de Mineração (BECKER, 2005).

Porém, a ocupação e construção de cidades na Amazônia, veio acompanhada de um intenso processo de exploração da vegetação nativa e aumento dos conflitos. Se a migração nordestina já foi um fator durante o ciclo da borracha. Sendo fator primordial para planejar formas de integração da região amazônica, desse processo que se inicia novas reconfigurações na região que vivenciou fortes ondas de exploração a partir de 1960. Com a abertura da Transamazônica e criação de projetos voltados à exploração mineral, essa migração foi intensificada a outras áreas, sobretudo as mais afastadas dos grandes centros urbanos.

“A reestruturação da rede urbana e os novos papéis conferidos às cidades confirmam a dinâmica de uma nova estrutura produtiva e do mercado de trabalho na Amazônia Oriental, o que implicou, necessariamente, na ruptura de antigos padrões de organização espacial”. (TRINTADE JR., 2016, p. 47).

De acordo com Carlos (2007), no terceiro terço do século XX foi alcançada a urbanização brasileira. Esse fato ocorreu em decorrência dos investimentos realizados nas grandes cidades e modificações nos espaços rurais. A cidade passou a ser palco e principal fonte de serviços, por estas concentrarem empregos no terceiro setor para uma população com baixa qualificação. Em maior ou menor proporção, foi por conta dos avanços das infraestruturas de integração nacional que surgiram e cresceram as cidades.

A preocupação foram duas: construção de projetos para obtenção de lucro e ocupação da região, como forma de assegurar a soberania nacional. Nota-se que há uma preocupação com a segurança amazônica e com investimento em infraestrutura, mas pouco ou quase nada se aponta para desempenhar propostas de desenvolvimento com participação dos povos que estavam presentes na região e que entendem na prática a dinâmica local. Nesse caso, retrata o que se caracteriza por perda, mesmo que não efetiva, das características rurais da população que reside às margens dos rios.

A construção de estradas/hidroviias/ferrovias/portos, facilitam a movimentação de mercadorias dentro de um espaço geográfico, estimulando a produção e

acumulação de capital. Em última análise, altera a dinâmica da população, pois a promoção de projetos de desenvolvimento na Amazônia é justamente integrar a região a práticas capitalistas, que possam explorar seus recursos, sem considerar propostas de proteção ao povo e a biodiversidade que existe na área (PORTO-GONÇALVES, 2017).

Na visão das cidades vinculadas aos projetos acabam exercendo grande pressão à floresta, pois a lógica de implantação está diretamente ligada a estratégias externas, tendo como foco principal a exploração dos recursos naturais a partir de circuitos globais de interesses, como por exemplo: mineração (ferro, bauxita etc.) e geração de energia elétrica, levando em conta a utilização da água no processo de desenvolvimento e exploração dos recursos naturais e minerais na região amazônica, que não se preocuparam com fatores sociais e ambientais. Cidades na floresta: os “grandes objetos” como expressões do meio técnico-científico informacional no espaço amazônico (TRINDADE JÚNIOR, 2013).

Assim, a articulação e a interação se dão por realidades externas à região, do que mesmo internamente. São cidade com bases logísticas a fim de manterem relações econômicas, direcionadas à racionalidade extrarregional, que servem de base aos grandes projetos. E diferente dessas cidades-empresas, existem as que não são enclaves locais, que apresentam forte ligação com espaços mais próximos, como acontecem em cidades ribeirinhas, que apresentam interações intensas com seu entorno imediato, sendo, por si só, consideradas “cidades da floresta”.

Do ponto de vista econômico e científico, os investimentos destinados à Amazônia recebem influência estrangeira e desempenharam um papel de exploração que pouco se levou em conta a utilização responsável dos recursos naturais e minerais. A partir dessa “*estrangerização*”, no Brasil, em especial, os estadunidenses, desdobraram-se em processos de desenvolvimento econômico e tecnológico para região, com os chamados Grandes Projetos¹⁰ foram incorporadas as tentativas de desenvolvimento regional.

¹⁰ Projetos como Usina Hidrelétrica de Tucuruí; descoberta e desenvolvimento do Projeto Grandes Carajás; Projeto Alumar, em São Luís do Maranhão, Albrás-Alunorte, em Barcarena-PA; extração de bauxita no Rio do Norte e Rio Trombetas, reorganização do Projeto Jari para produção de caulim e celulose branqueada, entre Pará e Amapá. Esses projetos contribuíram com a formação do Projeto Radam (Radar da Amazônia), responsável pelo primeiro inventário, em base científicas, da superfície e do subsolo da imensa região amazônica, na década de 1970.

Os Grandes Projetos destinados à Amazônia atraíram um contingente populacional, sobretudo de nordestinos e sulistas. Embora a região amazônica tenha passado por modificações desde o período da colonização portuguesa, que fez surgir vilas e cidades às margens dos rios amazônicos, não houve uma reconfiguração nas formas de acesso.

De certa forma, esses novos setores do capital industrial têm uma relação diferente com as fontes de matéria-prima, por sua valorização do material genético (biodiversidade, germoplasma), ao contrário dos setores tradicionais, que põem a floresta abaixo, agora para o avanço da pecuária, para qualquer monocultura. (PORTO-GONÇALVES, 2017, p. 29).

Esses fatores levaram a Amazônia passar por modificações em seus padrões urbanos e nas formas de utilização de seus recursos naturais. Além disso, a Amazônia vem passando por um processo de urbanização que estimula a necessidade de gestão de seus recursos para incentivar a organização de cidades que produzam ambientes com qualidades de vida, como garante o Estado (PORTO-GONÇALVES, 2010). E o que antes se caracterizou como “cidade da floresta”, passou por um processo de adaptação, com uma nova nomenclatura: “cidade na floresta”, que na concepção de Trindade Júnior (2010, p. 118):

[...] são aquelas que tendem a se articular principalmente às demandas externas da região, fazendo da floresta um elemento de pouca integração aos novos valores da vida urbana, sendo mesmo sua negação, vista, principalmente, como espaço de exploração econômica (madeiras, mirios, fragrâncias, espécies animais e vegetais, turismo etc.).

E são esses fatores que despertam interesses geopolíticos sobre a região, sendo palco de conflitos. Portanto, é fundamental criar e apresentar propostas de gestão territorial que abarquem as singularidades e propor-se amenizar os conflitos existentes com participação do Estado, dos agentes econômicos e das populações amazônicas para que assim, desenvolvendo estruturas urbanas menos desiguais para a região.

Hoje, o imperativo é modificar esse padrão de desenvolvimento que alcançou o auge nas décadas de 1960 a 1980. É imperativo o uso não predatório das fabulosas riquezas naturais que a Amazônia contém e também do saber das suas populações tradicionais que possuem um secular conhecimento acumulado para lidar com o trópico úmido. Essa riqueza tem de ser melhor

utilizada. Sustar esse padrão de economia de fronteira é um imperativo internacional, nacional e também regional. Já há na região resistências à apropriação indiscriminada de seus recursos e atores que lutam pelos seus direitos [...] (BECKER, 2005, p. 72).

Segundo Santos (2006, p. 26), “espaço é formado de objetos técnicos. O espaço do trabalho contém técnicas que nele permanecem como autorizações para fazer isto ou aquilo, desta ou daquela forma, neste ou naquele ritmo, segundo esta ou outra sucessão. Tudo isso é tempo”. Porém, (re)conhecer o espaço e a identificação de múltiplas relações da cidade com a natureza intencionam transformações na produção do espaço. Contudo, a concepção de tempos distintos e contraditórios, influenciam na dinâmica social.

Para Becker (1974), o espaço existe fora do indivíduo, é um produto, que se integra na reprodução da sociedade. Abrange não apenas as relações de produção, mas também os aspectos políticos e culturais, assim, a sua produção é holística. O processo de urbanização em geral, e no caso particular da Amazônia, decorre das conexões estabelecidas mediante: o desenvolvimento dos recursos naturais, a produção do território, as políticas públicas, o crescimento populacional. A compreensão da história humana solicita observação dos momentos da diversidade de tempos, já que estes conduzem mudanças.

Cada mudança no nível de desenvolvimento corresponde a uma mudança na estrutura espacial. Se a estrutura espacial afeta o processo de desenvolvimento, ela constitui um elemento das capacidades econômicas e políticas do país. Assim, Becker, (1974, p. 7) “não conseguiram alterar substancialmente a face da Amazônia, nem quebrar o seu isolamento físico e mental, do restante do País”. Ressalta o crescimento econômico em diferentes estágios no território brasileiro, pois sua estrutura espacial modifica-se através das forças, econômicas e políticas que atuam.

As mudanças nas relações que ocorrem na Amazônia são reflexos do processo de urbanização das cidades, haja vista que é a principal ação do Capital Estatal, onde grandes frentes de expansão penetram na região, esta que é vista como uma fronteira extensa a ser explorada, principalmente pela lógica de possuir uma “baixa densidade demográfica”. O que acarreta na discussão feita por relação a diferenças e as identidades culturais na Amazônia precisam ser levadas em consideração, pois há

espaços produzidos estruturalmente pelo desenvolvimento desigual e combinado do processo de expansão territorial.

Ressalta-se a existência de espaços para iniciativas semelhantes, mas não se pode pensar em propostas de desenvolvimento ignorando as populações que vivem na região. A riqueza da Amazônia não é apenas a biodiversidade, mas o conhecimento dos povos, sejam nativos ou os que se adaptaram à floresta.

Segundo Loureiro (2002), as reconfigurações urbanas na Amazônia, trouxeram marcas que são vivenciadas até os dias atuais. É inevitável que se mude os ocorridos, mas é fundamental construir projetos de participação popular para desenvolvimento de novas estruturas para região. Estruturas que considerem sua história, sua diversidade biológica e social, além de considerar o potencial econômico que a região oferece.

2.2 O CONTEXTO DAS ESPECIFICIDADES SIMBÓLICA-CULTURAL NAS CIDADES ÀS MARGENS DE RIOS: A URBANIZAÇÃO PROGRESSIVA NA INFLUÊNCIA NA PAISAGEM

Considera-se as cidades às margens de rios, pois é possível observar da diversidade simbólica na paisagem urbana-regional. Para compreender a formação social das cidades às margens dos rios, têm-se como instrumento a construção histórica do espaço geográfico. Discorrendo sobre a importância do rio na lógica mercantil amazônica, conforme Trindade Júnior (2013), a denominação mais comum na região amazônica, até a década 1960, se caracterizava como: “cidades da floresta”. Termo este direcionado às pequenas cidades associadas à circulação fluvial, onde havia movimento fluvial frequente, com fortes ligações com a dinâmica da natureza, vida rural não moderna, e com pouca exploração da floresta.

Ainda segundo o autor, muito do que se apresenta com relação ao rio e seu entorno (vilas, povoados, comunidades ribeirinhas) naquela década se configura atualmente, mesmo que existam cidades que vêm perdendo essas características,

não desaparecem de forma efetiva e que são marcas perceptíveis em inúmeros espaços. É nesse contexto que os moradores locais têm criado condições de resistência na tentativa de alcançar a transformação do espaço resultante.

À medida que o tempo foi passando e novos ciclos econômicos foram ocorrendo, marcas foram sendo deixadas, gerando diferentes percepções sobre a organização socioespacial (TRINDADE JÚNIOR, 2012). Ainda de acordo com o autor, isso acaba provocando o distanciamento de novos comportamentos apresentados acerca de saberes e valores da floresta, o que seria de fundamental importância na preservação da vida e do ecossistema. Isso quer dizer que, à medida que se reconfigura as estruturas de um determinado espaço, há uma forte tendência a mudar as formas de organização social.

Para Oliveira (2006), nas cidades que margeiam os rios é possível contemplar uma paisagem em que o limite é reencontro de linhas paralelas no horizonte. Na avaliação mais provável da diversidade simbólica, o autor enfatiza a paisagem urbana, pode ser vista à distância, e gradualmente aparece, exceto para “o resto da cidade”.

Assim a produção do espaço urbano na Amazônia se abona em um processo conflituoso, por meio desse processo a nova relação destrói e reconstrói, resultando em um espaço controlado e homogeneizado. Dessa forma, o espaço urbano reproduz as diferenças e resistências de reconstruir a relação antiga, mas não pode restaurá-las. Contudo, por se tratar de uma área de riquezas, desperta interesses externos e isso leva as forças de segurança executarem projetos sob a lógica internacional (PORTO-GONÇALVES, 2010).

Distintos povos e culturas se desenvolveram/se diferenciaram lançando mão dessas distintas condições de possibilidade para a vida inventando suas culturas. Assim, tal como o planeta, a humanidade deve ser vista na sua diferença, na sua diversidade. A dignidade de cada povo/cultura é condição para a verdadeira igualdade. A Amazônia oferece essas fontes de inspiração por sua pujança metabólica e pela riqueza de conhecimentos de seus povos/etnias/nacionalidades e campesinatos. (PORTO-GONÇALVES, 2017, p. 109).

A perda dessas características é pelo fato que a Amazônia possui interesses que atendem à soberania nacional, o que leva a projetar estratégias políticas e econômicas a fim de executar projetos que ofereçam rentabilidade. É reconhecido que Amazônia por ser a maior floresta tropical do planeta, possui biodiversidade, província

mineral privilegiada, vocação energética e reservas de água doce que contribuem com propostas de desenvolvimento nacional. Nessa perspectiva, as ações oriundas desse processo intencionam transformações no espaço e tempo, influenciando na construção de novas paisagens.

A riqueza natural amazônica é ampla e diversificada, no caso da hidrografia a região apresenta inúmeros rios de pequena e grande dimensão, estes estabelecem laços históricos econômicos, culturais que perpassam por cada geração. Nesse caso, paisagem cultural regional é marcada por atividades econômicas e sociais que acontecem por meio dele, as chamadas “estradas” vias fluviais de circulação de pessoas e produtos, das chamadas cidades ribeirinhas amazônicas.

Contemplando essa percepção, o espaço de representação mostra-se como uma forma de conhecimento que esclarece, que ao mesmo modo que o espaço fornece formas de representações, somente na dualidade sujeito e objeto pode ser encontrado o denominado comum, podendo assim, gerar toda forma de representação (GIL FILHO, 2003).

Conforme Moreira (2013, p. 101), “considerando que a construção geográfica das sociedades é um processo de movimento dinâmico, a reestruturação espacial é um dado constante na história”. Assegura que cada tempo pode se diferenciar do outro pela forma do seu espaço, dependendo dos elementos inseridos e os objetivos existentes, revelando os interesses de apropriação do mesmo, com isso, cada tempo é a sua forma de espaço de utilização e perspectiva. Na visão de Santos (1994), é incluída como uma produção social que se forma a partir de um sistema de objetos ligados e articulados através de um sistema de ações.

Dessa forma, a articulação entre o local e global acaba gerando uma negação dos conteúdos enraizados, em detrimento da caracterização de núcleos urbanos como cidades pequenas, contudo, sem pretensão de dar origem a cidades locais, já que há pouca interação e respostas às necessidades e demandas de seus entornos, e com isso: “a noção de “floresta urbanizada” é aqui validada para se referir à difusão de valores urbanos no interior da região e a partir dessas cidades” (TRINDADE JÚNIOR, 2013, p. 101).

Para fins de compreensão sobre paisagem, sendo está uma categoria de análise da ciência geográfica. Moreira (2013, p. 117), “tudo na geografia começa então com princípios lógicos. Primeiro é preciso localizar o fenômeno na paisagem.” Explica

que o conhecimento em geografia dialoga com descrição da paisagem. Os diversos critérios eleitos por meio de discussões sobre paisagem são múltiplos já que sua compreensão é distinta e pode ser interpretada de diferentes maneiras, onde:

A polissemia deste conceito permite que, na diversidade de possibilidades analíticas, possamos inferir que paisagem é compreendida como forma, o que, nesse sentido, implica considerar sua materialidade, sua localização, sua distribuição, sua constituição de homogeneidade/heterogeneidade e sua diversidade. (SUERTEGARAY, 2019, p. 166).

As razões que levam a discussões sobre diferenças e identidades culturais na Amazônia precisam ser consideradas, dada a presença estrutural de espaços criados pelo desenvolvimento desigual e integrado dos processos de expansão territorial, econômicas, políticos e culturais. Assim, compreender a história humana requer olhar para momentos em diferentes épocas, pois estes levam a mudanças, condicionante as particularidades, permanências e rearranjos em diferentes proporções.

Contudo, a ocupação e a construção de cidades na Amazônia vieram acompanhadas de um intenso processo de exploração da vegetação nativa, surgem interferem na dinâmica urbana.

A reestruturação da rede urbana e os novos papéis conferidos às cidades confirmam a dinâmica de uma nova estrutura produtiva e do mercado de trabalho na Amazônia Oriental, o que implicou, necessariamente, na ruptura de antigos padrões de organização espacial. (TRINDADE JÚNIOR, 2016, p. 47).

De acordo com Costa (2008, p. 151), “paisagens onde podemos identificar trajetórias de vida e marcos com expressivos significados simbólicos” ressalta a interação do passado com a paisagem, onde se preserva e se reconstrói memórias e representações de um momento e vivido em um lugar, que podem ser encontradas no cotidiano cultural ou em locais de função de preservação no patrimônio cultural.

No entanto, a identidade e familiarização dos lugares permitem buscar as raízes com o passado e reconhecer transformações no presente, sendo a partir de tradições vitais e suas interações com a sociedade e o ambiente.

[...] identificação e conservação de marcas e referências de ligação entre gerações, ou seja, enquanto modo de identificação das nações ou dos grupos sociais, até aos aspectos mais amplos e mais recentes que vão o patrimônio getico à preservação das paisagens. (MARQUES; MARTINS, 1998, p. 123).

Nesse sentido, a categoria paisagem discorre com a experiência e a comunicação humana, pois possui dimensão espacial significativa. De acordo com Costa (2008, p. 151), “o mundo conhecido e imaginado que a atividade humana converte em um complexo de significados, manifestos em uma realidade geográfica que é representada através de suas categorias paisagem e lugar”. O suporte concedido e privilegiado ao processo simbólico, cria-se elementos concretos que estão presentes no cotidiano. Ainda enfatiza sobre o vernáculo da paisagem propõe uma imagem poética, que não necessariamente precisa estar ligada a um passado distante, e próxima do real.

Segundo Costa (2012), a paisagem vernacular atesta a relação que um verificado grupo social mantém com o lugar, noticiando a sua formação e assiduidade, mantidas por meio de práticas culturais. E podem ser representadas por complexos industriais, povoados rurais, reservas indígenas, locais sagrados, parques naturais, dentre outros.

De acordo com Santos (2014), a adaptação que a sociedade realiza em vista da movimentação existente com as paisagens presume os lugares, para cada momento e suas distintas divisões, estando presente nas relações sociedade formas-materiais e culturais. Além disso, Santos (2014, p. 68), se refere às paisagens “[...] não é apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”.

Como explanado, a paisagem deve ser analisada como indissociável a partir do conjunto inserido nela elementos naturais e humanizados, pois apresenta diversas interpretações e significados, podendo ser avaliada e vivenciada a partir da sua utilização.

Enfatizamos a permanência da população tradicional contribuindo para a formação regional e a produção do *saber*, como explica Becker (2005), já que a vivência concede conhecimento no contato com a natureza. Ainda assim, assegura sobre a sua identificação que pode ser vista como fonte de identificação histórica, econômica, cultural e retrata uma sociedade.

[...] isto porque a natureza transformada pela ação humana, ao longo de uma série de gerações, surge enquanto modos de apropriação visíveis na paisagem, reproduzindo a história e a concepção do homem sobre o morar, trabalhar, viver. A paisagem, por sua vez, contém mistérios, beleza, sinais, símbolos, alegorias, tudo carregado de significados; memória, que “revela múltiplas impressões passadas”, imagens impregnadas de história. (CARLOS, 2007, p. 33).

Dessa maneira, Costa (2012) assegura que as paisagens são resultantes da influência dos fatores naturais e culturais, mediante as relações estabelecidas, sobretudo, intencionados pelos processos históricos de construção. Em vista disso, elucidam as especificidades encontradas através da investigação no contexto científico. Desta forma, está sujeita a interferências e modificações.

[...] a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço [...] (SANTOS, 2006, p. 16).

E segundo Santos (2014, p. 32), “a paisagem precede a história que seria escrita sobre ela ou modifica-se para acolher uma atualidade, uma inovação”. Ainda de acordo com o autor, no momento que todos os lugares forem atingidos, direta ou indiretamente, pelo sistema produtivo, criam-se, de forma paralela, seletividades e hierarquias de uso, gerando concorrências ativa ou passiva entre vários agentes, gerando uma reorganização das funções entre variadas frações do território, onde cada lugar do espaço se torna importante, seja em afetividade ou em potencialidades.

De acordo com Moreira (2013), as discussões sobre paisagem em geografia exigem complexidade, já que procuram contemplar a simples ilustração de vida de forma redutiva, sendo esta sistemática, pois ressaltam características naturalistas e restringem a atuação e a relação humana. Segundo o autor, a discussão é mais intrincada e não pode ser vista apenas de forma superficial, definindo-a e fixando com fins paisagísticos, quando na verdade o campo é bem mais amplo, pois as funções inseridas na paisagem revelam sua significação dependendo do grau das funcionalidades atribuídas, no qual:

[...] cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico. Já o espaço resulta da intrusão da sociedade nessas formas-objetos. Por isso, esses objetos não mudam de lugar, mas mudam de função, isto é, de significação, de valor sistêmico. A paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável: o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente (SANTOS, 2006, p. 67).

Assim a ciência geográfica a partir do seu método, o ver e pensar e analisa a partir de seus conceitos específicos nas paisagens, busca-se evidenciar os detalhes que tenham constância, ou seja, que se reproduzem e estão inseridos na paisagem (a imagem), consiste na descrição do visível e a compreensão do invisível do espaço. Sendo assim, a inclusão da categoria paisagem é considerada dinâmica e repleta de mobilidades influenciadas pelas ações antrópicas (MOREIRA, 2013).

A inclusão da categoria paisagem pelo contexto de transformação e influência das ações antrópicas. Por esse aspecto, entende-se que não é composta somente de elementos naturais, mas da relação de vivência, simbologia e sentimento. Dessa maneira, não pode ser vista apenas como descritiva, ressaltando apenas elementos naturais, que no princípio, a geografia se utilizava. A paisagem é uma espécie de imagem de organização, a exposição dessas informações a partir da fala, do visto e o dito.

A geografia busca na paisagem (a imagem) os detalhes que tenha constância, isto é, que se repitam, de forma por meio de permanência poder encontrar padrões que levem à evidência da organização do espaço (a fala). E isso significa estabelecer uma relação entre o visto e o dito em que a imagem sensível da paisagem se transforme na fala do conceito do espaço. (MOREIRA, 2013, p. 109).

Contudo, Suertegary (2019, p. 170) destaca “[...] paisagem pode ser concebida como uma conjugação de elementos (materiais e imateriais), no espaço-tempo, sua polissemia, reveladora de e por muitos métodos, pode ser reavaliada, enquanto processo de fragmentação”. Todavia as paisagens constituem um conjunto de elementos naturais e humanos, não vistos de maneira isolada/separadamente.

Para Moreira (2013, p. 37), “como ser natural, o homem não é nem pode uma entidade autônoma no concerto da natureza. Nada aliás, do que participa da natureza pode ser considerado à parte do conjunto”. Onde o homem e o conjunto de elementos são fatores indissociáveis na visão geográfica da vida.

A paisagem contempla a forma da diversidade cultural, pois é produto ligado com os modos de vida, marcando o registro e o resgate de manifestações culturais, sendo vista como espaço de abrigo e resistência, preservando e resgatando as identidades e as memórias. Para Suertegaray (2019), os povos originários não mantiveram suas paisagens, como também criaram outras, mas coexistindo com elas,

ou seja, estando sujeita a desconstruí-las ou transfigurá-las de acordo com os objetivos ligados.

A representação do espaço é concebida, a representação mental do espaço está associada ao conhecimento disciplinar, planejamento urbano, política urbana e poder. Além disso, expressa símbolos e imagens que definem a vida prática, como aqueles imaginados por planejadores, urbanistas e tecnólogos. Espaço representacional é espaço vivo, que envolve as diferentes práticas cotidianas do sujeito, é pleno de sentido, contém dimensões de “irracionalidade”, emoção, subterrâneo, obras e símbolos, revestido de códigos, linguagens, resíduos e resistência social.

Por esse viés é interessante mencionar as transformações pelo percebido e o vivido, por meio de observações cotidianas e comparativas, identificando novas ocupações territoriais. Dessa maneira a categoria paisagem é analisada, a partir das transformações relacionadas a partir da vivência, simbologia, sentimento, e neste caso, destacamos a paisagem ribeirinha, localizada no espaço urbano, que a configuração de um determinado território.

A urbanização ganha relevância, com surgimento de núcleos urbanos, ressaltam os interesses políticos. Nesse sentido, ações acentuadas e predatórias na utilização dos recursos naturais intencionam transformações no espaço e tempo, influenciando nas construções de novas paisagens (MOREIRA, 2013).

2.3 O SIGNIFICADO DAS MEMÓRIAS URBANAS, ASSOCIADO ÀS TEMPORALIDADES: A COMPREENSÃO EXPRESSIVA NAS RELAÇÕES ENTRE CIDADE E RIO

A partir da ciência e sua importância para a sociedade, que se dispõe a analisar e apresentar respostas concisas por meio de pesquisas realizadas em contextos antigos e temas atuais que colaboram no planejamento de recentes abordagens e perspectivas no campo em diversas temáticas que permeiam o espaço. Relacionados ao senso comum, têm uma lógica própria, muitas vezes contraditória, composta por

desejos, emoções, interesses, valores e preceitos morais.

Mediante ao encontro com sistemas tradicionais de pensamento, como religião ou política, mas buscando a inserção e fomentando novas discussões acerca das formas tradicionais de pensar e observar, podem contribuir para o surgimento de novos conhecimentos em categorias socialmente construídas. Dessa maneira, destaca-se o papel da memória na estrutura simbólica da sociedade, na qual possibilita o homem contemporâneo compreender o mundo em que vive, através de fatos que estava inserido, já que o sujeito se situa no lugar e tempo, como categoria primária no espaço geográfico.

Quanto aos elementos simbólicos da vida social, que constituem elementos de união entre seus membros, como meio para que a sociedade se conheça, estes ligados em períodos diferentes de ações, vivência e interação contido em um determinado fenômeno. Todavia os novos elementos se adaptam ao sistema de valores, normas e princípios que regem a vida coletiva (ALBA, 2014).

De acordo com Halbwachs (1925 apud ALBA, 2014), a memória é baseada no presente, o sujeito é a pessoa que está refletindo sobre o que aconteceu a todo momento. Esse estado de reflexão e inteligência permitirá a memórias coerentes e significativas sobre sua situação atual no contexto. A “situação” mencionada refere-se à localização e identidade social, um lugar em um tempo e espaço socialmente definidos, e viver da própria experiência, por meio de certos estados emocionais, em grande parte relacionados ao vínculo familiar. Esse raciocínio possibilita mais atenção a certos eventos, pessoas ou objetos ao seu redor, assim os objetos são mais fáceis de lembrar e serem associados.

Desse modo, a memória é uma reconstrução do passado que ocorre em interações reais ou simbólicas com os outros, a partir de sua posição na estrutura social, considera que a estrutura simbólica do passado subestima os rituais e hábitos de comportamento individual ou coletivo que o tornam visível.

Por esse viés, a memória está diretamente conectada com o tempo, pois os fundamentos mais importantes para estudar as lembranças mais antigas, estão ligadas aos anciões da família, pois recriam assim as memórias, porém não são preservadas e intactas¹¹, mas reconstruídas a partir do presente/agora quando

¹¹ Assim, o esquecimento ocorre quando os marcadores sociais da memória desaparecem: quando a memória não tem lugar no sistema representacional, quando não há mais palavras para nomear eventos passados, quando indivíduos e grupos não se importam mais com o tempo e sua vivência.

instigadas. É através deles que a memória se renova e se recria, e eles decidem aceitar as ideias que a sociedade lhes apresenta e os conceitos que as tradições impõem, e são reconstruídas como resultado dos sistemas representacionais atuais.

No entanto, como foi apontado, não há como pensar que essa memória seja preservada exatamente no mesmo lugar de uma cena fixa, e com os mesmos elementos, mas é sempre uma reconstrução baseada em um compromisso entre as representações do passado e do presente. É um resumo do que foi experimentado, o que se sabe sobre os outros e os objetos com os quais se conviveu. O esquecimento está relacionado tanto ao processo da escala, quanto ao processo de objetivação.

Para Halbwachs (1925 apud ALBA, 2014), ressalta que o tempo não é um tempo definido pela ciência, mas um tempo que pode ser utilizado como contexto social para a memória, o que nos permite utilizar períodos socialmente definidos (fases da vida, momentos, épocas do ano, estações) ou como referência.

Nesse sentido, os eventos passados não são lembrados como aconteceram porque não somos exatamente o mesmo ambiente em que transcorreram, mas a partir do que ocorreu dos acontecimentos ocorridos em nosso depoimento oral ou escrito. Os marcos sociais são as ferramentas utilizadas pela memória para reconstruir imagens do passado e correspondem às ideias dominantes da sociedade em cada época.

Além disso, a compreensão da importância dos lugares e sua singularidade, caracteriza a intensa influência dos meios de comunicação, outrora preconiza a homogeneização na perspectiva global, isso colabora na percepção semelhante de lugares. Porém ao mesmo concede a outros lugares, sua individualidade, na qual se diferencie dos outros por meio da simbologia e pertencimento de forma extensa.

[...] Apesar de não estarmos fisicamente presentes nos eventos importantes para a nação, os vivemos indiretamente pelos diversos meios em que eles se comunicam, por meio do ambiente geral que provocam, que vai além da nossa família ou da nossa vizinhança.

Em um nível mais pessoal, o contato com os idosos permite ao mais jovens ter uma memória viva de alguns acontecimentos. Assim, para a criança, seu avô pode representar em sua pessoa toda uma época, resume ou condensa todo um período histórico, acessível por meio de suas histórias, de seus costumes, de suas maneiras.

É assim que os contextos sociais da memória representam correntes de pensamento e de experiências nas quais encontramos o nosso passado, porque este foi atravessado por elas. (ALBA, 2014, p. 545).

O tempo, espaço e linguagem como conceitos de pensamento que se desenvolvem em cada cultura, às quais se incorporam novas ideias com o crescimento de seus membros podem serem perdidas tão lamentável com o falecimento dos membros familiares. Menciona explicitamente os grupos que acreditam serem os mais importantes na vida das pessoas: famílias, profissões, grupos educacionais e religiosos.

Conforme Halbwachs (1925 apud ALBA, 2014), a operação da memória consiste em encontrar, por meio da reflexão, um conjunto sistemático de lembranças relacionadas, através das categorias gerais, atingem o indivíduo por meio de seu grupo e constituem marcos sociais reais. O contexto social da memória é flexível e dinâmico ao longo do tempo, à medida que as sociedades/indivíduos mudam ao longo de sua história, as alterações em grupos ou locais são inevitáveis. Outro pressuposto básico, é compartilhado a interação social, pois desempenha um papel importante na construção da representação e da memória, são reproduzidas e transmitidas no decorrer do diálogo cotidiano.

Assim as fases da construção da memória é um sistema de conceitos como marcadores sociais (que podemos pensar como representações sociais/atuais). Se tal sistema desaparecesse, a memória ia apagar-se, pois o esquecimento depende da manutenção desses sistemas conceituais mesmo quando eles são ou transformados por grupos. O tempo e o espaço presentes guardam traços dos momentos dos acontecimentos, constituem marcos sociais que ajudam a edificar as memórias. Se houver colegas no grupo que vivenciaram o mesmo evento, serão participantes, tendo palavras para recordar o evento, sua memória existirá, permanecendo “viva”.

2.3.1 A memória e a ciência geográfica

Segundo Abreu (1998), a valorização da dinâmica das cidades no passado é a marca semelhante da sociedade. No Brasil, em especial, esta tendência realiza mudanças expressivas nos valores e atitudes sociais relacionados à vivência. A modernidade sempre foi vista como próspera, negando as heranças de tempos antigos, no momento atual o cotidiano brasileiro, se implementa projetos que prezam

a reestruturação e preservação das “memórias urbanas” por meio das relações históricas que existiram.

Ressalta-se a importância dessa possível “salvação” para a identidade de um lugar, é inquestionável, em razão das “histórias orais” e a “memórias dos mais idosos”, pois estas pessoas já vivenciaram grandes eventos em uma cidade e que foi esquecida pelo tempo. Todavia, as técnicas para restaurar a memória pessoal estão se tornando populares e comum somente agora no Brasil, com a produção de trabalhos com a tendência histórica, pois analisam os processos sociais ocorridos em um determinado lugar, mas pouco ou nada dizem sobre a memória do lugar (ABREU, 1998).

Mediante a discussão sobre memória e a geografia, é interessante mencionar algumas questões quanto a distinção entre história urbana e a história da cidade. Segundo Milton (1994 apud ABREU, 1998, p. 90) “o urbano não deve ser confundido com a cidade, já que o urbano como referência o abstrato, o geral, o externo”. A cidade se concentrará no concreto, particular, no interior. Em outras palavras, a história do urbano consiste nas histórias das atividades que acontecem na cidade.

Assim sendo, consiste em uma história da urbanização, da divisão do trabalho entre áreas urbanas e rurais, em suma, uma história da socialização urbana. A história da cidade será diferente das demais. Quando se refere, aos processos sociais, é realizada de forma mais objetiva, com ênfase: ao transporte, à propriedade, à especulação, à habitação, à história do urbanismo.

E assim, Santos (2014, p. 29) “é um sistema construído no espírito, cujas categorias de pensamento reproduzem a estrutura que garante o encadeamento dos fatos”, caracteriza essas relações como sendo um sistema de realidades, pois são formadas por episódios que trazem ânimo e supõem uma legalidade. O avanço da globalização emerge em transformações e no imaginário de algumas décadas instauradas no planeta. Sendo este, realizado por movimentos que buscam referenciais identitários na sociedade, pois a valorização do passado passa a ser visto e vivido, sobretudo a partir de preocupação com situações adversas.

Por esse viés, a geografia tem contribuído expressivamente para a discussão e recuperação da memória da cidade. Assim, para compreender e interpretar o espaço passado, é essencial definir quais conceitos e variáveis serão destinadas para a análise temporal, pois o ponto de partida consiste em restaurar o referencial maior

daquele lugar, naquele momento, ou seja, seu marco espaço-temporal relacionado à cidade.

Segundo Santos (2014), se acrescenta no campo da geografia, nesta está inclusa materialidade compondo um sistema de objetos, através das heranças. Portanto, a materialidade contempla do passado, no presente, podendo mudar sua função de acordo com os objetivos implantados, perpassando em diferentes tempos.

[...] O substrato da marca de um tempo é definido pelas ações humanas e pelos valores e imaginário que conformam esse tempo. Portanto, ao buscar identificar, analisar e interpretar os valores e ações humanas de um outro tempo, o historiador, e demais profissionais que elegem a História como área de conhecimento, empreendem um movimento através do qual, como já assinalado, relacionam-se diferentes temporalidades. Tal movimento próprio ao estudo da inter-relação de tempos e não somente da simultaneidade social constitui característica primordial do ofício de construção do saber histórico. (DELGADO, 2003, p. 12).

Desta maneira, a geografia compartilha o mesmo compromisso com a verdade que a história, e segue um método científico: por ser sempre avaliado, além disso permite identificar ou excluir falsas percepções. Diante disso, a história e a geografia não são neutras, uma vez que a definição e interpretação do que os geógrafos clássicos chamavam de fatos geográficos, dependiam do contexto do pesquisador.

Para tratar da memória de um lugar, é necessário resgatar ao mesmo tempo a história desse lugar, considerando as histórias vivenciadas, como a fisicalidade e comportamento humano, não no espaço geográfico geral, mas naquele específico lugar, com destaque na singularidade diante de outros lugares. Nesse caso, é preciso primeiro reconhecer que, ao mesmo tempo e em cada momento histórico, cada lugar é um ponto de encontro de processos sociais que se desenvolvem em diferentes escalas.

À vista disso, não basta somente analisar a representação dos processos sociais no espaço, mas considerar o espaço de papéis desses processos. Quando se observa o espaço como um espaço social, ou um espaço topológico, porém a história e a memória de uma cidade não se constroem nesse espaço. Mas naquele espaço particular, aquele espaço onde a vida cotidiana e as interações que acontecem, um espaço complexo de diversas situações.

No entanto, é preciso reconhecer que, no que diz respeito à geografia urbana histórica, sua importância é fundamental para auxiliar a memória. Como o trabalho é, sem dúvida, minucioso e valioso, é possível reviver as etapas do planejamento urbano, o processo de conversão de terrenos rurais em terrenos urbanos etc., referências da cidade antiga do passado no esquecimento, sejam antigos monumentos da cidade, estradas e edifícios desaparecidos. Finalmente, a antiga paisagem da cidade pode ser reavivada.

Entretanto, é um grande desafio para a geografia, estudar o passado, é como vivenciar o tempo. Isso porque, sem o auxílio do material, se torna difícil a localização no tempo. Não há dúvida de que as formas morfológicas são as expressões mais diretas e concretas dessa identificação, porém não há outra razão para que sejam privilegiadas na análise geográfica. Mas eles não são a única forma de interesse em geografia.

As formas geográficas também se expressam em relação à dependência e se concretizam por meio de um conjunto de formas normativas e/ou legais e sociais na dinâmica de um determinado lugar. São essas formas não espaciais que concedem conteúdo para as formas morfológicas. Entretanto, os trabalhos geográficos históricos estão focados nas cidades, limitam-se, em grande parte, a reconstruir formas morfológicas antigas e a segui-las cuidadosamente ao longo do tempo.

O que não podemos fazer é reduzir a contribuição da geografia para a recuperação morfológica. Se estivéssemos limitados a isso, estaríamos fazendo uma geografia que lida apenas com formas físicas deixadas em paisagens ou documentos de arquivo, não as associa às que os construiu pessoas para se conectar.

Contudo, as análises sofisticadas e abrangentes da ciência para compreender o momento atual de globalização, também podem ser feitas para tempos passados, com as revisões metodológicas necessárias. Os conceitos e variáveis são historicamente obsoletos e não podem ser transferidas através de túneis do tempo, assim as categorias de análise em que podem mediar essas transformações se orientam pela análise geográfica.

2.3.2 A memória da cidade e sua relação com o rio

A parte significativa apontada é sobre a memória como elemento fundamental na identidade de um lugar e sua dinâmica com o tempo, neste caso com o rio. No entanto, consideramos a compreensão das singularidades locais e do valor das particularidades, pois é o resultado de diversos processos de diferentes momentos e escalas, de um lugar. Alguns destes processos são puramente monolíticos e podem ser explicados ao nível da realidade local, porém a história de um lugar não pode se limitar a “exclusividade” e “domínio” visto como isolado, uma vez que está associado e inserido com atividades em escalas geográficas, mais amplas (regional, nacional, global).

De acordo com Abreu (1998), o espaço urbano brasileiro, a chegada de pensamentos e fases que idealizam a reestruturação desse cenário, no que diz respeito à preservação ou revalorização dos traços mais antigos pertencentes à comunidade, sobre a necessidade de manter a memória. Aponta que a valorização do passado das cidades é uma tendência comum das sociedades no atual contexto. Observa que a valorização e o resgate do passado das cidades é uma tendência comum das sociedades contemporâneas.

Assim, o ritmo de produtividade e o tempo de modernização têm densidades e forças diferentes em cada lugar. Dessa maneira, o desejo com interação do novo, assinala resultados e ataques para as manifestações históricas, a partir de um modelo modernizador, implantado no cenário brasileiro, para tentar pôr fim no “atraso”.

[...] O projeto modernizador do século XIX, fundamentou-se na esperança de um futuro melhor e na rejeição do passado e na abolição dos seus vestígios, na sua superação. A vergonha do passado e a crença no futuro. [...] sinônimo vadorismo, de atraso, de subdesenvolvimento. Lemas como “São Paulo não pode parar”, “cinquenta anos em cinco”, “pra frente Brasil” e muitos outros, independentemente de seus vínculos políticos-ideológicos, ilustram bem esse movimento de valorização do novo, e justificam um sem-número de intervenções realizadas sobre as paisagens herdadas do passado (ABREU, 1998, p. 80).

Aproximando-se do contexto regional, com ênfase as cidades amazônicas, estas estão mudando na medida em que se integram à estrutura produtiva e ao mercado de trabalho, o que significa que o antigo modelo de organização espacial está sendo rompido. O processo de ocupação da Amazônia a partir da década de

1960, não só criou infraestruturas, como aumentou o número de habitantes na região. Estas cidades agregaram funções estratégicas nas esferas econômica, política e cultural através do processo de formação histórica, acabando por influenciar outras cidades (PORTO-GONÇALVES, 2017).

Os padrões implantados na região sem conhecer a população, ocasionam intensas mudanças a partir de uma análise homogênea e “atrasada”, mas de relações e sinais de resistência. Deste modo, a inclusão de períodos e objetivos fincados, desencadeiam profundas mudanças na dinâmica vida, sentimentos e emoções traduzidas no cotidiano das pessoas, a partir do resultado das consignações das políticas e suas transformações, nas relações sociais de produção.

De acordo com Abreu (1998, p. 91), “é necessario reconhecer, primeiramente, que cada lugar é, ao mesmo tempo e em cada momento histórico, o ponto de interseção de processos sociais que se desenvolvem em diversas escalas”. Nessa perspectiva, alguns desses processo se destacam como singulares e ocasionam possibilidades de ser evidenciados através da realidade local. Com isso, a memória ou registros podem tomar um caminho por lembranças até que possam ser compreendidas a dinâmica urbana e suas formas espaciais “desaparecidas”, influenciando no resgate para identidade de um determinado lugar, nota-se a importância das histórias e memórias.

Para Oliveira (2006), a história e a geografia dessas cidades são compreendidas através dos cursos dos rios, do desenvolvimento econômico e de seus traços culturais. A interação com o rio, dentro dessa perspectiva, se enquadra como a principal forma de compreensão do modo de vida da população, além do entendimento acerca da produção desses espaços. As experiências adquiridas permitem diversas memórias, sendo estas diferentes, mas que possuem algo em comum, a moradia na mesma cidade. Nesse contexto, cada lugar busca sua sobrevivência, resistência, permanência e particularidade, procurando se diferenciar o mais que possível dos demais.

As cidades amazônicas se caracterizam pelas suas particularidades real ou imaginária, principalmente as que se localizam na beira do rio, marcadas por elementos naturais que identificam a paisagem, em consideração a floresta e a água como ponto de partida. Boa parte das cidades amazônicas, se localiza no meio da

floresta e às margens dos rios, o residente deste espaço geralmente se constitui na dimensão de espacialidade a partir da fascinação física.

Por esse viés, a localização do rio originou o surgimento dos primeiros aglomerados na região amazônica que mais tarde se tornaram cidades. Ressalta-se que o tempo se modifica de acordo com o ritmo das cidades, que *a priori* estão relacionados com os rios e com o compasso da natureza, associado ao imaginário amazônico, também representa a possibilidade de ir e vir conectando essas cidades, através das embarcações que são elementos que podem transportar ou conduzir algo para qualquer lugar.

O rio é o acesso para diferentes atividades, quanto a sua utilização e as relações com família e amigos, considerando o seu entorno através das manifestações culturais e religiosas, e os elementos característicos da paisagem de um determinado período. O rio, que ocasiona a memória do ambiente natural, que tentam apagar, substituindo pelo “moderno”. Desse modo, o rio permanece em segundo plano, assim o rio não é mais visto como mais uma extensão da vida da cidade, enquanto a experiência, a vida, a cultura e a história estão enraizadas no lugar, mas apenas a possibilidade de circulação das riquezas.

Com isso, a cidade na sua essência que se caracterizava como espaço das relações de poder, de festas, manifestações culturais e religiosas, das leis estabelecidas, ritmos locais, sendo impulsionada com a chegada da produção industrial em diferentes escalas. Observando que a produção capitalista concede para a vivência urbana intensificadas trocas e acentuadas relações do uso no e valor (COSTA, 2012).

Outrossim a paisagem naturalista que marca a identidade da Amazônia, especialmente do ponto de vista da biodiversidade e da diversidade social, apresenta significativa interação no espaço da cultura, neste caso as cidades que se localizam às margens dos rios a movimentação em seu entorno e a compreensão e relevância dos mitos, crenças, lendas, memória etc., mas ampliar a visão do mundo na comunicação.

Nas pequenas cidades amazônicas ainda há um tempo para a vivência de uma forma ilimitada, “com seres sobrenaturais, porque somente a imaginação consegue ultrapassar os horizontes. Foi a boiúna que, ao agitar-se, fez o barranco ruir; o curupira fez o caçador perder-se na mata; a iara fez afogar-se de sedução aquele que, aparentemente, não tinha razões

para morrer no rio; a tristeza não veio da alma, mas do canto da acauã” (6) (OLIVEIRA, 2006, p. 28).

O resgate do passado no atual momento é representado na categoria paisagem ou fundações que as simbolizam tais identidades em conjunto em diferentes escalas, esclarece (GIL FILHO, 2003). Reconhecer outras características temporais e espaciais, ou seja, as características dos sujeitos, a partir da recriação das singularidades culturais únicas de cada lugar, através de diferentes estilos de vida, e o ritmo da vida cotidiana, experiência, identidade e representação, e o que ficou marcado em diversos momentos. Dentro da perspectiva do sistema de objetos e ações, as cidades que margeiam os rios são vistas para além de cidades ribeirinhas.

2.4 A CIÊNCIA GEOGRÁFICA E A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO NAS RELAÇÕES SOCIAIS CIDADE-RIO

O conceito de representação social teve origem no trabalho desenvolvido por Moscovici¹², que procura compreender o processo de apropriação das teorias psicanalíticas por diferentes grupos sociais.

A Teoria das Representações Sociais, publicada pela primeira vez por Moscovici, em 1961, em francês, em seu famoso estudo sobre a difusão e transformação social da psicanálise na França, *La Psychanalyse: Son image et son public*, evidencia os processos pelos quais a teoria científica é descontextualizada do seu universo particular, por meio de sua propagação social e incorporação aos universos consensuais mediante a criação de representações sociais que nutrem os saberes do senso comum. (PALMONARI; CERRATO, 2014, p. 409).

O processo de ancoragem, proposto pela primeira vez por Moscovici na (TRS), em sua obra seminal, destaca o papel da memória social nas construções

¹² Serge Moscovici (1925-2014), um psicólogo social francês conhecido por suas contribuições para a teorização sobre as representações sociais. Suas visões teóricas e métodos no campo psicologia social, influenciaram quase todas as disciplinas das ciências sociais, especialmente antropologia e sociologia.

simbólicas que permitem ao homem contemporâneo compreender o mundo em que vive (ALBA, 2014). Em questão central, suas publicações em sua mais conhecida obra¹³ direciona esclarecimentos, como uma teoria é consumida e transmitida por pessoas com características relacionadas ao senso comum, por meio de suas expressões de linguagem e comportamentos sociais.

Além disso, o autor buscou ao elaborar ou redefinir os problemas e conceitos da psicologia social, insistindo na função simbólica e em seu poder de construir representações sociais e sua importância para a pesquisa científica.

[...] “Teoria das Representações Sociais, o aspecto conceitual e o aspecto epistemológico são tomados em referência a interrelação entre os sistemas de pensamentos e práticas sociais, para que seja possível compreender os fenômenos complexos do senso comum.” (SILVA, 2019, p. 47).

Palmonari e Cerrato acrescentam:

É durante a interação com os outros que surgem e se desenvolvem pensamentos, sentimentos e motivações humanas: a Psicologia Social, como tal, deve superar a oposição entre o nível de análise individual (tradicionalmente considerado como próprio da Psicologia) e o nível de análise centrado na sociedade (característica própria da Antropologia, Sociologia e Economia). (2012, p. 406).

Diante disso, Moscovici (1978) analisou o processo, estabelecendo explicações mais detalhadas sobre temas sociais, observando como isso está relacionado ao comportamento e à organização social de alguma forma. Dentro dessa estrutura, a (TRS) envolve uma série de elementos, incluindo “teorias científicas, ideologia e experiência da vida diária, bem como questões relacionadas à linguagem, psicanálise, psicologia, sociologia do conhecimento e ciências psicossociais” (SILVA, 2019, p. 35).

Conforme Gil (2003), as representações atingem à consciência coletiva, sendo essencialmente: qualitativo, dinâmico e simbólico da linguagem, interage com a prática espacial e a representação espacial. Ressalta-se sobre o conceito atual de espaço social, já que não considera inteiramente os aspectos históricos naturais ou anteriores, retrata a variedade de intermediários e fatores suscetíveis, devem ser

¹³ O título do original: *Psychanalyse, son Image et son Public*, Paris PUF, 1961. Publicado em português com o título: *A Representação Social da Psicanálise*. RJ. Zahar. 1978.

considerados, mediante: as ações de grupos sociais e fatores relacionados ao campo do conhecimento, ideologia ou representação.

[...] as representações sociais convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. As representações lhes dão forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como modelo de determinado tipo, distinto e compartilhado por um grupo de pessoas. Por tanto, as representações ao convencionarem os objetos, possibilitam que conheçamos o que representa o quê, assim, cada experiência se soma a uma realidade [...]. (ROCHA; AMORAS, 2006, p. 147).

Por conseguinte, a teoria das representações sociais esclarece o entendimento sobre o mundo, através dos elementos simbólicos que invadem as mentalidades e atribuem lembranças e identificações com dado momento. Suertegaray (2019, p. 166) sobrepõe:

[...] pode-se conferir à paisagem implicações de tempo/espaço, avaliando suas temporalidades espaciais. Da mesma forma, é expressão de representações de identidade, de memória. Estas manifestações analíticas promovem, por vezes, divergências; entretanto, é possível pensar que paisagem constitui um conjunto de elementos materiais e imateriais, em interação, no espaço-tempo.

Dessa forma, quando a interação com os conhecimentos tradicionais de grupos sociais, bem com ocorre deles com os elementos naturais, nota-se que há uma relação bastante flexível. Nesse contexto, os vestígios materiais existentes do passado das cidades brasileiras perpassam por novas análises. Seja qualquer tipo de materialidade histórica estão sendo resguardada da destruição, isso se identifica na busca do movimento de preservação daquilo que pertenceu ao passado, que possuía extensa importância na sociedade brasileira, sendo originadas na vivência, adquiridas através da memória (FAGUNDES, 2009).

Para Palmonari e Cerrato (2014), a psicologia social pode ser considerada uma ciência social, cujo objeto será o estudo das relações cotidianas geradas na realidade social, fenômenos relacionados com a comunicação e a ideologia, nomeadamente o conhecimento e as representações sociais.

De acordo com Branco e Guimarães (2005), o estudo da (TRS) permite modificar a visão do pensamento do senso comum, pois esta teoria desempenha um papel na dinâmica entre a ciência do senso comum e o conhecimento científico,

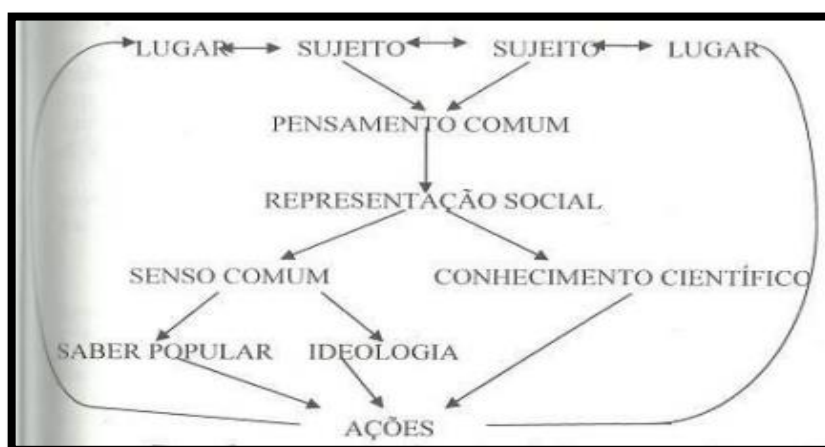
vamos saber o que é senso comum. Sobre o conhecimento dado e compare-o com o seu conhecimento científico.

Nesse sentido, ao fazer essa comparação, percebemos que esse tipo de conhecimento não só nutre o próprio conhecimento científico, mas também constitui uma teoria que pode interferir na prática do sujeito envolvido.

O mundo da vida é comum a todos os homens e pressupõe relações, interações sociais e processos comunicativos, no sentido de ser um espaço pertinente as representações sociais como modelo de produção de conhecimento. As representações sociais a partir do contexto comunicativo relacionam o sujeito, com base na sua cognição e comportamento, como interações sociais a partir de sua forma de comunicabilidade e expressão intersubjetivas. (SILVA, 2019, p. 34).

Portanto, trata-se de uma teoria que pode ser explorada na perspectiva de produtos e processos, pois a representação é ao mesmo tempo produto e processos de uma atividade mental, através desta atividade intelectual os indivíduos ou grupos reconstróem a realidade, encaram e atribuem significados específicos (figura 3). Esta teoria centra-se no conteúdo da representação e do conhecimento do senso comum, que permite ao sujeito interpretar o mundo e orientar a comunicação entre eles e, ao entrar em contato com um determinado objeto, representa-o e aprende com ele.

FIGURA 3: As representações sociais e o senso comum



Fonte: Branco e Guimarães, 2006.

Segundo Branco e Guimarães (2005), o estudo sobre representação social se ocupa da análise do conhecimento produzido no cotidiano, embora volte-se para o

exame do processo de construção da realidade a partir das relações sociais, tal como o faria uma sociologia do conhecimento do mundo da vida. As representações sociais são mais dinâmicas e conhecidas ao posicionamento e localização da consciência, mediada pela linguagem os espaços sociais, e tem como propósito constituir percepções e comportamento por parte de processos interativos.

Para Moscovici (1978), os sujeitos que constroem representações não estão isolados, mas inseridos em uma cultura, sociedade ou em determinados grupos, que ministrarão a bagagem intelectual para articular suas ideias. Assim a sociedade e grupos são aqueles que dão sentido às memórias (mesmo as mais íntimas). Quanto o reconhecimento a intervenção da sociedade e da cultura na construção de representações e memórias, delineando o papel da linguagem, cultura, grupos ou instituições

A construção e desenvolvimento das relações sociais são referências necessárias para uma análise das condições de produção das representações sociais no mundo da vida cotidiana, o que implica numa abordagem da epistemologia do processo. O processo como modelo de explicação teórica sobre representações sociais, estrutura o contexto dos esclarecimentos, redimensionando a relação entre o cognitivo e o social, enfatizando, a visão de sujeito criativo e ativo nas interações sociais e na forma de compreensão da realidade social.

Para Branco e Guimarães (2005), a origem do estudo das representações sociais se vincula às ciências humanas, *a priori* a psicologia social e seus delineamentos. Sua expansão ocorreu lentamente, em seguida foi compartilhada com a ciência geográfica, pois surge como uma nova ferramenta de compreensão do espaço e da sociedade, trata-se dos sentidos e significados atribuídos das experiências vividas, aponta opiniões de acordo com situações expostas no presente e no passado.

Segundo Silva (2019, p. 31) afirma, “[...] entendimento dialógico no plano da interatividade cotidiana fazer senso comum nas formas de propagação de interesses identitários e políticos no mundo da vida”. Em certo sentido, a teoria concede conduzir as ações e comportamentos. De acordo com o autor, a representação social é realizada como uma forma de expressão comunicativa, conhecimento e ação, cada uma das quais é uma representação de algo ou alguém, por meio da significação.

Por esse viés, pressupõe que a forma de conteúdo é adquirida e processada no mundo das ações por meio do comportamento comunicativo, bem como nos gestos da vida cotidiana de todos, na palavra, nas relações sociais, em nossa forma de ver o mundo.

Nesse sentido, a representação social deve ser avaliada como um sistema de compreensão e interpretação da realidade, ao invés de focar nas relações que observamos no contorno e o significado do nosso processo de comunicação e conhecimento que internalizam a experiência de vida.

É como se a sociedade estivesse em cada indivíduo e quando analisamos suas representações sociais por meio de seus discursos, suas práticas ou de criações individuais. Nesse sentido, a (TRS) estabelece um vínculo entre o individual e o coletivo. Trata-se de estudar como o social se manifesta nas representações que as pessoas elaboram em sua vida diária, e a compartilham com os outros (ARRUDA, 2014).

De acordo com Rocha e Amoras (2006), as representações sociais surgem das relações sociais e interações com o ambiente de vida e contribuem para a constituição de uma realidade compartilhada, por meio do sentimento do pertencimento/proximidade com o rio, as vivências e experiências que retratam a paisagem de um determinado lugar. Essas identidades procuram ir além do aspecto semântico e linguístico das expressões. Além disso, nas formas de representação da realidade cotidiana, que são parte do processo de produção de conhecimento.

Aproximando-se da análise das pequenas cidades na Amazônia, necessita tratar as florestas e as águas como o ponto de partida, não o fim. Porém, as áreas centrais dessas cidades a rua original são orientadas pelo rio, o que comprova para compreender a formação social das cidades às margens dos rios, têm-se como instrumento a construção histórica do espaço geográfico. Na visão de Santos (1994), é tida como uma produção social que se forma a partir de um sistema de objetos ligados e articulados através de um sistema de ações.

A movimentação humana nos diferentes aspectos, interligados com as representações sociais, sendo composta da expressão de processos históricos. Conforme Alba (2014, p. 523), “[...] representações sociais permitem integrar uma dimensão temporal na análise dos processos psicossociais, o que se mostra em consonância com as rápidas mudanças das sociedades contemporâneas e permite

estudá-las tanto no presente, como no passado e no futuro”. Assim, é necessário compreender a importância do saber popular para fins científicos, inter-relacionados com diferentes tipos de linguagens.

Por conseguinte, apresenta-se dois tipos de espaço, o percebido e o concebido, estão intrinsecamente conexos aos objetos e aos fenômenos, precisando de elaborações/identificações complexas. Já o espaço concebido é conjunto de percepções e sensações simbólicas, pois ocorre a incorporação de práticas espaciais cotidianas, pois concretizam os espaços de representação, sendo este de mediação entre o percebido e vivido.

Sua prática cotidiana é a própria representação, e sua expressão é o condicionamento do poder exercido. O espaço de representação é um espaço vivo com ligações culturais, lócus da ação e das situações vivenciadas. É relacional em percepção, diferencialmente qualitativo e dinâmico e de natureza simbólica. [...] o espaço de representação contém tanto os espaços reais como os imaginários. Sob vários aspectos o espaço de representação interage com as práticas espaciais e as representações do espaço. (GIL FILHO, 2003, p. 1).

De acordo com Suertegaray (2019, p. 170), “as representações que fazem do lugar que habitam uma paisagem, revelam a totalidade de seu espaço de vivência e a imbricada relação natureza-sociedade-cultura, vinculada ao sentido de suas existências”. O conhecimento por meio das representações possibilita compreender a maneira que os indivíduos entendem e interpretam as ações no cotidiano, as características do meio e as informações assentadas que permeiam as relações sociais. Isso ocorre devido à interação social no cotidiano por meio de trocas, direcionando para a construção do pensamento dos sujeitos onde percepção simbólica transita.

[...] considerando uma sociedade moderna, marcada pelo pluralismo e pela rapidez das mudanças econômicas, culturais e ambientais, a expressão representações social seria a mais condizente com as dinâmicas próprias do mundo contemporâneo. Como exemplo, podemos destacar o discurso científico dos problemas ambientais, que tem sido amplamente divulgado nos meios de comunicação de massa. (FAGUNDES, 2009, p. 134).

Desse modo, as representações sociais através da interação dos indivíduos, sociedades, mundo organizam o processo social (BRANCO; GUIMARÃES, 2005). A geografia exerce ampla contribuição para discussão das memórias urbanas, se referindo à memória dos lugares e à importância encontrada, para transcorrer e a dialogar com outras ciências, no caso a história, “A geografia, assim como a história,

tem o mesmo compromisso com a verdade e segue também o método científico” (ABREU, 1998, p. 91).

Portanto o espaço social contém múltiplos objetos naturais e sociais, incluindo redes e canais que promovem a troca de materiais, fatos e informações. Esses “objetos” não são somente coisas, mas como relacionamentos os objetos contêm peculiaridades perceptíveis, como contornos e formas. O estudo das representações sociais nos condiciona a diferentes concepções para a construção do conhecimento.

2.4.1. As representações sociais e a geografia cultural

Para Fagundes (2009), a ciência geográfica ao longo dos anos compreende a importância da discussão da temática e realiza estudo neste âmbito. Em vista disso, teorias e conceitos que envolvem as relações sociedade-natureza, concede resultados a pesquisas científicas, por meio da observação e análise do contexto investigado. Contudo as representações sociais foram incorporadas à ciência geográfica mediante a geografia cultural, pois esta permite a representação do espaço e os elementos geográficos no processo existente.

Conforme Corrêa e Sauer (2009), a geografia cultural contempla a percepção, do espaço da representação, mostra-se como uma forma de conhecimento, as experiências vividas, pois são formadores historicamente da percepção dos lugares, paisagem e espaço. E esclarece que ao mesmo modo que o espaço fornece formas de representações, somente na dualidade sujeito e objeto pode ser encontrado o denominado comum, podendo assim, gerar toda forma de representação em diferentes tempos.

Com ênfase, a categoria paisagem como relevante na construção da geografia do mundo cultural, atribuindo a expressão simbólica e seu significado, assim as acepções são instáveis, já que a instabilidade perpassa o tempo, é o espaço vivo de representação, pois configura o *lócus* e das circunstâncias vivenciadas. Quanto aos aspectos qualitativos e dinâmico de natureza simbólica, reafirma as diversas interpretações e construção na experiência, valores, mitos, crenças e utopias e os grupos sociais que interpretam (GIL FILHO, 2003).

De acordo com Suertegaray (2019, p. 170), “as representações, que fazem do lugar que habitam uma paisagem, revelam a totalidade de seu espaço de vivência e a imbricada relação natureza sociedade-cultura, vinculada ao sentido de suas existências”. Nesse sentido, as representações e a paisagem revelam o entendimento que nos conduzem a conexões ao invés de análise dos diferentes, mas a partir dos componentes da paisagem, por outro lado, sendo material e imaterial.

Nessa perspectiva, torna-se interessante para a geografia cultural a compreensão da natureza e a influência dos lugares e grupos culturais, pois os pesquisadores consideram o âmbito da convivência as práticas estabelecidas, no que se alude as percepções, afetividade e até mesmo o distanciamento. Assim, se encontra com diferentes significados, segundo cada grupo cultural, quanto expressão à natureza e ao ambiente social.

[...] privilegia o presente ou o passado recente. Mas o que é mais importante ressaltar não é o recorte temporal, mas a análise dos significados que são ou foram atribuídos à espacialidade humana. Pois, repita-se, a abordagem cultural está precisamente centrada nos significados que os diversos grupos sociais constroem relativos à espacialidade passada, do presente e mesmo do futuro. (CORRÊA; SAUER, 2009, p. 6)

Mediante a discussão acima, os pesquisadores destacam a memória individual ou coletiva, relacionados com a categoria paisagem e suas manifestações, estas são construídas livremente, resultando de características materiais, relacionados a processos históricos de composição, que vão além de aspectos simbólicos. Essas análises presumem diferentes processos sociais no contexto da construção identitária, incluindo poder e arte. Explora os usos do conceito a partir de diferentes perspectivas em seus textos: literatura, artes visuais e música construídas a partir da geografia cultural (SUERTEGARAY, 2019).

3. A FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DA CIDADE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ-PA: DA BEIRA DO RIO PARA A BEIRA DA ESTRADA

O presente capítulo tem como objetivo abordar o contexto histórico e atual da cidade, assim para que se compreenda a história de um lugar é indispensável compreender sua inserção e articulação no contexto (regional, nacional e internacional). Para isso, o estudo apresenta um breve resumo da construção do território guamaense, relacionada ao período da colonização dos portugueses na Amazônia, no século XVII e suas transformações na organização territorial. Assim é interessante associá-la aos processos de colonização do espaço brasileiro e amazônico, em visto que São Miguel do Guamá está incorporado na região que é parte integrante de um todo.

Dessa maneira, os diferentes conjuntos da realidade que historicamente a cidade se desenvolveu através das atividades ribeirinhas que constituíram grande parte da vida econômica, política e cultural. Em seguida, aponta as premissas construções e relações constituídas às margens do Rio Guamá, e seu crescimento ao entorno dele. Tratando das características mediante singularidade e ritmo fluvial, estabelecidos na estrutura física e cultural da cidade.

Apresenta como o processo de ocupação e produção do espaço amazônico influencia em diversas e profundas transformações, associados aos eixos de circulação fomentados, pelas políticas de desenvolvimento para a região a partir da década de 1960. Assim, houve dinamismo regional devido à expansão da Nova Frente Econômica intimamente ligada ao Estado, e consequentemente a intervenção e distanciamento em diversas atividades estabelecidas. A partir desse entendimento, buscamos apresentar os principais momentos da formação socioespacial de São Miguel do Guamá, reconhecendo as formas de interação com o rio que a cidade desenvolveu ao longo de sua história, e os processos de reorganização decorrentes da urbanização recente.

3.1 DA FAZENDA PERNAMBUCO À FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ: BREVE HISTÓRICO

A cidade São Miguel do Guamá é cortada pelo Rio Guamá de Oeste para Leste, e em sua margem esquerda está instalada a sede municipal. Apresenta como limites: Santa Maria do Pará e Bonito ao Norte; Ourém a Leste; São Domingos do Capim e Irituia ao Sul e Bujarú, Inhangapi e Castanhal a Oeste. É o trigésimo quinto (36º) maior município¹⁴ do estado do Pará, em aspectos populacionais, considerando o seu papel econômico e político influenciado por distintos períodos históricos, que se constitui mediante ao processo de ocupação da região amazônica, apresenta seu desenvolvimento associado ao contexto colonial.

As configurações sociais sejam vistas como reflexos da colonização portuguesa, já que a atribuição advém da mesma, concerne nos espaços sociais, definidos por sistemas de objetos e ações. É interessante mencionar os períodos que antecederam a atual formação da respectiva cidade, pois diante das mudanças é possível conceber as novas configurações introduzidas. Nesse sentido, apontaremos os principais fatos históricos, ainda que poucos, mas que consideramos necessários.

A formação territorial perpassa pelo século XVII, assim os primeiros que se aventuraram a incursionar pelo Rio Guamá foram os colonos portugueses. Não só pela facilidade de comunicação com Belém como também pelas ricas terras que aquela região possuía. Inicialmente, essa região era habitada por índios, e posteriormente de famílias portuguesas e *negros* africanos escravizados por meio do tráfico negreiro, chegavam a São Miguel do Guamá, existindo diversas formas do *trabalho escravo* na cidade.

A ocupação de suas terras começou a abrolhar por volta do século XVII, devido às sesmarias concedidas pelo Governo da Capitania, dentre elas, a cedida ao Convento do Carmo, instalando uma fazenda que denominaram Fazenda Pernambuco. Através das navegações pelos colonos portugueses realizadas ao longo do rio. Sua sede municipal, como é comum de todas as cidades que remontam ao período da colonização portuguesa, localiza-se à margem do Rio Guamá.

¹⁴ O município fica próximo de importantes cidades do estado: Castanhal, que ocupa a 5º maior população do estado, Santa Maria do Pará, que é ponto de encontro entre a capital Belém e municípios do Norte e Nordeste paraense e a saída do estado pela BR-316 ou pela BR-010 (Belém-Brasília).

No ano 1758 o povoado passou à categoria de freguesia, quando o bispo, Frei D. Miguel de Bulhões, em sua visita pastoral, esteve abrigado no sítio de Agostinho Domingos da Siqueira.

[...] foi a partir da colonização portuguesa que o espaço amazônico deu seus primeiros passos em direção às grandes transformações espaciais; no lugar das florestas surgiram áreas devastadas, igrejas, vilarejos e uma porção de coisas para suprir as necessidades de seus novos habitantes (BARBOSA; SANTOS, 2005, p. 15).

Os portugueses, através da lógica de ocupação do território amazônico, foram espalhando aldeamentos, igrejas e colégios Matriz São Miguel Arcanjo e Colégio dos Padres *Barnabitas – TIBI PATER*¹⁵ que no Latim significa (para você Pai), nas (figuras 4 e 5), juntamente com as fortificações militares, compuseram elementos da paisagem que simbolizavam o espaço das ideias coloniais, implantadas com diferentes objetivos na região.

FIGURA 4: Igreja Matriz - São Miguel Arcanjo



Fonte: Diocese de Bragança (s/d)

FIGURA 5: Colégio dos Padres *Barnabitas – TIBI PATER*



Fonte: Diocese de Bragança (s/d).

Assim o senhor Agostinho Domingos da Siqueira fez uma significativa doação de terras para a formação do patrimônio de uma capela, em 24/02/1757, que futuramente se tornará a Igreja Matriz da cidade. Segundo Oliveira (2006), o primeiro

¹⁵ [...] sua arquitetura foi inspirada no estilo romano, tendo em suas paredes internas paisagens honrarias e santos. Construído entre um pequeno bosque e o rio, ele é uma verdadeira relíquia do nosso passado, um marco importante na história da nossa cidade, que deve ser sempre admirado e respeitado, mas jamais destruído. (S.M.G.: NOVOS RUMOS, 1988, p. 40).

sinal característico das cidades às margens de rios na região amazônica, é torre da igreja, de floresta a calmaria de sequência monótona. Com a instalação da freguesia e a presença catolicista, a sede foi edificada a igreja matriz e a construção de casas à sua volta. O local inicia o processo de povoamento em suas adjacências, adquirindo as premissas características de urbanização.

Criada a freguesia e provida de Vigário, foi construída a Igreja Matriz e em torno desta principiaram a alinhar-se as casas e o local a tomar o desenvolvimento de povoado, assim atravessou o resto do período colonial, entretanto para a independência ainda como simples freguesia. (S.M.G.: NOVOS RUMOS, 1988, p. 3).

Diante disto, são mencionados os sujeitos participantes desses processos:

[...] construção é confirmado pelo domínio e pela apropriação, tendo como sujeitos desses dois processos o Estado, a igreja católica e os poderes regionais. Essa construção é confirmada pelo uso do território, este último sendo manifestado nas atividades econômicas que historicamente passaram a fazer parte do município de São Miguel do Guamá [...] (CORDOVIL; NAHUM, 2011, p. 66).

Com a construção da Igreja Matriz, em torno desta principiaram a construção de casas e o local pelo desenvolvimento de povoado, assim atravessou o resto do período colonial. Dessa maneira, já era sumamente habitado a extensa área estimulado pelas atividades extrativistas e à agricultura de subsistência. Como enfatizam Barbosa e Santos (2005, p. 18), “[...] caracterizava-se como um pequeno arraial que possuía poucos habitantes, que sobreviviam da caça, e da agricultura de subsistência (feijão, fumo, mandioca, algodão, milho, malva, etc.)”. Nesse contexto, dar-se-á início a pecuária, pequenos indícios de atividades comerciais, que apresentavam dinamicidade.

Considerando a facilidade de comunicação com Belém, como também pelas extensões de terras e de boa qualidade que a região dispunha. De acordo com Cordovial (2010), Frei Miguel de Bulhões contribuiu para a formação da freguesia de São Miguel do Guamá, é a partir dessa ação que o lugar irá se transformar em povoado, freguesia, vila e município. Em 17 maio de 1833, a nova divisão da província do Pará foi dividida em municípios. Naquele momento conhecido como São Miguel da Cachoeira, fazia parte do município de Ourém. Por meio de leis e decretos estaduais, chegou até aos evidenciados abaixo.

QUADRO 1: A Formação Administrativa do município de São Miguel do Guamá

DATA/ANO	LEI/DECRETO	ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA
1758	-	Distrito criado com denominação de São Miguel do Guamá.
1872	-	Desmembrou-se, adquirindo a categoria de Vila.
31/10/1873	Lei Provincial n.º 663	Assembleia Provincial cria o respectivo município deixa a categoria de vila passando a ser município.
07/01/1873	-	Sede na atual vila de São Miguel de Guamá.
31/07/1879	Lei Provincial n.º 934,	Desmembra da vila de São Miguel do Guamá o distrito de Irituia, elevado novamente à categoria de município.
13/09/1886	Lei Provincial n.º 1.286	A vila de São Miguel do Guamá adquiriu a extinta vila de Irituia.
28/11/1887	Lei Provincial n.º 1.307	A vila de São Miguel do Guamá adquiriu a extinta vila de Ourém.
1889	-	É desmembrado da vila de São Miguel do Guamá o distrito de Ourém, elevado à categoria de vila.
30/05/1891	Decreto Estadual n.º 344	Elevado à condição de cidade com a denominação de São Miguel do Guamá.
29-12-1961	Pela Lei Estadual n.º 2.460	O município de Guamá passou a se denominar-se São Miguel do Guamá.

Fonte: S.M.G.: NOVOS RUMOS, (1988).

Elaboração: Autora, 2022 (adaptado).

No ano de 1873 a Assembleia Provincial, foi criado o respectivo município, com a Lei nº 663 de 31 de outubro. No entanto, esta mudança desagradou imensamente a Câmara de Ourém, porquanto desmembrava de seu município uma vasta zona, tendo presidente desta Câmara, Eliziário José de Carvalho, protestado contra a “desintegração” perante o governo Provincial. Dessa maneira, os habitantes de São Miguel trataram de promover imediatamente a instalação do município, que se realizou no dia 7 de janeiro de 1874, na Câmara de Ourém.

Como exposto no Quadro 1, no ano de 1961 o município passa a se chamar São Miguel do Guamá¹⁶, aos poucos foi incorporando traços da urbanização e sua expansão em diferentes fatores configurando sua malha urbana. Dessa maneira, consideramos mencionar a Bandeira¹⁷ do município que foi criada pelo projeto de lei

¹⁶ Por essa perspectiva, São Miguel passou a se chamar São Miguel do Guamá. A denominação “guamá”, surge em atribuição a homenagem ao rio que banha a cidade. A denominação Guamá é de origem vinculada a linguagem indígena Tupiniquim, que significa “Rio que chove”, “Ig significa rio; amã, amaná é igual à chuva, ou pode também ser traduzido por “aquele que chove”, pois guá é “aquele que”; e amã é “chuva”. Pode ser escrito como pronuncia o caboclo: Guamã. (S.M.G.: NOVOS RUMOS, 1988).

¹⁷ [...] É retangular, com as cores verde e azul cortada por uma faixa branca com a legenda: justiça e trabalho, tendo ao centro o escudo do município. O escudo foi criado pelo o projeto de lei nº 03/71 de 19 de março de 1971 e provado em 23 março de 1971. A balança símbolos justiça; o milho; a agricultura e a chamis as olarias. A folhagem são os ramos de café, que segundo comentários populares e mesmo

nº 02/72 de 27 de abril de 1972 e aprovada em 11 de maio de 1972, pois aponta as características específicas decorrentes dos processos históricos e curiosidades.

3.2 AS CIDADES ÀS MARGENS DE RIOS: A SINGULARIDADE DAS RELAÇÕES, RITMOS E FUNÇÕES DE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ E O RIO GUAMÁ

O processo de colonização portuguesa, especialmente a partir do século XVII, no que se remete ao processo histórico de São Miguel do Guamá, implantaram-se novas dinâmicas a partir do interesse de ocupação territorial, vista como reflexo do processo de colonização. Assim é interessante aludir sobre a existência de ritmos e funções, durante o processo de colonização, pois permanecem condicionados às configurações sociais e à estrutura inserida, pois já havia grupos tradicionais no espaço da referida cidade, neste caso os índios Tupiniquim.

De acordo com Oliveira (2006), é interessante compreender a região amazônica, não porque sejam importantes do ponto de vista econômico e político, mas porque seu modo de vida é significativamente diferente das cidades e padrões dominantes no restante do Brasil. A história das cidades amazônicas relaciona-se ao sentimento e pertencimento ao lugar, essa associação/concepção tem tudo a ver com rios e florestas, pois possuem interação rio, sociedade e cidade.

Diante do conjunto de elementos particulares da produção social do espaço amazônico, costuma-se associar a origem das cidades à margem de rios, através das interações estabelecidas com as características naturais e culturais, condizentes à formação do território as fases de desenvolvimento influenciam na dinâmica urbana. Em vista disso, cada cidade possui suas especificidades que se diferenciam das outras, neste caso, possui vínculos diretamente com o Rio Guamá que transcorre a cidade.

em alguns livros históricos têm-se adotado o pioneirismo de São Miguel do Guamá em relação ao primeiro pé de café trazido das Guianas pelo o parêense Francisco de Melo Palheta. (S.M.G.: NOVOS RUMOS, 1988, p. 52)

FIGURA 6: Vista Aérea: Símbolos históricos situados à margem do Rio Guamá



Fonte: Diocese de Bragança (s/d)

É possível observar na figura 6, conjunto de prédios situados nas margens, com inclusão da Igreja Matriz, podemos afirmar que são os mais antigos da cidade. Vale ressaltar, sobre a forte influência do catolicismo e suas missões religiosas, em especial a catequização pelo Rio Guamá. À vista disso, a Igreja Católica foi responsável por formar cidades ao longo dos rios, começando pelas aldeias, e criando paisagens distintas: uma rua principal paralela ao rio e um armazém ou porto. Descrevem esse processo histórico/geográfico (de formação de cidades ao longo dos rios) (TRINDADE JÚNIOR; TAVARES, 2008).

[...] vinculado à ocupação e à defesa territorial, iniciado pela igreja católica, com a criação de aldeamentos e a formação de paisagens características com uma rua principal paralela ao rio e a presença do trapiche ou porto que são geralmente precários. (RAVENA *et al.*, 2019, p. 7).

As premissas formas de desenvolvimento, se apresentam por pequenos aglomerados de casas simples, mas que deixam suas marcas, digamos que seja a construção da cidade que se inicia no entorno de igrejas. Parte dessa formação territorial concede o início ao processo de urbanização, assim constroem-se através de lendas, símbolos, mitos, objetos geográficos e sujeitos políticos, consolidando a singularidade no que se acena ao conjunto dos aspectos referente às cidades às margens de rios.

Segundo Oliveira (2006, p. 27), “dá outra impressão dessas pequenas cidades mergulhadas na ircia, mas na verdade tudo pertence ao ritmo das atividades”. Dessa maneira, o rio, a floresta e a cidade configuram diferentes dependências entre seus habitantes, ainda pouca movimentação, mas apresentando crescimento.

FIGURA 7: Vista Aérea da ocupação da margem do Rio Guamá



Fonte: Diocese de Bragança (s/d)

Podemos perceber a paisagem na figura 7, a forma de expressão registra períodos da expansão urbana guamaense, demonstra formas e relações que corroboram, a dinâmica de estruturação do urbano. Assim, relaciona-se aos processos conexos ao tempo do rio, apresenta suas formas e relações em contato/dependência do rio. Do ponto de vista da economia, se concentram nas adjacências das águas do ritmo da cidade, observamos poucas casas e ruas, o trapiche, e ao fundo os prédios históricos, assim as atividades lúdicas, da circulação e de sua dimensão simbólico-cultural, marcam as relações entre cidade e rio.

No entanto, a cidade apresenta mudanças, sendo comparadas nas (figuras 8 e 9), no que se refere ao processo de ocupação à margem do rio, para o crescimento urbano, um fator importante na integração e desenvolvimento. Na figura 8, é possível observar vegetação às margens, já a figura 9 contempla o processo de ocupação urbana, porém situada e ligada ao contexto fluvial, adentrado nas atividades cotidianas dos antigos moradores, o rio assume o papel de protagonista.

FIGURA 8: São Miguel do Guamá a partir do Rio Guamá (PA) - (s/d)



Fonte: IBGE, 2022.

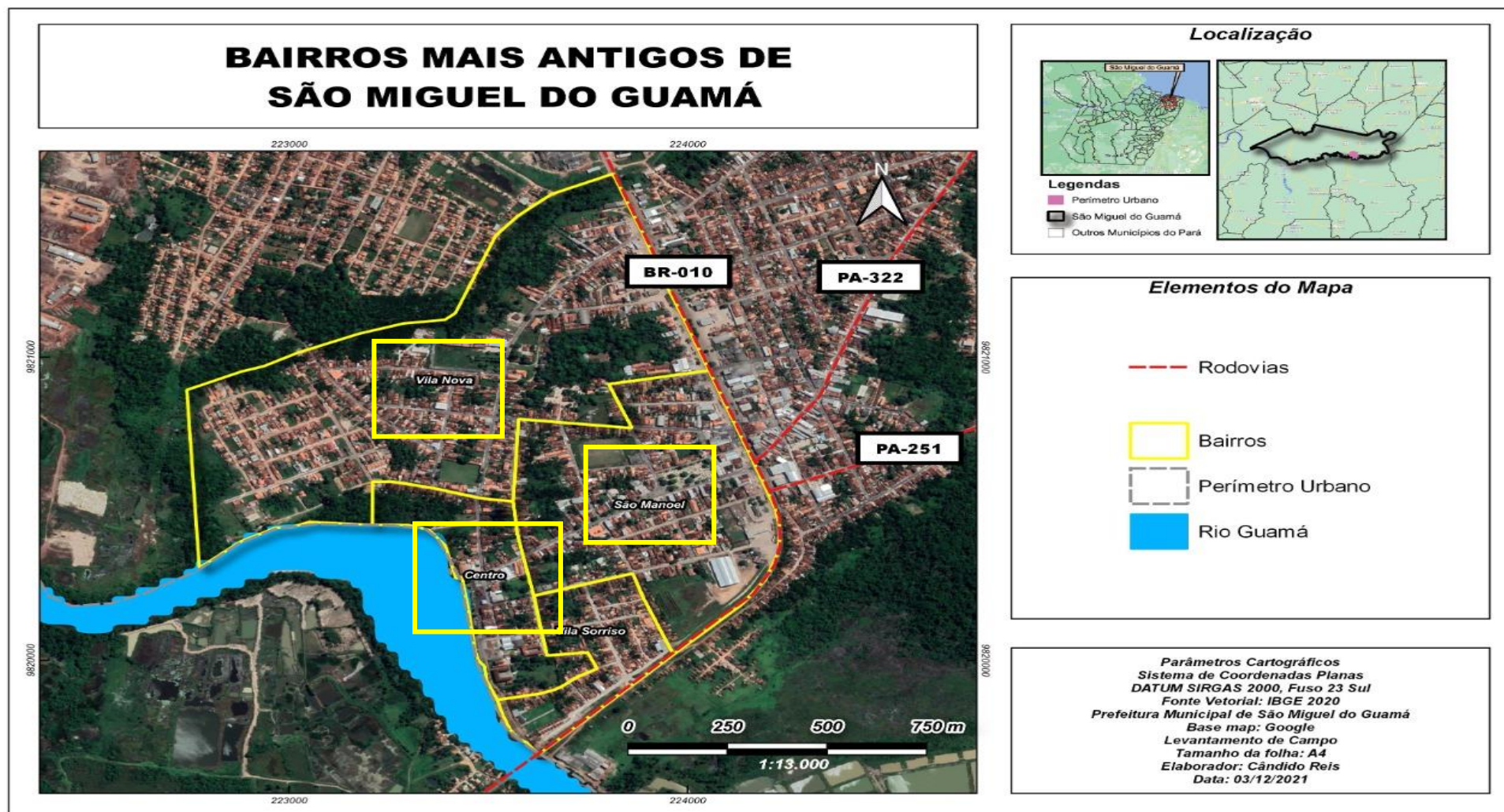
FIGURA 9: Ocupação da margem do Rio Guamá - (s/d)



Fonte: Foto cedida pelo entrevistado (Grupo I - 04) (s/d).

Por esse viés, os primeiros bairros surgem nas proximidades do rio, particularmente três: Centro, São Manoel e Vila Nova, evidenciados na (figura 10). Estampando, os bairros mais antigos e sua rede urbana de São Miguel do Guamá. Reconhecendo a forma como a cidade interage com o rio e desenvolvimento ao longo da história, resultando o processo de reorganização diante do recente aumento da urbanização. Com isso, a limitação da cidade e poucos moradores estabelecem característica particular de uma cidade à beira de rio, que não pode ser vista como atrasada, mas atrelada a suas atividades e ao seu ritmo local.

FIGURA 10: Mapa dos bairros mais antigos de São Miguel do Guamá



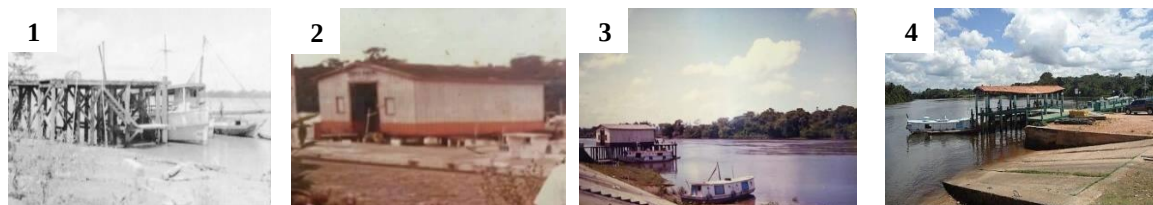
Para Trindade Júnior (2012), o rio é a interligação de diversas atividades que culminam no acesso e na utilização do mesmo. Nesse sentido, o papel do transporte fluvial, trapiches e a relação com as comunidades ribeirinhas, tornando-se centro comercial e ponto de encontro e conexão entre os ribeirinhos e de encontro na cidade. Com base em costumes e tradições herdadas ao longo dos anos, principalmente para venda de produtos, algumas pessoas usam o rio para cultivar sua própria agricultura de subsistência.

[...] localização principalmente às margens dos rios na Amazônia; assim como a aproximação social e o lazer que ocorrem em festejos religiosos e por meio das “conversas” na frente do rio. Os mirantes, os cais, os trapiches e as praças sempre margeados pelos rios, podendo ter também outras denominações, funcionam como um ponto central de encontro para os ribeirinhos que a partir desse local desenvolvem suas trocas impulsionadas por costumes perpassados por gerações. (RAVENA *et al.*, 2019, p. 9).

Por esse viés, as vias fluviais, citamos o transporte fluvial que os ribeirinhos utilizam para se locomover e transportar suas mercadorias, como local de embarque de pessoas e mercadorias, ingresso dos ribeirinhos. Permitindo a leitura de múltiplos tempos e espaços da construção das relações com às margens da cidade e o conjunto dos objetos espaciais ao longo do rio.

[...] O porto é por onde se chega e se vai; ele contém a possibilidade do entendimento da cidade, pois a vida começa no porto, menos pelo movimento, mais pelo fato de ele encerrar quase tudo que a cidade possui e que nela falta. O porto é o intermédio entre o rio, a floresta e a cidade, lugar privilegiado dos enigmas amazônicos, transfigurados em enigmas do mundo, a nos interrogar sobre o nosso passado, presente e futuro. (OLVEIRA, 2006, p. 27).

Desse modo, o trapiche de São Miguel do Guamá na figura 11, colaborou para realização de diversas atividades que permeavam às margens do rio. A construção de armazéns, cais e praças sempre margeados por rios funcionam como um local central. Sendo um componente chave em muitos aspectos da vida social, incluindo a produção, o trabalho e os meios de subsistência, relacionados às atividades econômicas.

FIGURA 11: Trapiche municipal em diferentes estruturas

Fonte: IBGE, 2022 Fonte: Brito, 1989. Fonte: Foto cedida pelo entrevistado (Grupo I - 04) (s/d).

Desse modo, margens dos rios na Amazônia são locais comuns para interações sociais e atividades de lazer, incluindo férias e bate-papos casuais em frente ao rio. Reproduzindo um conjunto de construções e estabelecendo relações entre cidade e rio. À beira de rio retrata a multiplicidade de sentimentos e lembrança, assinalando tempos memoráveis de quem teve a oportunidade de participar.

Nesse sentido, as construções começaram a acender, uma vez que a cidade começa a se desenvolver, consequentemente as mudanças na estrutura econômica e social, foram condicionantes. Assim, destacamos a construção do mercado municipal no ano de 1953, uma das primeiras construções em alvenaria, situado às margens do rio (figura 12). Este que por muitos anos, representou uma grande construção moderna e avanço para cidade, pois conseguiu agregar diferentes seguimentos no único ambiente. Sendo, ponto de diversas atividades pequenos comércios, venda de (verduras, legumes, hortaliças, carne) de comida, artesanato etc., e encontros para a população que residia, e caracterizava a paisagem local.

FIGURA 12: Mercado Municipal (s/d)

Fonte: Brito, 2022.

FIGURA 13: Mercado Municipal (2021)

Fonte: Pesquisa de campo, maio, 2021.

No entanto, o mercado municipal representado na figura 13, agregou-se a novas dinâmicas, deixando para trás as principais atividades econômicas de origem,

passando para os pequenos comércios de gêneros alimentícios e bares. Com a instalação do eixo rodoviário a movimentação diária, reduziu, isso cooperou para o abandono e falta de cuidado do poder público e da população. À vista disso, ao longo dos anos o Mercado Municipal não passou por reformas ou revitalização, comprometendo a estrutura física e as atividades inseridas, colaborando para o esquecimento da história local.

Diante das fortes mudanças na sua estrutura física da cidade, no que se refere às construções às margens do Rio Guamá, com intuito de facilitar o acesso ao rio e “diminuir” prejuízos e danos, causados por enchentes, durante as fortes chuvas no inverno amazônico, e protegê-lo de sujeiras. No ano de 1980, foi construído pelo DNOS (Departamento Nacional de Obras e Saneamento) o cais de arrimo (figura 14), e no ano de 1986 construíram o cais de acostamento (S.M.G.: NOVOS RUMOS, 1988).

FIGURA 14: Cais de arrimo e o Rio Guamá



Fonte: S.M.G.: NOVOS RUMOS, (1988).

Com o propósito de garantir um local organizado e seguro para a chegada de pessoas e mercadorias em sua margem (figura 14), conduzidos por embarcações de ribeirinhos, além disso complementar a paisagem no sentido de embelezar o local. O cais de arrimo, tornou-se atração da cidade, por ser uma obra grandiosa e que se destacava das demais ao entorno, por aspectos modernos, assim moradores e turistas frequentavam diariamente. Aqueles que iam apreciar e admirar a vista

panorâmica do conjunto de elementos naturais, como o barulho das águas, com o sublime momento receber um pouco de paz e observar as novas obras.

Com isso, a cidade de São Miguel do Guamá estabelece relações simbólicas, sociais, econômicas e religiosas às margens do rio, contribuindo para relações futuras, na qual perceberemos grandes transformações, através dos novos objetivos da administração municipal no último capítulo.

3.3 A PERIODIZAÇÃO E A INSTALAÇÃO DOS NOVOS EIXOS DE CIRCULAÇÃO NA REGIÃO INTERMEDIÁRIA PARAENSE

De acordo com Ribeiro (2015), as primeiras ações dos colonos a nordeste paraense relacionaram-se com a precisão de circulação entre Belém e São Luís, que se deu no litoral, abrolhando a origem a diversos núcleos de povoamento para fins de apoiar a navegação no continente, utilizando Belém e o Rio Guamá, trecho entre Belém e Ourém, logo seguindo a rota terrestre por caminhos arriscados na floresta. Pensada e edificada por Luís de Moura em 1727, a Casa Forte, deu origem a Ourém, é o ancoradouro dos navios, que partiam de Belém, passavam por Bragança até o primeiro caminho que ligava Pará e Maranhão.

As primeiras frentes de ocupação e estabelecimento de pequenos núcleos de povoamento, posteriormente transformados em cidades, aconteceram ao longo do litoral paraense. Assim, existia a frente de ocupação ao longo do Rio Guamá a começar de Belém, responsável pela instalação de núcleos permanentes como São Miguel Guamá e Ourém, que é o limite da faixa navegável do Rio Guamá. A partir de Ourém, entra-se na nascente do rio Caeté, por onde se navega até Bragança. A terceira frente localizava-se entre o litoral e o Rio Guamá, segmento floresta onde se localizava a arriscada pela estrada de Belém a Bragança.

A região nordeste do estado do Pará é uma área de influência direta da metrópole de Belém, que, embora colonizada há muito tempo, possuía grande peculiaridade no contexto da Amazônia brasileira. Assim, a colonização do estado nordestino do Pará, levou a um lento processo de “pequenos lotes”. As técnicas de

plântio conservam-se as mesmas, pois estavam se espalhando no Brasil na época: corte e queima, com necessidade de rotação de regiões (RIBEIRO, 2015).

Essas condições estão apenas debilmente satisfeitas até o final do século XIX no nordeste paraense, quando tem início um processo de colonização mais intensa atrelado ao dinamismo econômico gerado pela economia da borracha na Amazônia, que já condiz com o segundo momento de estruturação da rede urbana da região em questão. (RIBEIRO, 2015, p. 5911).

No que se refere aos projetos econômicos e que implicam no perfil e ritmo das cidades amazônicas, nos apropriamos do modelo “rio-várzea-floresta” elaborado por Porto-Gonçalves (2010) e ao contexto da ocupação do espaço regional, precedente à década de 1960. Por esse viés, o novo modelo de ocupação é baseado no “orgulho” colonial, ignorando a geografia da região e a cultura do povo/cultura, fundamentado na geopolítica que só observa e explora o espaço e o povo, seus impactos perversos e destrutivos.

Na ocasião, é criada a Superintendência para Valorização Econômica da Amazônia (SPEVEA), em 1953, que mais tarde passaria a se chamar Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), ela planejou a implementação de projetos particulares e públicos na região. Com abertura de estradas e vicinais, concedendo maior mobilidade populacional para a Amazônia e a busca de terras devolutas, além de gerar conflitos por terra, e foi responsável pelo surgimento de vilas, povoados e cidades, fez agravar a luta pela Terra (TAVARES, 2008).

Todavia, nenhuma dessas causou tantas modificações no espaço amazônico, como ocorreu com a chegada dos Grandes Projetos nos pós Segunda Guerra Mundial, pois além das mudanças nos padrões estruturais, houve também modificações nos padrões sociais. Com a chegada dos Grandes Projetos, modificações na estrutura urbana amazônica, surgem novos municípios, em especial no Pará, em decorrência do fluxo migratório (COSTA, 2012).

A construção dessas infraestruturas trouxe sujeitos que se instalaram na região, criando cidades ao longo da floresta. Assim novos núcleos, sugerem principalmente para atender projetos de colonização, agropecuários, de mineração. O fluxo migratório contribui para o crescimento populacional das cidades amazônicas, já

que a região era vista como “vazio demográfico” e precisava ser ocupada, nesse modelo a população local não estava representada. (PORTO-GONÇALVES, 2010).

Nesse sentido, o governo federal implementa a construção dos grandes projetos na Amazônia com intuito de aumentar a lucratividade de acumulação do capital para o país, construindo: rodovias, ferrovias, hidrelétricas, projetos minerais e outros, conseguiram estabelecer densas transformações nas relações socioespaciais existentes.

A margem do rio se interlaçava e se limitava à malha urbana de São Miguel do Guamá, mas como a abertura das estradas se expandiu a cidade além do que era antes. Assim, as áreas são diretamente afetadas por esses projetos econômicos, tais cidades são definidas, por características específicas do passado e representação com a cidade, que *a priori* são herdadas do passado das ligações, intimamente relacionados com as dinâmicas com o rio. Outrora, se concentram às margens da rodovia, configurando o momento de transição entre vias fluviais e estradas, ambas condicionantes a diversas atividades, em especial a econômica.

3.3.1 Eixo Fluvial

De acordo com Trindade Júnior (2008), as primeiras construções e interações se concentram na chamada de beira-rio, atributos de cidades ribeirinhas amazônicas. A cidade de São Miguel do Guamá, desde o início de sua criação, apresenta histórico de forte relação da sua população com o rio, típico das cidades amazônicas. Um exemplo de manifestação dessa relação é o fato de que os primeiros habitantes do local chegaram por meio da navegação pelo Rio Guamá.

As primeiras ações dos colonizadores no nordeste paraense foram relativas às necessidades de circulação entre Belém e São Luís, que se deram tanto pelo litoral, originando diversos núcleos de povoamento como suporte a essa navegação; quanto pelo continente, utilizando o Rio Guamá no trecho entre Belém e Ourém e depois seguindo via terrestre por precários caminhos na floresta. (RIBEIRO, 2015, p. 5910).

Isso ocorre a partir do processo de ocupação territorial que começou a partir do século XVII, às margens do Rio Guamá. Assim, Cordovil (2010) explana sobre as primeiras relações sociais e atividades econômicas, passando pelo processo emancipatório, até a configuração atual. Destacamos o contexto cultural que o rio exerce no cotidiano das pessoas, se distinguem, a partir das relações de uso e identidade cultural, na qual conduziu para formação e consolidação das características de cidade.

[...] uma primeira frente de ocupação e de criação de pequenos núcleos de povoamento, mais tarde convertidos em cidades, se dá pelo litoral. Além dessa, existia a frente de ocupação subindo o Rio Guamá a partir de Belém, responsável pela instalação de núcleos permanentes como São Miguel do Guamá e Ourém, que era o limite do trecho navegável do Guamá. (RIBEIRO, 2015, p. 5909).

Por esse viés, o processo histórico de São Miguel do Guamá possui ligação diretamente com o Rio Guamá, como a relação com a sociedade, auxiliam no esclarecimento do ponto de vista simbólico e seu devido significado à imagem do indivíduo que reside. Trata-se da expressão que permite registrar conexões como indício de resistência do rio e a cidade, ilustrando o valor do rio como contorno da paisagem a força expressiva manifestada no espaço real ou imaginário no contexto guamaense.

Segundo Brito (1989), o Rio Guamá atinge proeminência, pois em todo o seu trecho apresenta boas condições de navegabilidade, por 160 quilômetros de São Miguel do Guamá até a Baía do Guajará. Assim, oferecendo condições para embarcações de grande porte, beneficiando a população que necessita de serviços. Já que nesse período, o Rio Guamá era a única via de circulação que se interligava à Belém e aos demais municípios vizinhos, fato este que determinava que todas as casas comerciais ficassem à beira-rio para facilitar o embarque e desembarque das mercadorias.

Para Porto-Gonçalves (2010), o rio significou integração, por meio de suas estradas fluviais, pois nesse período as estradas no contexto rodoviário ainda não existiam, apenas “caminhos” para o acesso e locomoção. Dessa maneira, o Rio Guamá representou “embarque e desembarque” de pessoas e mercadorias,

verificando-se a chegada através de caminhões apropriados em imensas jangadas e balsas pelo Rio Guamá (figura 15).

FIGURA 15: Transporte fluvial de cargas pelo Rio Guamá



Fonte: Foto cedida pelo entrevistado (Grupo I - 01) (s/d).

Com ênfase para o escoamento da produção agrícola¹⁸, ceramista e madeireira. Outrossim, o trapiche municipal recebia fluxo de embarcações intenso “atracagem” das embarcações em São Miguel do Guamá, que naquele momento dispunha de horários de saída e chegada de embarcações em direção à capital paraense, mantido pela prefeitura municipal e a comunidade.

Contudo a paisagem é vista como conjunto de objetos naturais e artificiais, situado nos resultados do comportamento humano, adjuntos de interesse e estratégias de ocupação, que em seu andamento perpassou por intensas mudanças, considerando as instituições participativas e sua influência no desenvolvimento urbano local. Nesse sentido, o “isolamento” com restante do país deveria ser resolvido, pela lógica de integração e desenvolvimentos atrelados a grandes investimentos e projetos realizados pelo governo federal (BECKER, 2005).

As estratégias de desenvolvimento através de grandes obras, por iniciativa do governo federal, chegam a São Miguel do Guamá pela Comissão executora da rodovia Belém-Brasília, para a construção da ponte sobre o Rio Guamá, sendo

¹⁸ Produção agrícola, com destaque: mandioca, cacau, arroz, malva, milho, pimenta-do-reino, feijão mamão, banana, cana-de-açúcar fumo, algodão etc. - produtos destinados tanto ao consumo interno como à exportação, café beneficiado, farinha de mandioca e outros produtos. (S.M.G, NOVOS RUMOS, 1988, p. 5)

chamada “Ponte Dr. Waldir *Bouhid*”. Esta representa a integração definitiva do Pará no Brasil na figura 16, que liga o Norte ao Sul, que mais tarde passará a Rodovia Belém-Brasília. Ilustra a ascensão da “modernidade” na cidade, no entanto acarretando inúmeros problemas sociais e ambientais, retrato do preço do “desenvolvimento” na região amazônica (S.M.G.: NOVOS RUMOS, 1988).

FIGURA 16: Início da construção da ponte “Dr. Waldir *Bouhid*”



Fonte: Foto cedida pelo entrevistado (Grupo I - 01) (s/d).

Nesse momento, São Miguel do Guamá apresenta pontos estratégicos de entrada e saída, por vias fluviais e terrestres. Assim colaborando para fluidez do crescimento populacional e urbano, já que para muitos representaria o “progresso”, pois as fortes relações estabelecidas com os rios na Amazônia eram vistas como sinônimo de atraso e inércia.

Esses núcleos urbanos diferem dos criados às margens das estradas, os quais se constituem nas novas espacialidades urbanas da Amazônia a partir dos anos 1970, em decorrência da construção de novos eixos de circulação que são os vetores de expansão da fronteira para a implantação dos projetos de colonização e da instalação de grandes projetos públicos e privados. Ao mesmo tempo em que ocorre a integração do território, possibilitando a circulação de pessoas e objetos, há a desarticulação de fluxos pretéritos e o surgimento de outros. (OLIVEIRA, 2006, p. 27).

Segundo Porto-Gonçalves (2017), toda essa transformação implica diretamente no modo de vida da população, promovido pelo (desenvolvimento) em torno de estradas, que explora e agride solo e subsolo, que causa a destruição de florestas e várzeas e estorvando seus rios, com todos os malefícios. Incluindo a poluição de suas águas e um declínio na produção de peixes, afetando o suprimento tradicional de proteínas de seu povo, implantando novos ritmos e dinâmicas.

3.3.2 Eixo Ferroviário

O sistema ferroviário foi implantado para colonizar efetivamente a Zona Bragantina. A partir de sua construção, em conjunto com a política oficial do Governo do Pará com intuito de atrair mão de obra do Nordeste brasileiro, estabeleceu-se uma estrutura agrícola baseada na agricultura familiar, composta por pequenas propriedades.

O estabelecimento do sistema ferroviário (bem como a modernização do setor portuário) na Amazônia se deu em conjunção a esse sistema produtivo extrativista (ROCHA et al., 2019). O maior destaque cabe à famosa Ferrovia Madeira-Mamoré¹⁴. Na zona de influência da produção da castanha, também houve a construção de malha ferroviária em Tucuruí (ROCHA, 2008). Para Almeida e Ribeiro (1989), o sistema de transporte ferroviário sempre desempenhou um papel complementar no quadro logístico da Região Norte como um todo. (FENZL et al., 2020, p. 15).

Segundo Ribeiro (2015), a partir das necessidades geradas pela economia da borracha, no final do século XIX, o governo provincial do Pará começou a implementar uma política colonial na chamada Região Bragantina, primeiro com a intervenção de europeus, e depois com o uso de nordestinos. Por conseguinte, consolida e combinando essa política com a construção de ferrovias, contemplando o litoral amazônico abriga a ferrovia mais importante, a Estrada de Ferro de Bragança (EFB) Belém-Bragança, projetada para promover o desenvolvimento agrícola.

De acordo com Cruz (1973 apud RIBEIRO, 2015), a ferrovia levou 25 anos para ser construída, iniciando em 1883, em 24 de junho de 1883, lançando a primeira ferrovia, porém o seu término só ocorreu em 1908. Todavia, o frequente fracasso das ferrovias, aliado ao advento de uma política nacional de expansão rodoviária, levou ao fechamento da (EFB) de 220 quilômetros ligando Belém e Bragança pelo governo federal em 1965.

Dessa maneira, as políticas coloniais, especialmente da migração nordestina, e a construção da (EFB), foram de fundamental importância para a construção da malha urbana da região geográfica intermediária de Castanhal. Assim, criou-se um sistema industrial que aplicava os mesmos princípios da máquina a vapor ao meio de transporte ferroviário.

Assim, a capacidade de trabalho proporcionada por essa revolução nas relações sociais e de poder por meio da tecnologia da máquina a vapor ocasionado uma verdadeira ruptura metabólica em grande escala mundial. Além do mais, ao significativo do número de centros urbanos, no fortalecimento do presente, em termos de expansão populacional, em vista do dinamismo econômico, principalmente no contexto da agricultura, de tal modo fortalecer a interação espacial entre centros urbanos.

Os pontos da ferrovia foram cruciais para o surgimento dos núcleos urbanos, pois se tornaram então as principais áreas da região, e hoje coincidem em grande parte com a maioria das cidades do nordeste do estado do Pará.

Essa é a situação atual da cidade Castanhal, São Francisco do Pará, Igarapé-Açu, Nova Timboteua, Peixe-Boi e Capanema. Essa malha urbana de (EFB) marca o segundo período na construção da malha urbana no nordeste do estado do Pará, do final do século XIX até a década de 1960, quando a ferrovia foi desinstalada. No final do século XIX, Castanhal e Igarapé-Açu surgiram como dois centros regionais, polarizando várias colônias (RIBEIRO, 2015).

Embora não tenha passado por São Miguel do Guamá, começou a provocar mudanças. Antes a cidade apresentava somente uma centralidade: o rio e sua relação com Belém. O reflexo do ciclo da borracha nessa região fez com que ocorressem movimentações e expectativa. Outrora vamos compreender a relação de São Miguel do Guamá com (EFB).

3.3.3 Eixo Rodoviário

De acordo com Tavares (2008), na década de 50 inicia-se a implementação de projetos de integração da Amazônia. Um exemplo: a inauguração da Belém-Brasília, em 1955. Foi a primeira grande rodovia de integração física da Amazônia e que foi construída no auge da ideologia desenvolvimentista, no governo de Juscelino Kubitscheck.

E dentro dessa reconfiguração urbana na Amazônia, em especial a cidade de São Miguel do Guamá, há marcas das transformações socioeconômicas vividas até os dias atuais. Além da construção da estrada que seria a principal ponte de ligação

terrestre entre Amazônia e eixo Centro-Sul. E criam-se órgãos para estabelecer políticas de migração e organização econômica dentro da própria região (DA SILVA; COSTA, 2022).

Ainda de acordo com Tavares (2008), houve um novo surto de municipalização sendo criados e recriados novos municípios, a exemplo de: Benevides, Capitão-Poço, Jacundá, Limoeiro do Ajuru, Magalhães Barata, Peixe-Boi, Primavera, Santa Cruz do Arari, Santana do Araguaia, Santa Maria do Pará, Santarém Novo, Santo Antônio do Tauá e São Félix do Xingu, Paragominas, Bonito e o município de São Miguel do Guamá que foi desmembrado de Bonito, todos esses municípios estavam sob a influência da Belém-Brasília e suas vicinais.

Com a construção da Belém-Brasília muitos municípios no Pará, porta de entrada terrestre para a região amazônica, passaram a ser ocupados de forma desorganizada. Assim, constitui-se o novo modelo de ocupação que construiu estradas, abrindo caminho para a reprodução ampliada do capital e alavancando o desmatamento, junto com a exploração madeireira ampliada, o aumento extensivo da pecuária, várias monoculturas em latifúndios e desenvolvimento energético (hidrelétrica, petróleo e gás) e exploração mineral em grande escala.

Nesse processo a Amazônia foi incorporada com a construção de estradas e projetos de extração dos recursos vegetais e minerais. Em muitas áreas próximas à construção da hidrelétrica de Tucuruí, Projeto Grandes Carajás, das rodovias Cuiabá-Santarém, Transamazônica, além da Belém-Brasília. O surgimento das cidades que se consolidaram sobre a exploração da vegetação nativa e dos recursos minerais. Em decorrência desse seguimento gerou uma série de problemas socioeconômicos, como utilização desenfreada dos recursos naturais e conflitos territoriais entre diferentes povos que já habitavam a região e os que chegavam.

[...] Dizem respeito ao esquema de ocupação regional pós-1960, ligado a implantação de rodovias; frentes de expansão econômica, como: a mineral; modelos espontâneos ou dirigidos de assentamentos privados ou estatais etc. São exemplos desse tipo de cidades aquelas surgidas das agrovilas ou fruto de um processo de ocupação mais espontâneo [...] (TRINDADE JÚNIOR, 2012, p. 177).

Para Becker (2005), a modernização pode ter grandes impactos em uma cidade. O Plano de desenvolvimento destinado à região amazônica tem como principal significado o planejamento da infraestrutura rodoviária em todo o interior do

país, em um processo abrangente que considerou a ideia de unir o mercado nacional, aumentar o crescimento econômico e incorporar a fabricação automobilística ao novo padrão.

É interessante mencionar a utilização dos recursos da Amazônia para o desenvolvimento econômico e a exploração, ocasionou mudanças significativas, o aumento da velocidade com que os processos de urbanização e industrialização progrediram ao início da ação política centralizada, passou a alterar, de forma radical, o ritmo, a forma de articulação no Território Nacional (PORTO-GONÇALVES, 2010).

Antes da construção da Belém-Brasília (1960), os guamaenses construíram com diligência uma rodovia denominada Magalhães Barata que dá acesso a BR-316, cortando o município de Bonito, facilitando assim o transporte de passageiros e cargas a Belém. Uma diferenciação a ser feita em relação às cidades da Amazônia, refere-se ao tempo de inserção destas na estrutura regional.

Por esse motivo, a população resolveu construir com suas próprias mãos uma estrada que passava pelo Bonito e que pertencia ao Guamá. Com a estrada concluída a prefeitura adquiriu um pequeno ônibus conhecido como Marechal que transportava passageiros cargas, sendo indispensável para a população Guamaense [...] (S.M.G. NOVOS RUMOS, 1988, p. 34).

Com a abertura da rodovia Belém-Brasília¹⁹ na figura 17, implicará em fortes transformações, neste caso São Miguel do Guamá. Como a maioria das cidades amazônicas, era necessitado de circulação terrestre, fato que estorvava a vida da população que se aglomerava à beira-rio que, pois, naquela época, era a única forma de comunicação entre várias regiões (S.M.G.; NOVOS RUMOS, 1988).

¹⁹ “A sua construção foi iniciada em 3 de julho de 1959 para ser concluída em 29 de outubro de 1960, sendo Presidente da República todos Juscelino Kubitschek de Oliveira, Superintendente do Plano de Valorização Econômica da Amazônia e presidente da Rodobras o Dr. Waldir Bouhid, representante do Presidente da República junto Rodobras o coronel Lino Romulo Teixeira. A firma construtora foi a Construção Amazônica (CONAMA), de responsabilidade do engenheiro Otávio B. Pires”. (S.M.G. NOVOS RUMOS, 1988, p. 56).

FIGURA 17: Abertura da BR-010 - Trecho entre os municípios de Irituia e São Miguel do Guamá



Fonte: Foto cedida pelo entrevistado (Grupo I - 01) (s/d).

Assim a ponte concebe a conexão terminante do estado do Pará no Brasil, completando o sonho de muitos moradores e medo para outros a redenção econômica da Amazônia através da rodovia "Bernardo Sayão" (Belém-Brasília). O crescimento da população se verificou por ocasião da imigração dada pela abertura da rodovia, onde os goianos, capixabas, maranhenses, pernambucanos e cearenses em maioria, percorreram distâncias em busca de melhores condições de vida, já que a cidade oferecia oportunidades para o desenvolvimento da indústria, do comércio e outros.

[...] outro fato a ser considerado e que está. Exercendo grande influência no aspecto econômico, social e de infraestrutura do município, é o trabalho desenvolvido pelo governo federal da rodovia paralela à Rodovia BR-010, que possibilitou a ocupação de mão de obra local e o deslocamento de técnicos especializados de outras regiões do País. (BRITO, 1989, p. 37).

Desse modo, a expansão das rodovias ocorre na década de 1960 a década de 1990. Assim a malha urbana, a rodovia substituiu a ferrovia como veículo de organização do espaço. O processo de integração nacional baseado em rodovias, que marcou a política nacional das décadas de 1950, 1960 e 1970, teve forte impacto na região amazônica, que recebeu novas rodovias importantes que foram integradas como símbolos da estratégia.

Como relata Ribeiro (2015), foi com a construção da rodovia Belém-Brasília que Castanhal se tornou o mais relevante centro comercial do nordeste do Pará, ou da Zona de Bragantina. Essa realidade já aponta para o próximo momento da estruturação da rede urbana no nordeste do Pará, no período entre as décadas de

1960 a 1990, utilizando rodovias para a comunicação e interligação entre as cidades da região.

Outrossim uma série de transformações do espaço amazônico, a começar pela produção industrial e agrícola. Na década de 60, a área deu grandes passos de desenvolvimento com a criação de um plano de metas para construção de rodovias de ligação em toda a região. O sistema rodoviário tornou-se o meio dominante de ligação entre os centros, não apenas ligando regiões, mas ligando diretamente com Belém. Este período começa na década de 90 até os dias atuais e não está ligado à reforma do transporte entre os centros (as rodovias ainda são a principal conexão) (RIBEIRO, 2015).

3.4 DA BEIRA DO RIO PARA A BEIRA DA ESTRADA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEXTO URBANO DE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ

A cidade São Miguel do Guamá, até meados de 1960, apresentava uma população relativamente pequena, predominavam casas de taipa, e posteriormente as de alvenaria de tijolo, o movimento das novas construções era de aproximadamente 25 prédios por ano (S.M.G.: NOVOS RUMOS, 1988). Com algumas ruas, essas não apresentavam ordenamento territorial, formando grandes quadras sem logicidade e descontínuas, nas quais atravessavam igarapés de baixadas, porém eram pavimentadas e exibiam mínima arborização, com destaque para Acácias e Castanholas (BRITO, 1989).

À vista disso, há uma dinâmica de reorganização regional da urbanização, antes impulsionada por redes urbanas dendríticas, onde o crescimento das cidades está relacionado principalmente à dinâmica dos rios, transfigura-se complexa e começa se desenvolver como consequência da nova estrada. Por conseguinte, há existência de fatores significativos na formação espacial de um determinado lugar, por exemplo: aspectos socioeconômicos e culturais muitas vezes estão indissociavelmente ligados à formação desse processo.

Para Santos (1979), o espaço é composto por objetos, que determinam a importância de outros objetos, que em conjunto se organizam para serem utilizados. Quando se compreende a essência das cidades e seus ritmos locais, sendo de características tradicionais, mas não são isentas de transformações, já que seus espaços são visados e cobiçados pelo capital.

Assim o processo de expansão, as relações entre a cidade e o Rio Guamá e seu entorno, foram tornando-se retrais, para promover o valimento de mercadorias vindas de Belém, através de grandes balsas. Com ênfase à concentração de atividades que se estabelecia em suas margens, essas perpassaram por profundas mudanças, principalmente no que tange à influência do eixo rodoviário.

Com a construção da rodovia Belém-Brasília²⁰, ocorreu a desconcentração das atividades econômicas, já que a circulação de produtos e cargas era limitada, pela falta de integração e rapidez, com desembarque de caminhões provenientes do Sul e Sudeste do país com mais agilidade, quantidade e variedade. Nesse momento, recebem a incorporação de diversas atribuições, resultado das dinâmicas de expansão das novas frentes econômicas.

Com a construção da Belém-Brasília, surgem vilas, cidades e alguns municípios foram emancipados dado ao número de habitantes que foram aumentando as margens da rodovia. Entretanto, esta organização não ocorreu de forma planejada e nem desempenhou um papel de habitação que prezava pela utilização de uma cidade que atendessem a todos os sujeitos. As vilas e os municípios que surgiram, passaram a ser ocupados de forma desorganizada, desempenhando, inicialmente, um papel de exploração de recursos [...] (SILVA; COSTA, 2022, p. 1872).

Seguido do crescimento dessas novas frentes econômicas por intervenção estatal, através dos projetos de infraestrutura, podemos afirmar que a dinâmica local foi afetada, ocasionando uma “quebra” no ritmo dos moradores locais e nas construções existentes. Por consequência, decorreu em extensos impactos na paisagem urbana local, refere-se também ao modo de vida, que é resultado da contínua produção, contendo as dimensões dos diversos períodos da sociedade.

Um dos primeiros comércios foi a firma Silva Irmãos, havendo também comércios enfileirados na rua Presidente Vargas onde hoje encontram-se

²⁰ Por via terrestre, São Miguel do Guamá está ligada a outras cidades pela Rodovia Federal BR-010 (formalmente conhecida como Rodovia Bernardo Sayão ou Belém-Brasília) que contribui para o crescimento urbano, usando o comparativo antes e depois da rodovia.

casas residenciais. Com a abertura da Belém-Brasília, já se pode observar as mudanças dos comércios para as margens da BR-010 expandindo-se nas ruas que se abriam naquele momento indo até a estrada. (S.M.G.: NOVOS RUMOS, 1988, p. 22).

As análises entre as dimensões da inércia e do dinamismo, simultaneamente antagônicas e complementares, o papel das cidades ribeirinhas, especialmente se esse novo momento na Amazônia. Isso implicou na ruptura de antigos padrões de organização (OLIVEIRA, 2006).

No quadro abaixo, apresentamos as principais atividades econômicas, consideramos de grande porte para aquela época. Salientamos a exploração da madeira, que era destinada ao mercado interno e externo, principalmente as regiões Centro-oeste, Sudeste e Sul. Já a agricultura era voltada para o consumo interno.

QUADRO 2: Instalação das primeiras atividades do setor secundário

INDÚSTRIAS	CONSIDERAÇÕES
Beneficiadora de arroz - "Santa Terezinha"	Iniciou suas atividades em 1963. A matéria-prima era comprada de produtores regionais. Eram beneficiadas por dia 120 sacos de arroz, que são usados para o consumo interno.
Serrarias	Por volta de 1978 começaram a se desenvolver as serrarias. Fama Madeireira Ltda, Serraria Guamá, Serraria São Miguel, Agroindustrial Ltda, Serraria Osvaldo Araújo e filhos Ltda e outros. Algumas serrarias exportam para o mercado interno da região e outras para o mercado externo como: Nordeste, Centro-Oeste e sul até para outros países.
"Café Dunosso"	Iniciou-se em 1983 em nossa cidade. A beneficiadora de café, que tem o nome de "Dunosso". Recebia visitas periódicas da fiscalização de saúde, Secretaria da Fazenda e outros. A matéria-prima, vem de outros Estados como: Minas Gerais e outros. O café Dunosso é exportado para todo o Pará.
Beneficiadora de Farinha de Mandioca "Tio Ma"	Em 1984, foi construída a beneficiadora. A matéria-prima era própria. A farinha é para o consumo interno e externo, e comercializada para vários locais; Macapá, Trombetas, Imperatriz.
"Três Pinheiros"	A laminadora foi instalada em 01/01/86. Por motivo do transporte da madeira ser mais fácil devido o Rio Guamá e a BR-010. A instalação da empresa também foi muito satisfatória. A empresa possui várias filiais sendo a matriz situada em Curitiba e a mesma recebendo incentivos fiscais da SUDAM.
Novosul	Foi instalada em 26/02/87, tem esse nome por ser uma Rio Grande do Sul. Sua matriz situada empresa do em Porto Alegre, é conveniada e tem várias filiais, somente no Para. A cidade de São Miguel do Guamá foi escolhida para instalar essa filial, por motivo da cidade ser localizada às margens do Rio Guamá, facilitando o embarque e desembarque de madeiras. Exportada para a África do Sul, Alemanha, Inglaterra, França, Portugal e outros países.

Fonte: S.M.G.: NOVOS RUMOS, (1988).

Quadro adaptado pela autora.

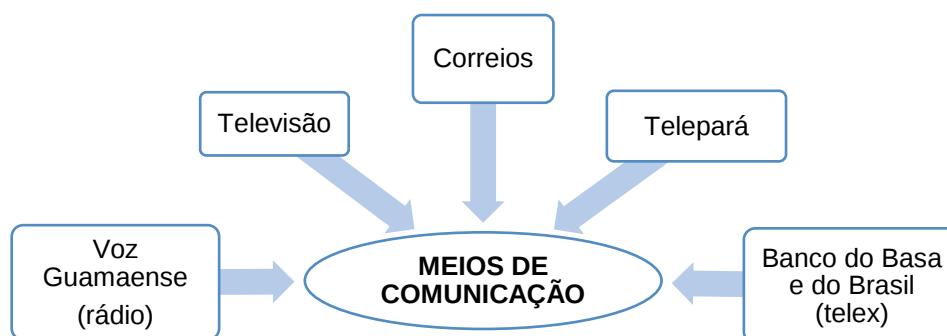
Segundo Trindade Júnior (2016, p. 47), “o caráter disseminado e pulverizado em que ocorreram os investimentos econômicos e as ações governamentais da região”. Assim a reestruturação da rede urbana e os novos papéis que foram atribuídos às cidades amazônicas, confirmaram uma nova dinâmica de produção, alterando as formas de trabalho, de gestão e utilização dos recursos naturais.

De acordo com Porto-Gonçalves (2017), a construção de grandes rodovias, a expansão das exportações de minério, gás, petróleo e agropecuária, o velho paradigma da extração destrutiva começou a se espalhar com a exploração madeireira. Nesse mesmo sentido ocorre a urbanização da população, uma vez que, paralelo ao crescimento técnico, apresenta-se outro, refletido pelas taxas demográficas, que cresceram nas últimas décadas.

Assim a cidade passa a ser ponto estratégico para as atividades econômicas, em vista do escoamento da produção por vias fluviais e terrestre, constituindo os principais meios de desenvolvimento econômico. Contudo o fluxo de pessoas que chegava a São Miguel do Guamá, motivados por melhores condições de vida em busca de trabalho e na prestação de serviços, ocasionou o crescimento acelerado e desordenado.

Conforme Oliveira (2006), as cidades amazônicas compõem-se de multiplicidades em seus aspectos, no entanto são vinculadas a relações decrépitas caracterizadas pela estagnação e, ao mesmo tempo, são expostas às dinâmicas contemporâneas que os conectam ao mundo. Esse paradoxo não é exclusivo do contexto amazônico, permite inovação simultânea, germinando sinais de modernização na paisagem, especialmente os meios de comunicação.

FIGURA 18: Meios de comunicação a partir de 1970



Fonte: S.M.G.: NOVOS RUMOS, (1988).
Adaptado pela autora.

O desenvolvimento das cidades amazônicas pode ser entendido como a base da logística para projetos de “integração e desenvolvimento” que ocupam rapidamente a área, diversas vezes é esperada a expansão em múltiplas frentes, e isso é incentivado por grandes empresas fortalecidas pelas ações do governo federal que impulsionaram o povoamento (PORTO-GONÇALVES, 2017).

Os diferentes tipos de redes técnicas (linhas telefônicas, eletricidade) que foram implementadas na cidade figura 18, e arredores consentiram o desenvolvimento de novos mercados e atividades econômicas. Essas redes mudaram a dimensão da cidade de São Miguel do Guamá, expandindo-se para o território ao redor da cidade, porém poucos moradores tinham acesso, mas já demonstrava avanço.

As etapas de extensão do tecido intraurbano, no qual novas formas espaciais são verificadas, através da instalação de redes de integração, sejam estas rodoviárias, energéticas ou, ainda, de telecomunicações, contribuindo para várias transformações no espaço (COSTA, 2012).

Como mencionado anteriormente, os primeiros bairros que surgiram no espaço urbano de São Miguel do Guamá, foram: Centro, São Manoel e Vila Nova, ambos possuindo relação direta com o Rio Guamá, principalmente pela sua proximidade. A partir de diferentes momentos históricos, associadas a processos socioespaciais próprios de cada contexto e expansão que aparecem os demais.

A partir de 1970, o tecido urbano começou a se desdobrar mais rapidamente ao longo do eixo da nova estrada Belém-Brasília. As aglomerações urbanas que antes se limitavam a contornar canais fluviais cresceram com novos vetores de expansão, concentrando-se às margens da rodovia. Como resultado, definem-se novos padrões de urbanização, nos quais o padrão rodoviário se destaca inicialmente e sustenta o desenvolvimento urbano.

A ocupação do espaço amazônico e o seu processo produtivo ocasionou profundas mudanças devido às políticas de desenvolvimento implantadas. Esses fatores acenderam uma nova localidade, na ocasião, com o crescimento da indústria de cerâmica que passou a ser um dos principais setores econômicos da região. Sendo projeto de maior relevância para economia local, pois suscita a geração de empregos e renda. Com destaque no cenário econômico regional, por ser o maior fabricante local de telhas e tijolos. (CORDOVIAL; NAHUM, 2011).

Como já foi dito anteriormente, a abertura da Belém-Brasília, a chegada de migrantes no município e proximidade com importantes mercados consumidores, fortaleceu a atividade ceramista que depende de recursos naturais como argila e madeira transformada em carvão vegetal. A indústria cerâmica, tornou-se um dos principais setores econômicos e um dos maiores polos do Pará, isto fez com que o setor ganhasse apoio de boa parte da população, por se tratar de uma atividade que de certo modo gera emprego e renda (SILVA; COSTA, 2022, p. 1875).

Outro fator importante para esse crescimento foi a chegada de migrantes originários de outros municípios paraenses e Estados. Com ênfase aos nordestinos vindos do Ceará e Paraíba e, também, migrantes do Mato Grosso (LEITE; SOMBRA; SOMBRA, 2018). Segundo os autores, “a migração provocou aumento da produtividade, dos fluxos e da pressão sobre o recurso mineral argila, bem como a apropriação de extensas áreas do município” (p. 19-20), que se deu devido à atividade ceramista, esta que assumiu a função de principal entidade econômica ao entrar no lugar.

De acordo com Cordovil e Nahum (2011, p. 71), “o polo cerâmico guamaense em pouco mais de duas décadas se consolidou como uma das principais atividades econômicas do município, uma vez que ele contribui para o crescimento da economia local”. O estabelecimento da indústria cerâmica em São Miguel do Guamá, gerou financeiramente renda salários mínimo para os trabalhadores guamaenses, e contribuiu para o PIB per capita. Portanto, é o papel econômico importante da indústria ceramista na geração de empregos é positivo.

Se ele é o resultado da combinação de forças, percebeu-se que as indústrias cerâmicas não são as únicas responsáveis pelo progresso, pela modernização econômica do território guamaense, pelo bem-estar da sociedade e pelo estímulo à cidadania. Neste sentido, elas têm apenas uma fatia de participação nesse processo (CORDOVIL; NAHUM, 2011, p. 76).

À vista disso, cada cidade possui suas peculiaridades que se diferenciam das outras, devido às fases de desenvolvimento, atividade ceramista no cenário econômico local e regional acontece a partir da década de 1980 com a instalação das unidades produtivas industriais. Além desse setor, existe também a extração de produtos vegetais que ainda continua tendo grande representação econômica. Entre os produtos oriundos do extrativismo, encontra-se o açaí e a madeira, sendo o carvão vegetal, a lenha e a madeira em tora, os principais produtos. Cabe destacar que a

lenha é uma das principais fontes de energia dos fornos que abastecem a indústria de cerâmica (LEITE; SOMBRA; SOMBRA, 2018).

Segundo Leite, Sombra e Sombra (2018), as principais atividades econômicas do município de São Miguel do Guamá estão concentradas nos setores da indústria, agricultura, pecuária, comércio, extrativismo vegetal (carvão vegetal e lenha). Se por um lado, o açaí tem uma relação mais direta com a floresta, a extração de madeiras está mais ligada ao atendimento da indústria de cerâmica, que atende a construção civil paraense e gera emprego e renda. Esta última inclui a indústria de cerâmica, que salienta por ser uma das principais responsáveis na geração de emprego e renda no município, de acordo com os autores:

Com um total de cerca de 6 mil empresas no país, a cerâmica vermelha brasileira apresenta um faturamento anual de R\$ 9 bilhões. O estado do Pará é um dos mais importantes neste segmento, e o município de São Miguel do Guamá abriga o principal distrito ceramista do norte do país (LEITE; SOMBRA; SOMBRA, 2018, p. 16).

Para Andreta (*et al.*, 2017), a demanda pelo consumo local de açaí é bastante elevada, por conta da facilidade de plantação e produção do sulco do açaí no próprio município, sendo esta uma atividade que ocorre o ano inteiro, é uma das principais fontes de renda familiar. Ela difere da produção de cerâmica, por não exigir um número de instrumentos mais apropriados. Entretanto, não deixa de ser uma importante atividade econômica para a população local.

Atualmente o município conta com uma população que reside no espaço urbano e rural. A cidade está dividida até o presente momento (ano de 2022) em 12 bairros (figura 19): Centro, São Manoel, Vila Nova, Patauateua, Perpétuo Socorro, Vila Sorriso, Padre Ângelo Maria De Bernard, Padre Alberto Maria Trombini, Maurício Cardoso de Ataíde, Umarizal, Bairro Industrial Vila França e Bairro Industrial Vila Isabel. Estabelecida com a Lei Municipal N° 352/2017, De 22 de Dezembro de 2017. “Define os Perímetros da Zona Urbana e de Expansão Urbana do Distrito Sede, cria os Núcleos Urbanos dos Distritos do Município de São Miguel do Guamá e dá outras providências”.

FIGURA 19: Bairros guamaenses antes e depois da abertura da BR-010



Vale ressaltar, sobre o aumento significativo da população guamaense nas últimas décadas, consequentemente a ocupação de áreas impróprias para moradia. Nesse contexto, alguns bairros aparecem distantes do centro da cidade, pois a ocupação é recente em áreas próximas ao depósito de lixo da prefeitura, como é o caso dos bairros: Padre Alberto Maria Trombini, Maurício Cardoso de Ataíde, Umarizal, destacados na (figura 19). Parte do bairro Patauateua, que se localiza na área de várzea do Rio Guamá, apresenta fortes alagamentos nos períodos da cheia. Todos esses têm em comum a carência nos serviços públicos e a infraestrutura.

Os demais possuem maior proximidade com o centro da cidade, a maior parte com ruas diretas e aparecem à beira da rodovia. Em suma, as mudanças na dinâmica da estrutura urbana desencadeiam, por um lado, mudanças espaciais, não apenas no que diz respeito aos objetos distribuídos pelo território, mas também no que diz respeito às práticas socioespaciais. Consideramos que o surgimento de muitos bairros, sendo resultado de diferentes processos ao longo da história, resultando em relações sociais, formas de interação e uso dos rios, resultando na especificidade de cada cidade.

Nesse âmbito, impulsionado por fatores econômicos, uma nova dinâmica em São Miguel do Guamá, na ocasião, o crescimento da indústria de cerâmica e serrarias que passou a ser um dos principais setores econômicos. Reconhecemos a grande importância da agricultura familiar, com ampla produção interna, e o ritmo acelerado dos comércios locais, sejam eles de pequeno ou grande porte, alegam a integração e envolvimento de outros municípios.

Com isso a cidade perpassa por intensas transformações de caráter econômico, sociocultural, ambiental e outros, atrelados a estimativa populacional em crescimento.

TABELA 1: População de São Miguel do Guamá-PA

POPULAÇÃO MUNICIPAL DE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ					
População urbana	População Urbana (%)	População Rural	População Rural (%)	Densidade demográfica	Total
31.884	61,83%	19.683	38,17%	46,45 hab/km ²	51.567*

* A população estimada para 2021 é de 60.268 habitantes

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

De acordo com a tabela acima, São Miguel do Guamá conta com um total de 51.567 habitantes, apresentando uma densidade demográfica de 46,45 hab/km² e o percentual de habitantes ocupando a sede é de 61,83% (equivalente a 31.884 habitantes), evidenciando que a menor parte da população, compreendida em 38,17% (equivalente a 19.683 habitantes), encontra-se em área rural. Segundo o IBGE (2020), a população estimada para o ano anterior era aproximadamente de 60.268 habitantes, porém por fatores condicionantes envolvidos, contribuíram para um gradativo desenvolvimento na indústria, comércio, setor público e privado, além de outros ramos da economia, esse quantitativo fomenta a criação de geração de emprego e renda.

Conforme Ribeiro (2015), o resultado da abertura das rodovias na região geográfica intermediária de Castanhal, condicionaram distintas configurações de uma rede urbana mais complexa. Castanhal por sua vez, a partir da situação geográfica estratégica, neste novo modelo de organização como região intermediária, já que constituem cruzamentos rodoviários importantes.

A cidade de São Miguel do Guamá, por sua vez, através de relações de dependência e a conexão direta com Castanhal, devido à composição de centros comerciais, na qual o deslocamento da população em busca de bens, prestação de serviços e trabalho de aqueles a cidade não dispõe é diariamente.

Com isso demonstram o crescimento urbano, que deve ser compreendido a partir da particularidade local e regional, pois estes apresentam características diversas que envolvem questões históricas, política, econômica entre outros. Sendo assim, cada município desempenha um papel fundamental no contexto regional, mas exige organização na dinâmica urbana para que os índices de desenvolvimento sejam melhores e mais satisfatórios para seus moradores (CARLOS, 2007).

4. DA BEIRA DA ESTRADA PARA BEIRA-RIO: O RIO GUAMÁ ENQUANTO MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL NA CIDADE DE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ

Neste último capítulo, a intenção é compreender sobre determinados períodos, entre o Rio Guamá e a cidade de São Miguel do Guamá, pelas relações sociais do cotidiano, (memória, comércio local e representações sociais) emoções, movimentação, comportamentos e hábitos sociais introduzidos na formação do espaço urbano, originando um apanhado quanto aos sujeitos envolvidos, representados pelo poder público local e os demais usuários da sociedade. Com base na análise fotográfica e aplicação de entrevistas e questionário, correspondem aos resultados e discussões com os dados obtidos. Outrora entender, as referências materiais e simbólicas do passado para que possam reconhecer suas diferenças, pertencente a vida em sociedade. Cada momento representou significativa relevância para o trabalho. No decorrer deste capítulo, ocorre a apresentação da realidade concreta que compõe a estrutura urbana local. Levando em conta essa preocupação, do ponto de vista empírico, a pesquisa levantou ainda os projetos urbanísticos e ações relacionados às intervenções urbanas dirigidas especificamente pelas políticas públicas municipais.

4.1 A BEIRA DE RIO DA MEMÓRIA E A RECORDAÇÃO: A HISTÓRIA E A CULTURA NA CONSTRUÇÃO DO LUGAR

A partir desse momento, estaremos apresentando as memórias e as diversas relações estabelecidas ao longo dos anos (Grupo I- moradores antigos), cidade de São Miguel do Guamá, estes nascidos entre os anos 1937 a 1962, que possuem idades entre 60 a 85. As entrevistas ocorreram nos meses de abril e maio de 2022, contou com a participação de 12 informantes. Como já mencionado, a forma de entrevista escolhida, foi semiestruturada deixando os entrevistados mais à vontade para se expressar e com a possibilidade de apresentar outras questões que poderiam ser relevantes à pesquisa.

Nesse sentido, destacaremos os aspectos analisados sobre a importância do Rio Guamá no contexto histórico, relacionados com: a paisagem, utilização, transporte

fluvial, atividades econômicas, a implantação da BR-010, a construção do cais, as manifestações religiosas e culturais, problemas ambientais e curiosidade, todos esses possuem imbricações.

Para compreender o contexto atual, próximo ao Rio Guamá é interessante se reportar ao passado, no que se refere à caracterização de hábitos, costumes e tradições das pessoas inseridas à beira do rio, pois contempla a grande correlação regional, já que as cidades da região amazônica são originalmente criadas em o rio, trapiche e porto revela a identidade do lugar (LOUREIRO, 2002). Assim a formação das cidades e os rios, passam por um longo processo Histórico/Geográfico na construção da paisagem local.

Tinha muitas árvores o famoso Jambeiro onde o pessoal ia namorar, era ponto de encontro para nós, era lindo o que tinha na beira do rio, muitas árvores espécies de jasmim. Assim, não tinha praça, só pequenos caminhos, tirando isso, muita vegetação muito pé de jasmim que exalava um perfume grande toda aquela área. (Informação verbal)²¹

Tinha muita, muita árvore. Não tinha cidade, não tinha muita coisa nesta beira de rio era um “aningal” (mato), não tinha tantas casas era tudo diferente, só com alguns caminhos. (Informação verbal)²²

Assim que chegamos, tinha poucas coisas, essa praça ainda não existia, foi construída depois, mas já tinha a igreja matriz, a Casa paroquial. Ao redor daqui de casa era só mato, lá pra trás era um cemitério, ainda não tinha esse “rampado”. O jambeiro era ponto de encontro das pessoas, ele tinha umas raízes que ia até próximo do rio, era um ponto turístico daquela época. (Informação verbal)²³

A paisagem era muito linda um pouco rústica, porque não tinha nada do que tem hoje. Tinha muitas árvores, bem ventilado. Todos iam para o rio com as crianças, jovens e idosos. Lá onde é o “trapicho” tinha um pé de jambeiro a gente ia pra lá, ficávamos horas sentados lá, olhando o rio e conversando. Na esquina onde é o colégio, tinha jambeiro muito grande, ficou por muitos anos. Bebíamos, tocávamos violão principalmente no final da tarde, era muito lazer. (Informação verbal)²⁴

A paisagem daquela época era natural, era só “maria mole” na beira do rio. (Informação verbal)²⁵

A primeira observação identificada é sobre a presença abundante de vegetação com árvores de grande porte e vegetação rasteira que traçavam caminhos até a margem do rio, pois ainda não existia o Cais de arrimo, conhecido como rampa ou

²¹ (R. L. da S. Aposentada, 84 anos, entrevista realizada em 03/05/2022).

²² (L. V. de B. Aposentado, 85 anos, entrevista realizada em 03/05/2022).

²³ (N. de M. F. Aposentada, 82 anos, entrevista realizada em 26/04/2022).

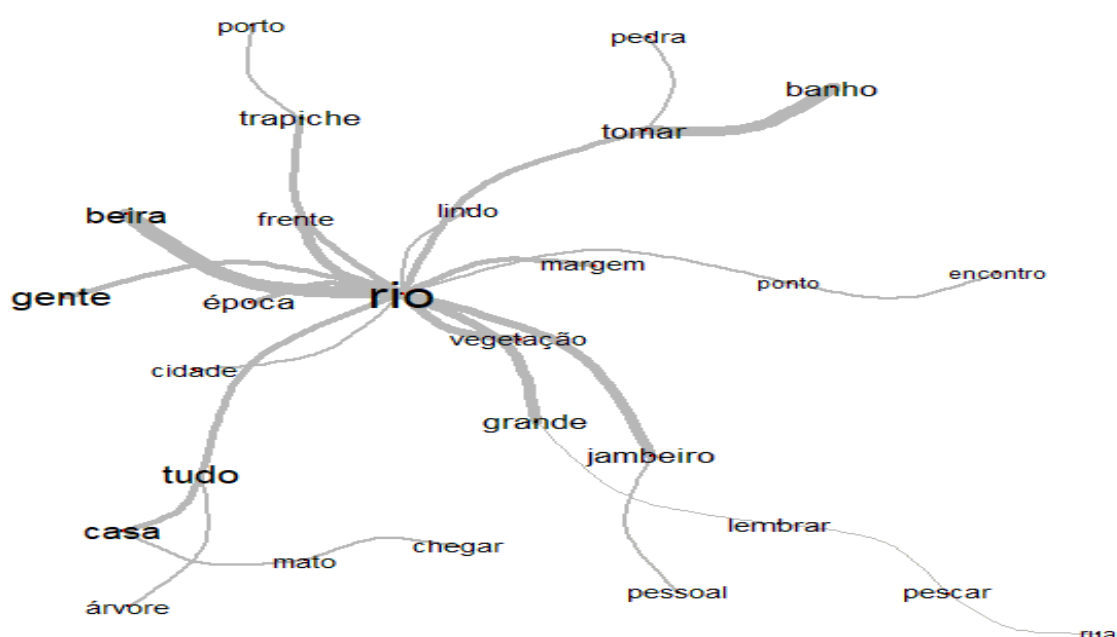
²⁴ (L. V. de B. Aposentado, 85 anos, entrevista realizada em 03/05/2022).

²⁵ (M. T. da S. Dias. Aposentada, 75 anos, entrevista realizada em 26/04/2022).

“rampado”. No entanto, com a existência das principais construções histórico-simbólico, como: da Igreja Matriz - São Miguel Arcanjo e o Colégio dos Padres *Barnabitas - TIBI PATER* (figuras 4 e 5).

A cidade possuía apenas duas ruas, Justo *Chermont* (de frente para o rio) e Presidente Vargas. Segundo Trindade Júnior e Tavares (2008), a formação das paisagens, caracterizam-se com uma rua principal paralela ao rio e a presença do trapiche ou porto, no entorno algumas residências.

FIGURA 20: Paisagem e a Memória com o Rio Guamá



Fonte: Categorização IRAMUTEQ, (análise de similitude), 2022.

Segundo os entrevistados, o jambeiro era ponto de referência para encontros de pessoas que se reuniam para aproveitar a sombra e conversar, contemplar paisagem, cantorias no final da tarde. Um ponto turístico devido a sua exuberância quando florescia, pelo tamanho e as extensas raízes que chegavam próximo do rio.

A presença de árvores de jasmim que exalava perfume e a beleza das flores chamava bastante atenção e assinalavam a paisagem (figura 20). Porém, com um pequeno número de moradores, mas com a intensa presença de idosos, jovens e crianças que frequentavam diariamente e que estabeleceram ritmos atrelados à dinâmica local.

Na visão dos entrevistados, a paisagem era linda, formava um conjunto marcado por elementos naturais, nítidos na memória. Para as pessoas que moravam às margens do Rio Guamá, havia uma espécie de porto para cada morador, para realização de tarefas diárias. Mencionamos o porto das freiras e dos padres, que naquele momento utilizavam o Rio Guamá em horários específicos para suas atividades, a principal delas era tomar banho e a pesca.

Existia o porto das freiras no rio e dos padres no igarapé. Quando elas saíam meio-dia vinham tomar banho no rio, ninguém ia para o rio. Naquela época, era um respeito muito grande. O igarapé que tinha aqui ao lado, ficava o porto dos padres tomavam banho. Ficava uma lagoa linda, linda, linda. E quando os índios, estavam na cidade tínhamos medo de ir para o rio de sermos mortos pelos índios. (Informação verbal)²⁶

Dessa maneira, é interessante observar os horários estabelecidos respeitados pelos moradores. Assim consideramos a presença e a influência da ordem e congregações, iniciada pelo catolicismo, condicionava amplo respeito pelos moradores, em especial aos Pe. Barnabitas Ângelo de Bernard, Pe. Alberto Trombini e a Congregação das *Irmãs do Preciosíssimo Sangue com destaque a* Ir. Karla Guiusonni, figuras marcadas na cidade, por meio de um processo vinculado à igreja católica, a partir do século XVII.

À vista disso, Trindade Júnior e Tavares (2008) descrevem a formação das cidades ao longo dos rios, marcada pela presença das populações tradicionais povos indígenas, que outrora se faziam presente no território guamaense.

A partir da análise das entrevistas, consideramos a importância do rio para as atividades diárias dos moradores. Durante muitos anos, o Rio Guamá foi indispensável para a população guamaense, em especial para a retirada de água, que consideravam limpo e bom para o consumo. Era um trabalho árduo e diário para as pessoas, pois necessitavam se deslocar todos os dias em caminhos entremeados. Pois, não existia água encanada e a fonte direta de abastecimento era o Rio Guamá.

Tomávamos água que vinha do rio, só colocávamos um “paninho” e enchia o pote. Naquela época, usávamos a água do Rio Guamá, ninguém tinha nem ameba, agora hoje todo mundo compra água mineral para beber. A água que abastecia a minha casa era do rio, construímos um tanque de alvenaria pra

²⁶ (J.B.G. Aposentada, 75 anos, entrevista realizada em 07/05/2022).

despejar toda água que vinha do rio, para evitar várias viagens. O banho e a lavagem de roupa eram diretos no rio. (Informação verbal)²⁷

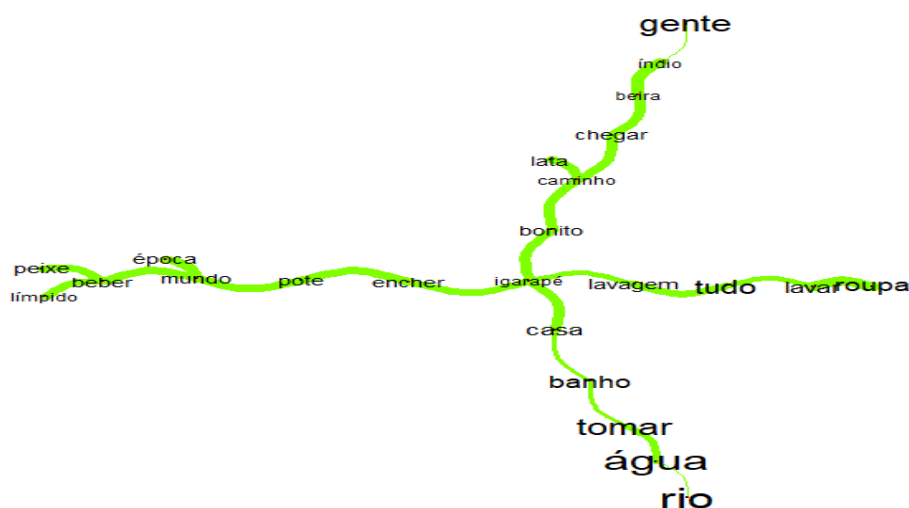
A gente carregava água do rio pra todas as tarefas, pagávamos um homem pra carregar água pra gente, ele colocava duas latas penduradas no pau e trazia nas costas e pelo os caminhos ficava muito cansado. Tudo era diretamente do rio, não tínhamos água encanada. Mandamos construir um tanque para armazenar a água. A água antigamente era muito boa para consumo, era limpa, agora de maneira alguma pode consumir. (Informação verbal)²⁸

Tínhamos que estudar e ajudar a mamãe a lavar roupa, em casa trabalhávamos muito lavando roupa. Todos os filhos da mamãe iam participar, passava quase o dia todo no rio. Só vinha mesmo pra comer. (Informação verbal)²⁹

A gente tomava água do rio, tomávamos banho no rio e tínhamos muita saúde. Todo mundo usava pra tomar banho, nós bebíamos essa água do rio sem filtrar quando criança. Esse rio tinha muito peixe, o pessoal pegava muito peixe aqui debaixo da ponte. O banho, as pessoas vinham tomar aqui na frente era límpida, água corrente. (Informação verbal)³⁰

Diante do que foi exposto, pelo discurso dos entrevistados o rio exercia papel fundamental. No entanto, existiam igarapés que “cortavam” a cidade, o principal deles era o igarapé São Miguel que passava próximo das casas dos moradores, este também era limpo e que consumiam água, representados na (figura 21).

FIGURA 21: O uso do Rio Guamá e as antigas atividades cotidianas



Fonte: Categorização IRAMUTEQ, (análise de similitude), 2022.

²⁷ (M. de F. C. Aposentada, 65 anos, entrevista realizada em 25/04/2022).

²⁸ (N. de M. F. Aposentada, 82 anos, entrevista realizada em 26/04/2022).

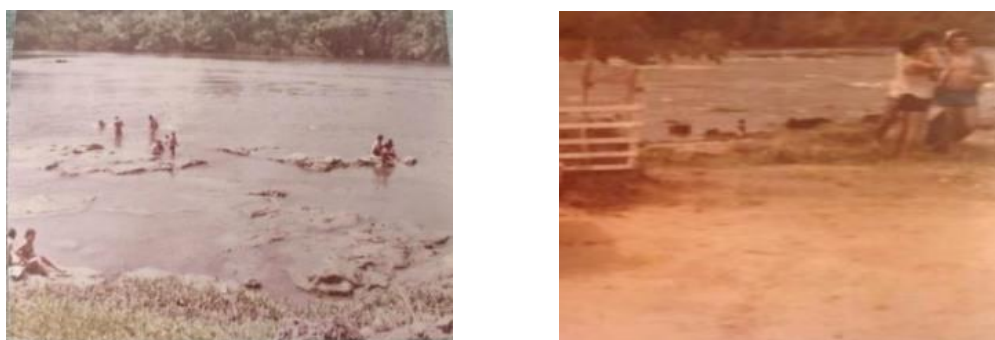
²⁹ (M. T. da S. Dias. Aposentada, 75 anos, entrevista realizada em 26/04/2022).

³⁰ (T. de J. A. Aposentada, 84 anos, entrevista realizada em 19/05/2022).

O Rio Guamá era o mais utilizado, porém algumas famílias, que na época possuíam melhores condições financeiras, pagavam pessoas para carregar água do rio, para o abastecimento diário de grandes tanques construídos de alvenarias, para armazenar água e assim diminuir as “várias viagens” até o rio.

Com a ausência/pouca de oferta de emprego na cidade, as atividades domésticas eram comercializadas, assim o Rio Guamá no período da manhã recebia diversas lavadeiras, que passavam o dia inteiro juntamente com seus filhos realizando a lavagem de roupa para famílias locais. Já que muitas criavam seus filhos, sem a presença paterna, a lavagem de roupa era vista como uma possível alternativa para garantir renda, mas refletida em uma rotina exaustiva ressalta a entrevistada.

FIGURA 22: O Rio Guamá e a presença dos banhistas

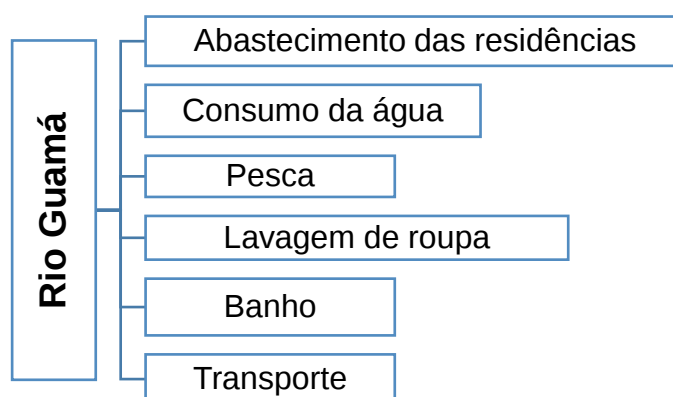


Fonte: Foto cedida pelo entrevistado (Grupo I - 02) (s/d).

Com ênfase nas atividades citadas acima, o rio era sinônimo de lazer (banho e brincadeiras) para os moradores. É perceptível na figura 22, a ausência da construção do cais de arrimo, de acesso direto ao rio. Manifestando a presença de pessoas que tiravam “parte” do seu dia para ir tomar banho de rio, sem horários específicos, era comum encontrar pessoas até a noite tomando banho ou realizando outras atividades, ressaltam os entrevistados.

A seguir, propomos um esquema de entendimento, no qual categorizamos as principais atividades identificadas, vinculadas à utilização do Rio Guamá no passado. Isso revela as diferentes habilidades sociais e econômicas do rio como sobrevivência para as pessoas, através de emprego e renda para a sociedade nas práticas cotidianas (TRINDADE JÚNIOR, 2011).

FIGURA 23: A categorização das atividades desenvolvidas no Rio Guamá



Fonte: Autora, 2022.

É interessante citar a relevância da pesca no Rio Guamá, pois garantia a sobrevivência dos moradores, uma vez que ainda não existiam tantos comércios e boa parte da população não possuía poder de compras. O peixe era alimento garantido na mesa dos guamaenses, devido à fartura que existia no rio, as pessoas tinham livre acesso à pesca.

FIGURA 24: A captura de peixe filhote no Rio Guamá (s/d)



Fonte: Foto cedida pelo entrevistado (Grupo I - 05).

Nesse contexto, já existia a compra e venda do pescado, principiando atividades econômicas na beira do rio, o que se tornou comum. Assim observamos as

Para Loureiro (2002), os rios da Amazônia desenvolvem labirintos de distintas realidades e funções quão extraordinária a importância geomorfológica para a sociedade. O Rio Guamá foi palco de vários acontecimentos, nesse transportou escravos que chegavam para trabalhar na agricultura, jovens que iam para a Guerra e recebeu diversos refugiados de conflitos. Além disso, indivíduos que chegavam para se casar sem conhecer seu cônjuge “contrato de casamento”.

De tal modo, grande parte dos documentos históricos foram perdidos, devido a grandes incêndios em prédios públicos da cidade, na década de 1960. Episódios tristes que marcaram a história da cidade.

O Rio Guamá, tinha todo um potencial. Ele serviu para trazer os portugueses para a cidade. Os jovens que saíram daqui para guerra do Paraguai, também a oportunidade de ver os documentos que fala, algo muito triste, não gosto de falar desse assunto. Aquela prefeitura quando queimou, queimou toda a história de São Miguel tudo isso, tinha os relatos no cartório de São Miguel, funcionava na prefeitura. Eu quando era criança, minha mãe trabalhava na prefeitura, aconteceu por volta de 1960. E pelo fato de já saber ler, eu entrava na biblioteca, que a coisa mais linda que tinha no prédio da prefeitura e também tinha o cartório. O senhor Vivaldo, me mostrou várias vezes contratos de casamento, compras de escravos documentos de jovens de São Miguel do Guamá, indo para guerra do Paraguai. Foi um acervo que realmente é penalizante. A gente ter visto o incêndio, acontecer, criminoso e irresponsável destruíram a história de São Miguel. Em termos de literatura escrita o que tinha escrito do município, não temos nada. O rio também teve uma particularidade na época da segunda guerra mundial quando os judeus vinham fugiam dos alemães, se estabeleceram aqui, nos arredores ribeirinhos e na cidade. Nós tínhamos grandes comércios de judeus, tinha uma judia chamada Mimi Turca, era uma grande comerciante na cidade. (Informação verbal)³³

Em vista disso, viver à beira de rios, dispunha a observar atividades econômicas, agricultura familiar, pesca, comércio e serviços (próximo às cidades). Com isso, os objetos materiais e simbólicos adquirem distintos significados e vivenciam diversas expressões linguísticas, sociais e curiosas³⁴. Assim, as manifestações religiosas (figura 25), culturais, históricas caracterizam a identidade da

³³ (P. S. de M. L. Aposentado, 60 anos, entrevista realizada em 27/04/2022).

³⁴ Uma particularidade do rio, tem a ver com o café, nós não temos prova, mas dizem que o primeiro pé de café plantado no Brasil foi plantado em São Miguel do Guamá. Francisco Palheta, era militar e natural do município de Vigia-PA. Por que ele não plantou lá? Foi o lugar mais perto que ele teve, porque era nas guianas que tinha o café, era proibido a saída, porque era o grande polo de distribuição de café era proibido o contrabando a saída de pés de Café de lá. Segundo relatos uma dama lá se apaixonou por ele e deu no dia da despedida dele um ramalhete de flores e veio um pé de café, tudo muito romântico. Na verdade, não se sabe, mas é o que dizem os relatos e ele chegou em São Miguel do Guamá e plantou o pé de café. O que São Miguel, também foi um polo muito grande, mas por causa de cafeicultura, vinham os escravos pelo rio, tudo era pelo rio. (Grupo I- 04, Informação verbal, 2022).

cidade e a riqueza é projetada para o mundo enquanto vivência, a tradição e a história do lugar (PORTO-GONÇALVES, 2011).

Diante do histórico da cidade, adverte sobre a grande influência dos colonos portugueses com a religião católicos, corroborando com a quantidade de católicos na cidade. Porém, na década de 50, em virtude da ampliação da população, verificou-se a chegada de protestantes e aos poucos surgindo várias seitas. A formação de instituições e costumes religiosos peculiares ao local e da origem iniciada pelo catolicismo, outras religiões também cristãs se fazem presente como Assembleia de Deus, (Pentecostais), Evangélica dos Irmãos, Igreja Batista Guamaense (S.M.G.: NOVOS RUMOS, 1988).

A forte influência das festas religiosas, com destaque a principal delas, o círio de Nossa Senhora de Nazaré³⁵, que ocorria pelas ruas da cidade, principiada no ano de 1948. Além disso, existiam festas menores, mas com bastante representação, como: São Miguel Arcanjo, festa de São Benedito, Festa de São Fortunato, Festa de São Sebastião, Festa do Divino Espírito Santo.

Posteriormente, com procissões fluviais pelo Rio Guamá, com destaque para o círio fluvial de Nossa Senhora de Nazaré e a Festividade de São Miguel Arcanjo (figura 26). Com isso, o rio é corporificado e intercalado ao espaço simbólico, no que concerne a participação das comunidades ribeirinhas nas manifestações religiosas.

³⁵ O círio de São Miguel do Guamá, a maior festa religiosa do Município em louvor a Nossa Senhora de Nazaré, teve início no dia 14 de novembro de 1948. Como em Belém, também nesta cidade, são os Padres Barnabitas que organizam essa festa popular, pois, o seu fundador foi o Padre Ângelo Maria de Bernard, que reside nessa cidade desde de 1935. Tinha finalidades diferentes do Círio de Belém do Pará, então surgiu o Círio de São Miguel do Guamá, um dos primeiros Municípios paraenses essa grande festa religiosa, além da capital da província. [...] Durante 14 anos, a imagem da santa foi conduzida pelo os fiéis através de um andador, e depois de uma berlinda estilo carro de boi, que era puxada pelos fiéis. Somente do dia 14 de novembro de 1962, o padre Ângelo de Bernard, apoiado pelo Deputado Ney Rodrigues Peixoto, conseguiu comprar a antiga Berlinda que por vários anos percorreu as ruas da cidade de Belém do Pará. A Diretoria do círio de Belém, em 1962, tinha construído uma Berlinda moderna de estilo funcional, e a antiga Berlinda, original de Portugal, fabricada em 1907, não foi mais usada, então Padre Ângelo e o Ney Peixoto compraram-na no valor de 90 mil cruzeiros. Depois que a Berlinda moderna, estilo funcional criada pela diretoria do círio de Belém, desfilou com a Santa nas ruas de Belém, no círio de 1963, levantou-se uma polêmica quanto à venda da Berlinda original para o Guamá, pois os belenenses não gostaram da Berlinda moderna, estilo funcional e exigiam a reposição da Berlinda antiga, causando isso, escreveram artigos violentos nos jornais da capital, por quase um mês. Mas, como o vigário do Guamá não aceitou o acordo de devolução da Berlinda. Para o consolo dos belenenses, a diretoria do círio do Belém de 1964, mandou a São Miguel do Guamá, um talhador que preparou que preparou uma cópia da Berlinda original, que nesse ano e anos seguintes tem sido usada para a festividade do círio de Belém do Pará, dando assim nessa a São Miguel do Guamá, o orgulho de possuir a Berlinda original, proveniente de Portugal [...]. (S.M.G.: NOVOS RUMOS, 1988, p. 31).

FIGURA 26: As manifestações religiosas vinculadas ao rio e às suas margens

Fonte: Fotografias cedidas pela Escola Externato Santo Antônio M^a Zaccaria. (s/d).

Nesse sentido, o Rio Guamá foi o fator principal na paisagem e estrutura humana, dando espírito e ritmo à vida regional. É notório a forte ligação com a capital paraense e com a localidade Urucuriteua, pertencente a São Miguel do Guamá. Assim as pessoas chegavam e saíam, pois necessitavam se deslocar para estudos, compras ou resolver situações de saúde³⁶. Dessa forma, o rio era o portal de entrada e saída para mercadorias e pessoas na cidade. O transporte fluvial era impensável para locomoção e comunicação com os demais lugares.

Tinha linha na semana direto, era dois horários na semana com destino a Belém. Vários barcos navegando daqui para Belém, saía quinta-feira e no domingo. A gente saía daqui meio-dia o resto do dia e Amanhecer em Belém, levava aproximadamente um dia navegando. Seu Loreto ele era dono dos barcos, trabalhei nessa linha daqui para Belém, levando e trazendo os passageiros e mercadorias. As pessoas embarcavam no trapiche de madeira saída e chegada era por lá, tenho saudade desse trapiche. (Informação Verbal)³⁷

A priori apresentava um número baixo de embarcações de pequeno porte, caracterizados por canoas e posteriormente agregando outras, a principal delas a balsa. Com a sazonalidade do rio, pelas fortes correntezas na rotina da maré “encher e vazar”, é necessário aprofundar os perigos encontrados no Rio Guamá para as pessoas e embarcações que transitavam pelo rio. Já que desconheciam sua estrutura

³⁶ Na época que São Miguel do Guamá era Vila, os seus habitantes quando ficavam doentes se tratavam com curandeiros e remédios caseiros. Mas quando a doença era grave e os métodos anteriores não davam jeito, a sua trágica opção era esperar a morte ou procurarem um tratamento melhor; um hospital. Só que para isso, tinham que esperar um barco de horário que vinha da capital nos dias de segunda, quinta e sexta ou então iam de balsa, que naquela carregavam madeiras. Estas viagens duravam três dias. Algumas pessoas por estarem muito doentes, morriam na viagem. Depois com inauguração da estrada do Bonito os habitantes de São Miguel Guamá, podiam ir através dela para Castanhal ou Belém, pois nessa época não havia a rodovia Belém-Brasília. (S.M.G.: NOVOS RUMOS, 1988, p. 22).

³⁷ (D. G. da C. Pescador, 60 anos, entrevista realizada em 26/04/2022).

fluvial, passaria despercebida essa característica e que poderiam encalhar principalmente no período noturno. Com intuito de alerta os comandantes de barcos.

Eu lembro bem naquela pedra grande no meio do rio, tinha uma bandeira de Ferro. Todos os dias às 18h meu avô atravessava com farolzinho para botar. Era para sinalizar, porque vinha muita navegação e a marcação era pra indicar que existia essa pedra grande. (Informação verbal)³⁸

Por esse viés, já existia uma organização no trapiche municipal para a venda de passagens em dias específicos os chamados “barcos de linha”. No contexto guamaense, o rio funcionava como estrada fluvial, no que se refere à compreensão e interligação dos fluxos, constituindo um novo ritmo, com maior fluidez nas atividades. É por meio dessa proposta argumentativa, que se discute inicialmente a relação entre cidade e rio (TRINDADE JÚNIOR, 2013).

O pessoal viajava em barcos, Canoa, Jangada de vela o transporte era pelo rio porque não tinha essa estrada. Pegava o motor no trapiche às 16 horas para chegar no outro dia em Belém, eu fui embora para estudar. (Informação Verbal)³⁹

O transporte era barco, que trazia o alimento tudo era de barco. Barco da linha. Orlando do Braga, Ararazinho, tinha os cametaenses que vinham vender panela e outras coisas e iam até lá pra Ourém. Eles encostavam, dormiam, vendiam fiado. Em nosso tempo, há um engarrafamento no Rio. Havia uma longa fila, onde os barcos paravam no porto. Nós tínhamos uma alfandega, quando chegava um barco, pra ver se não tinha contrabando e fazia vistoria, toda de madeira, ficava no trapiche. (Informação Verbal)⁴⁰

Os mortos eram transportados por aí por cima do rio na rede estirado, quando a gente já sabia que vinha morto, porque vinha o barco e uma rede atada aqui em cima e uma pessoa dentro. A gente já sabia. Na época, não tinha funerária o morto descia aí as pessoas saíam segurando aquele pau na rede, e levava o morto. Para ser enterrado. (Informação Verbal)⁴¹

O rio e suas particularidades contemplam o nascimento e a morte, por diferentes aspectos. Explicam sobre os indivíduos que faleciam e precisavam serem transportados em barcos para o sepultamento, era algo que marcava “a rede atada e pessoa dentro”. Assim, as demais pessoas que se encontravam na beira do rio, paravam suas atividades em sinal de respeito e acompanhavam a retirada do corpo,

³⁸ (M. T. da S. Dias. Aposentada, 75 anos, entrevista realizada em 26/04/2022).

³⁹ (T. de J. A. Aposentada, 84 anos, entrevista realizada em 19/05/2022).

⁴⁰ (A. F. da C. Aposentado, 64 anos, entrevista realizada em 12/05/2022).

⁴¹ (M. de N. S. B. Vendedora, 49 anos, entrevista realizada em 27/04/2022).

algo simbólico que por muito tempo aconteceu nas águas e nas margens do Rio Guamá, já que naquela época não existiam rodovias.

É interessante mencionar sobre o transporte de combustível, através de balsas que ocorria pelo rio. E quando atracavam no trapiche municipal, começavam o processo de abastecimento por meio de dutos, que bombeavam o combustível em grandes tanques que chegavam até o terminal que chamado “IBSABÁ”, para diminuir viagens até Belém.

1-Um dia a balsa chegou cheia de combustível e na hora de fazer a transposição dos produtos aconteceu curto-circuito começou o incêndio foi quando Mário Brabo conseguiu cortar os dutos, mas aconteceu a explosão e ele morreu. Então se chega até os dutos e explode os tanques já era são Miguel. Então ele salvou a nossa cidade

2-Foi com um navio que estava cheio de petróleo também para “IBSABA” aí à noite estava fazendo esse serviço, também houve um incêndio. O comandante conseguiu desatracar o navio, puxar um pouco mais distante e foi com navio pegando fogo já para ir para perto da cerâmica MF Gomes e lá o navio explodiu e o comandante morreu. (Informação Verbal)⁴²

Os episódios acima poderiam ter proporções bem maiores, já que os dutos estavam interligados e percorriam toda a cidade. Se chegassem até a concentração de tanques, toda cidade desaparecia devido à grande explosão do incêndio. Mas pela coragem e intrepidez do senhor Mário Bravo, perdendo a sua vida para salvar a cidade. Com isso, por muito tempo suscitaram medo e desespero das pessoas, já que aquele acontecimento fugia da normalidade do ritmo da cidade, algo jamais visto, assustador na visão dos entrevistados. Consequentemente diminuindo as idas ao Rio Guamá.

Com o crescimento das atividades um ritmo acelerado foi determinado, isso demonstra a necessidade de identificar as características únicas e diversas que se interlaçavam, já que começou a receber mais volume, devido ao aumento das embarcações que atracavam diariamente no trapiche municipal.

Também reforçam a relação das cidades com sua hinterlândia, por meio dos barcos, rabetas, lanchas e canoas que fazem de trapiches e portos ancoradouros movimentados e de cores diversas para se chegar e se sair da cidade. As feiras e mercados, nesse caso, costumam vender cheiros e sabores regionais, mas se redimensionam como espaços culturais. (TRINDADE JUNIOR, 2011, p. 10)

⁴² (P. S. de M. L. Professor aposentado, 60 anos, entrevista realizada em 27/04/2022).

Outrossim, o embarque e desembarque de pessoas e mercadorias, assim na cidade havia alfândega, Órgão público que de controle do movimento normalmente que se faz presente em regiões de fronteiras, que realiza vistoria de bagagens e mercadorias, cobrando as taxas referentes à entrada e saída de produtos, responsável, inclusive, pela cobrança dos impostos adequados.

Os sinais da modernização começavam a surgir, a coexistência da relação, temporalidade, espacialidade e padrão territorial, declaravam os passos do complexo processo de urbanização que estava alcançando a cidade. Por meio das fronteiras econômicas e migratórias, bem como lógicas de circulação e reorganização socioespaciais. Referindo-se à transformação do novo processo, que seria relativamente maior e que poderia influenciar a dinâmica local.

Começaram a surgir embarcações maiores, como: balsas. Depois, percebemos que muitos carros chegavam daí do sul do país, e que paravam em São Miguel. A gente via escrito nos carros OGT daquelas aí depois eu venho descobrindo que era uma (Organização Geral de Transportes) chegavam produtos para embarcar aqui, e pegar embarcações grandes no caso as balsas empurradas pelos rebocadores pelo Rio Guamá até Belém. (Informação verbal)⁴³

Conforme Trindade Júnior (2013, p. 14), “[...] a cultura da rodovia implica na difusão de outros valores pouco associados à importância do rio visto na sua multidimensionalidade”. A existência de grandes projetos econômicos e de infraestrutura urbana avançada ou sua fragmentação em configurações urbanas mais tradicionais.

Passaram um pico falando que essa ponte ia para ir para Belém-Brasília. Era cheia de vara uma emendada na outra, para a construção da ponte, fazendo aqueles tubos. (Informação verbal)⁴⁴

Tudo se concentrava na beira do rio e a partir da construção da BR-010 ela se concentra a feira, comércios, os bares, restaurantes e os bancos. Todos eles pegam o fluxo da rodovia. Modificou tudo, passou a girar em torno BR-010, os comércios eram todos lá para baixo e hoje praticamente não se encontra comércio. (Informação verbal)⁴⁵

Antigamente os comércios guamaenses eram todos localizados às margens do Rio Guamá, para facilitar o recebimento de mercadorias vindas da capital através de grandes balsas. Apresentava comércios enfileirados. A cidade fortemente ligada com

⁴³ (A. F. da C. Aposentado, 64 anos, entrevista realizada em 12/05/2022).

⁴⁴ (M^a do S. dos R. A. Aposentado, 85 anos, entrevista realizada em 06/05/2022)

⁴⁵ (L. V. de B. Aposentado, 85 anos, entrevista realizada em 03/05/2022).

rio, que para muitos era sinônimo de atraso devido ao tempo vinculado com a natureza que desertava das atividades agitadas impostas pelos fatores econômicos. Já que as atividades predominantes eram de pequena escala como: o extrativismo vegetal de frutas, pesca, o comércio, a agricultura e a pecuária de subsistência e, um pouco mais tarde, a atividade ceramista e a madeireira.

Todas as atividades acima, direta ou indiretamente estavam ligadas no cotidiano dos guamaenses. É interessante mencionar as transformações pelo percebido e o vivido por meio de observações cotidianas e comparativas, percebendo as novas ocupações territoriais (MOREIRA, 2013). Dessa maneira, a população guamaense ainda não compreendia a grandeza das obras que estavam para serem instaladas, e não esperavam as mudanças aceleradas e terminante, que iriam resultar.

Uma vez que a cidade possuía poucos habitantes, e que praticamente todos se conheciam. Até a década de 1960, o Rio Guamá era o principal meio de ligação de São Miguel do Guamá às vilas rurais, porém já existiam “caminhos abertos, via terrestre”, em especial com o município do Bonito-PA. Que mais tarde será a PA-332.

Quando cheguei pra cá já tinha a BR, porém era na piçarra no chão duro mesmo. Ela foi um marco para o desenvolvimento de São Miguel, o comércio daqui da cidade era centralizado, por exemplo não existia casa, nada depois da BR, pra lá era tudo caminho, não era nem estrada. Quando abriu a Magalhães Barata que era uma estradinha para chegar em Bragança-PA para chegar até esta cidade só chegava a cavalo. Ia pela Magalhães Barata até chegar no Bonito-PA, o lugar chamado quatro bocas de onde passava o trem para levar o pessoal para Bragança. Então a minha mãe e minha tia se formaram de professora em Bragança. Mas fazendo esse percurso eu e meu avô as levava de cavalo até lá nas quatro bocas do Bonito e lá pegava um trem para estudar na normalista em Bragança. (Informação verbal)⁴⁶

Portanto, os novos objetos inseridos na dinâmica, como as modernas plantas industriais, assim como os sistemas de circulação recentemente deliberados por rodovias, e redes de telecomunicações. Foi iniciada a partir da construção da ponte “Dr. Wadir Bouhid” e a passagem da rodovia BR-010. Antes da construção tudo se concentrava às margens do Rio Guamá, mercados, lojas, bares, restaurantes, escolas, igrejas etc.

Por esse viés, a maioria da população era de origem local, o que também apresentava fortes raízes culturais. Isso reforça a presença de uma forte coesão

⁴⁶ (P. S. de M. L, Professor aposentado, 60 anos, entrevista realizada em 27/04/2022).

territorial e política que outrora é movimentada pela chegada de agentes de outras regiões (TRINDADE JÚNIOR, 2011). Vale ressaltar que vários moradores não concordavam com as construções, principalmente os mais idosos, pois continham medo do que poderia ocorrer e impactar em suas vidas.

Meu pai dizia “minha filha depois que construírem essa ponte que atravessarem, vocês vão ver o que é mudança para cidade, e de fato, ficaram pessoas pra cá pessoas lá indo e vindo. Antigamente era o povo de São Miguel, agora é muita gente de fora. Não sabemos mais praticamente quem é quem. ((Informação verbal)⁴⁷

Padre Ângelo dizia: vocês vão ver o quanto vai mudar São Miguel do Guamá depois dessa ponte. A gente era feliz e não sabia porque a nossa casa nem porta não tinha, quase só a porta da frente, ninguém roubava ninguém. Agora quanto mais tranca, mais ladrão rouba. Antes dessa rodovia o pessoal falava que era atrasado, porque só era na balsa que atravessava. (Informação verbal)⁴⁸

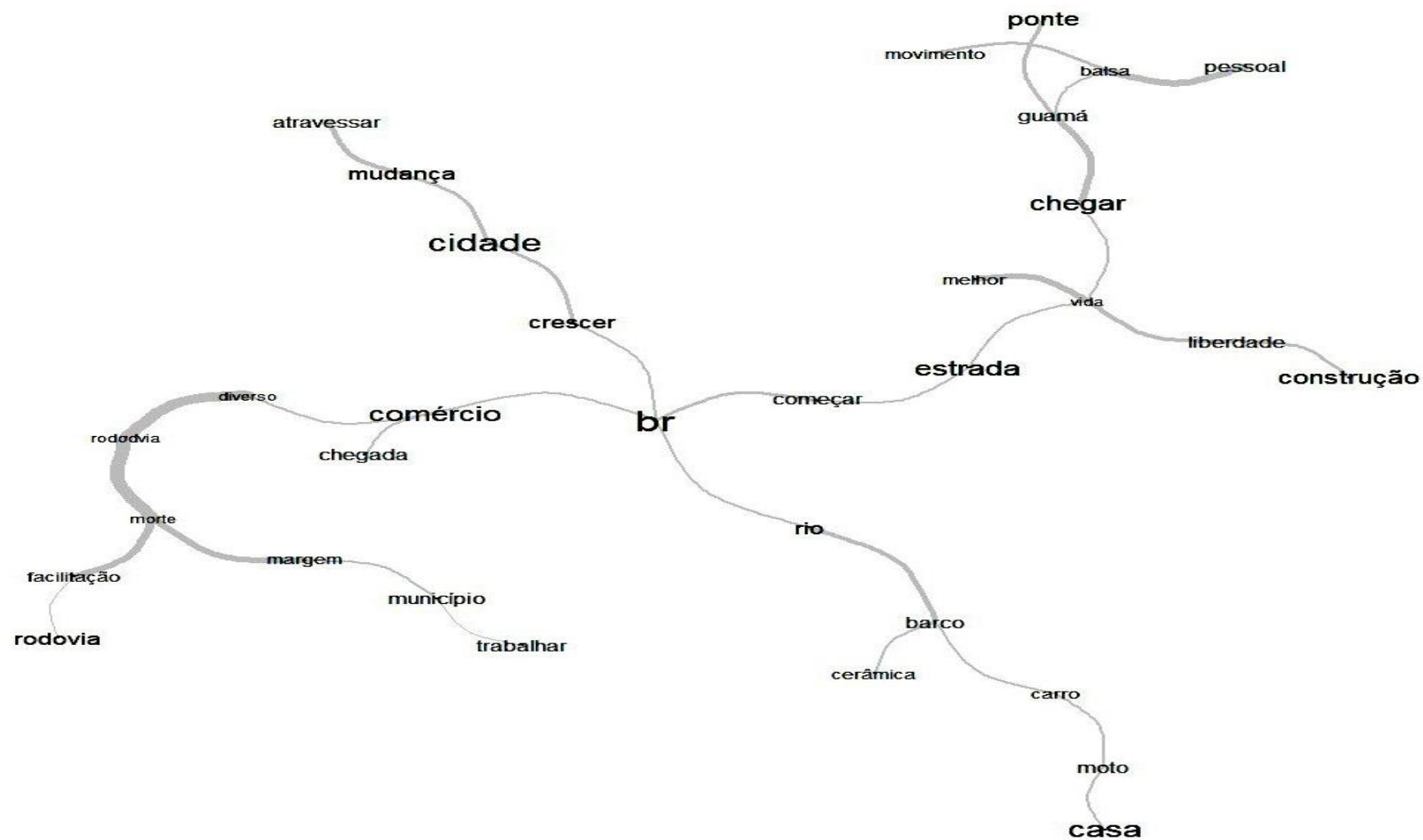
Atraídos por melhores condições de renda, em ofertas de emprego na agricultura, pecuária, a estrada trouxe aventureiros que chegavam em busca de uma vida melhor, maranhenses, cearenses, mineiros, goianos chegavam em busca de terra para que pudessem sobreviver e garantir renda. Assim a cidade não passou por um planejamento urbano, pois não esperava dimensão crescimento que adotava o fluxo da BR-010.

As construções citadas acima trouxeram um contingente populacional amplo, entre trabalhadores e novos moradores, fazendo com que a cidade trespassasse por um surto grave de malária. No ano de 1959, chegou na cidade a Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM), pois acompanhavam os trabalhadores da rodovia, fazendo tratamentos adequados nas vítimas de malária, porquanto São Miguel do Guamá foi uma das localidades mais atingidas. (S.M.G.: NOVOS RUMOS, 1988).

⁴⁷ (N.de M. F. Aposentada, 82 anos, entrevista realizada em 26/04/2022).

⁴⁸ (M. T. da S. Dias. Aposentada, 75 anos, entrevista realizada em 26/04/2022).

FIGURA 27: A representação da construção da ponte “Dr. Waldir *Bouhid*” e a BR-010



Fonte: Categorização, IRAMUTEQ, (análise de similitude), 2022.

Diante disso, a construção da ponte promoveu diversas mortes de trabalhadores, devido às condições de serviço que eram lamentáveis, em especial para a construção da base da ponte. Quando os trabalhadores se deslocavam até o fundo do rio e com mínima circulação de ar, muitos deles faleciam. Segundo o entrevistado do (Grupo I – 06, 2022), “para a construção dessa ponte muitos morreram, muitos que caíram naqueles tubos, quando a pessoa estava se sentido mal, tinha uma corda que balançavam e puxavam, mas já era tarde”.

No entanto, quando a rodovia é inaugurada o asfalto, em inúmeros trechos era “piçarra”, e apresentava ondulações em alguns intervalos. Naquele período, o fluxo de veículos era relativamente pequeno. Por seguinte, atraídos pelos novos fluxos de integração e agilidade, os comércios e as cerâmicas, outrora se deslocam da margem do rio para a beira da estrada. Com o intuito de serem identificados e visados pelas pessoas que por lá passavam e compravam, contribuindo para aumento da renda através de clientes.

Com a passagem da rodovia a cidade passou a crescer, no ritmo acelerado o cemitério municipal é incorporado ao centro, já que anteriormente era o ponto mais distante da cidade, sem nenhuma construção no seu entorno. Posteriormente, passou a apresentar casas em suas proximidades, caracterizando a Avenida Américo Lopes que passa a ser a principal rua de ligação direta com o rio. A cidade perpassava por uma “divisão”, ficando conhecida como a parte (baixa e alta), baixa que faz alusão à ligação com o rio e alta a partir da rodovia.

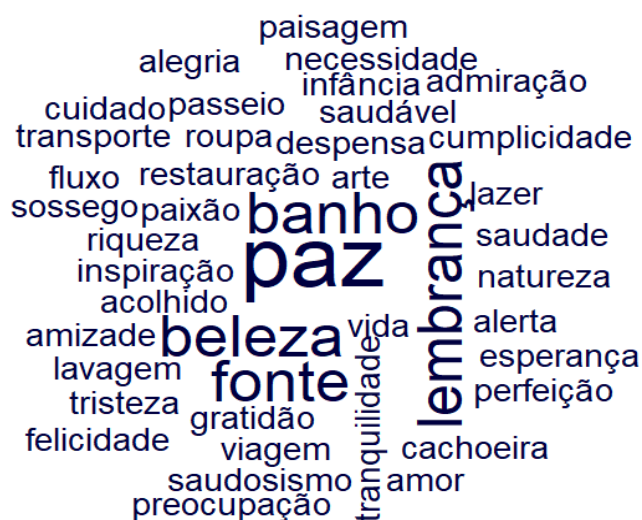
Segundo a maioria dos entrevistados, as mudanças inseridas representavam facilitação, atravessar para outras localidades, que consideravam a integração como exibido na (figura 27). Assim, a BR-010 passa a ser o ponto central de ligação com as demais atividades e perspectivas da cidade, porém o rio possuía conexão, mas em segundo plano fazendo com que houvesse o crescimento do comércio na chegada de produtos pela rodovia.

É interessante salientar que a estrutura “singular” e a sua autenticidade devido ao seu ritmo, passou por diferenças na sua originalidade (hábitos), com as construções mencionadas. De tal modo, incorporando-se a modernidade da circulação humana e mercadorias, símbolos relacionados, política e economia, conglomeradas formas comerciais intrinsecamente deixando para trás suas características.

Dessa forma, a construção da ponte e da rodovia BR-010 concebeu outras possibilidades para o crescimento urbano da cidade e para população. Segundo os entrevistados, seria a liberdade de poder se locomover e interligar-se a novas cidades e conhecer novas culturas, facilitando o deslocamento das pessoas. Assim, a insulação das relações com Rio Guamá foram acontecendo ao longo dos anos, no que se refere principalmente no contexto de vias terrestres.

Na figura 28, representa-se os eventos diários dos momentos simbólicos relacionados ao Rio Guamá. Os marcos sociais contribuíram para reconstruir as atividades no passado: tempo, espaço, cultura (língua e história), família, instituições profissionais e religiosas para poder localizar mudanças e partes no sistema geral interligado ao tempo, espaço e a memória dos moradores (ALBA, 2014). A influência da cultura na construção da memória é observada por meio de tradições, costumes, valores e ideais morais, bem como pela língua.

FIGURA 28: A relação entre a cidade e o Rio Guamá através da memória



Fonte: Categorização, IRAMUTEQ, (nuvens de palavras) 2022.

De acordo com Oliveira (2006, p. 27), “[...] as cidades memoráveis, uma imagem extraordinária nas recordações, mas porque têm a propriedade de permanecer na memória”. Do mesmo modo, as memórias históricas constituem agrupamentos para o conhecimento. Assim pensamentos e palavras, estes não são inventados apenas pelo sujeito, mas ele extrai do meio social em que cresceu e os

desenvolveu no decorrer de suas interações com os outros, evidenciadas nas palavras com maior destaque (paz, fonte, beleza, lembrança, banho, fonte).

As especificidades de posições e experiências e as realidades históricas, prioriza as diferentes histórias coletivas que vivenciaram, é o grupo que estão integrados que deixaram suas marcas, desde que essa relação social, permaneça física ou simbolicamente. Por meio de um sistema de pensamento compartilhado no passado que marcaram suas vidas (DELGADO, 2003).

4.2 O DISTANCIAMENTO ENTRE CIDADE E RIO: GESTÃO E PLANEJAMENTO URBANO PELA REINTEGRAÇÃO DAS RELAÇÕES COTIDIANAS

Para começar a dialogar sobre os fatores que levaram o distanciamento entre a cidade e o Rio Guamá, achamos interessante explicar a antiga organização estabelecida. Para que ao longo do texto, possamos fazer um comparativo, como era e como ficou, e após as intervenções urbanísticas através das políticas públicas municipais implementadas.

O trapiche municipal permanecia no meio do cais, designando divisão entre dois lados do cais, sendo o ponto central de movimentação intensa e diária, em relação ao fluxo de pessoas e mercadorias, com venda de comidas e artigos, pois era local de embarque/desembarque com linhas de passagens com o principal destino a capital do estado.

A margem do rio correspondia à proximidade social, era ponto de encontro dos moradores das “conversas” e o lazer. Mais tarde, começou a receber festejos religiosos em vias fluviais, como o Círio de Nazaré e São Miguel Arcanjo e que oferecia passagem para rua de ligação com a BR-010.

Por conseguinte, a construção do cais de arrimo às margens do Rio Guamá representou avanços urbanísticos, principalmente pela infraestrutura que foi desenvolvida na época. Assim, observou-se relevantes melhorias para população, a

priori na facilitação da chegada de embarcações de comunidades ribeirinhas, que traziam produtos com destino à comercialização, que por muitos anos desenvolveu funções portuárias. Com tal característica, simbólica marcante, devido à numerosa quantidade de barcos atracados, de diversos tamanhos, modelos e cores.

Assim o ritmo de vida da população aos poucos foi passando por mudanças, estabelecendo uma nova dinâmica urbana. Devido ao aumento populacional, e as recentes atividades implantadas, em suas formas de articulação categorizando processo do desenvolvimento, definido a partir da grande intervenção da dinâmica das rodovias.

Conforme Trindade Júnior (2013, p. 13), “associadas à presença de modernas atividades econômicas e *lôcus* de atividades urbanas diversas ligadas ao apoio de frentes de expansão”. Assim à medida que os pontos comerciais se aproximavam da BR-010, as atividades comerciais às margens do Rio Guamá foram diminuindo ou até mesmo desaparecendo.

Nesse sentido, o contato com o rio, os conjuntos de prédios que desenvolviam suas atividades sendo econômicas, ribeirinhas ou religiosas, denotava a formação da paisagem local naquele momento. Porém, o conjunto citado começou a perpassar por modificações, com ênfase as atividades antrópicas desenvolvidas. O Rio Guamá transpassa por funções deixando algumas e concebendo outras. Assim, outras atividades foram surgindo e mesclavam a relação rio e cais, principalmente nos meses de janeiro, julho e dezembro, ambos relacionados com as férias escolares. Essa relação representava uma alternativa de lazer, para as famílias, além dos esportes praticados nas suas proximidades.

A melhor lembrança do rio foi a partir da minha juventude. Todo mês de julho chegava de Belém, eu passava do dia 1 ao dia 30 na beira do rio. Pegando sol, brincando vôlei, enfim era o dia inteiro, não vinha nem almoçar em casa. (Informação verbal)⁴⁹

Vale ressaltar que as obras realizadas já fomentavam o turismo, pois não são todas as cidades amazônicas agraciadas pela passagem do rio no perímetro urbano. Na (figura 29), temos a exposição de algumas atividades praticadas, a principal delas era o banho no rio e “pegar sol”. Outras vinculadas a datas comemorativas, como:

⁴⁹ (P. S. de M. L. Professor aposentado, 60 anos, entrevista realizada em 27/04/2022).

carnaval, 7 de setembro, Círio de Nazaré etc. Isso demonstra os fortes laços estabelecidos, entre cidade e rio.

FIGURA 29: As atividades relacionadas com o Rio Guamá e o cais de



Fonte: Foto cedida pelo entrevistado (Grupo I - 04) - (s/d).

Para isso, o poder público municipal construiu, no ano de 2001, 18 quiosques que preencheriam toda a parte superior do cais de arrimo. Por meio de políticas e intervenções urbanas promovendo outro marco na estrutura física da cidade. Em termos documentais, os próprios moradores foram beneficiados, e poderiam trabalhar com restaurantes e bares semanalmente.

As mudanças mencionadas ocasionaram ampla movimentação, pois era atração da cidade, para a população local e turistas, pois ganhavam um ponto turístico destinado ao lazer. O que se percebia, especialmente, era a transformação da paisagem, já que demonstrava modernização, porém os elementos naturais foram apagando-se. A nova composição, por muitos anos associou-se à descanso, paz, encontros outros.

A construção dos quiosques trouxe mudanças, por exemplo os “restaurantezinhos”. A pessoa vinha no final de semana, a gente sempre dava uma voltinha por aí. Todos eles ficavam cheio com frequência, sempre gente comendo, bebendo, tomando banho. Chegavam mais pessoas durante o final de semana, era um ônibus de todo canto de Belém, Santa Isabel gente de todo canto muitos turistas. (Informação verbal)⁵⁰

Quando fizeram aqueles quiosques, gerou uma movimentação muito grande que todos que moravam aqui e vinham de fora queriam olhar/conhecer. Os quiosques eram muita bagunça, barulho, briga e confusões presenciamos muita coisa. A gente era acostumado com silêncio e a calmaria de repente tudo se transformou. O que se dar bem é bar e lanchonete. Muita poluição sonora. Antigamente o círio era pela rua do rio, depois que construíram os quiosques pronto acabou, pra quem gosta de agitação foi ótimo, mas pra gente daqui de casa foi um grande tormento. Sem falar da imundice que era, muito lixo jogado na rua um grande fedor. Ninguém conseguia ir pra lá, não dava pra gente passear, principalmente sábado e domingo. Muitas pessoas não passeavam, porque tinham medo de briga principalmente, até mesmo na praça. Os quiosques afastaram às famílias, antigamente dia de domingo a

⁵⁰ (M. de F. C. Aposentada, 65 anos, entrevista realizada em 25/04/2022).

pracinha era cheia de crianças, bora ver agora com essa orla. (Informação verbal)⁵¹

Portanto, as novas atividades desenvolvidas no espaço aludido condicionam redefinições. Percebemos a importância da construção dos quiosques para o turismo, lazer e recreação na cidade, pois carregavam renda aos diversos serviços inseridos. Para aqueles que não desejassem ficar nos quiosques, preparavam comida para aproveitar o dia no rio, entre familiares e amigos, o que se tornou algo bem típico.

O rio era livre e antes eu ia para a beira do rio todo mês de julho pegar sol, era costume de todos os guamaenses. As moças de famílias tradicionais pegando sol deitadas lá no cais, com suas toalhas. A cidade era uma verdadeira praia nesse sentido, algo rotineiro. Quando começou os quiosques, foi chegando gente bêbada que importunava a gente, não nos sentíamos à vontade, ficar de biquíni porque tinha um monte de pessoas estranhas bebendo e falando às vezes coisas imorais. Eu vejo de forma muito negativa. Aqueles quiosques era um centro de prostituição, droga tudo que não presta, infelizmente. Então isso acabou prejudicando a imagem do rio, porque a gente vai com receio, não existe um policiamento não existe uma segurança. Colocaram lá, mas não criaram critérios, primeiro aquela quantidade imensa de quiosques que eu nunca vi uma cidade beira de rio com 32 banheiros nenhum prestar (Informação verbal)⁵²

Com o passar dos anos, a realidade tornou-se outra. O que representava descanso, paz, tranquilidade, transformou-se em agitação, o que outrora foi pensado no aproveitamento do potencial turístico se aliou aos aspectos negativos. A rotina de ir ao rio e no cais foi alterada, produzindo uma quebra no ritmo das atividades.

No primeiro momento, avaliam a obra como relevante e necessária para a população, no segundo momento como perigosa e esquecida. Análise da circulação de diversos sujeitos, visitantes, vendedores informais e comerciantes, todos observaram a construção dos quiosques com diferentes visões, porém todas atualmente levam as seguintes considerações.

Depois começou tantas brigas as pessoas se afastaram, até eu parei com as minhas vendas. Era de “terçadada”, garrafada, facada lá não vinha quase ninguém. Não tínhamos mais condições. Motos que poderiam bater uma criança, que trafegavam na praça. Era muito sufoco. No começo atraiu muita gente, mas depois era só bebida, bebida e bebida, sem falar da zoada que era muita. (Informação verbal)⁵³

Depois que fizeram aqueles quiosques eu parei de tomar banho, com medo de pisar na água. Por causa dos dejetos que jogavam e também porque tirava a visão da orla, cobria tudo e não dava de ver nada. Pra ver o rio tinha que ir

⁵¹ (N. de M. F. Aposentada, 82 anos, entrevista realizada em 26/04/2022).

⁵² (P. S. de M. L. Professor aposentado, 60 anos, entrevista realizada em 27/04/2022).

⁵³ (J. B. G. Aposentada, 75 anos, entrevista realizada em 04/05/2022).

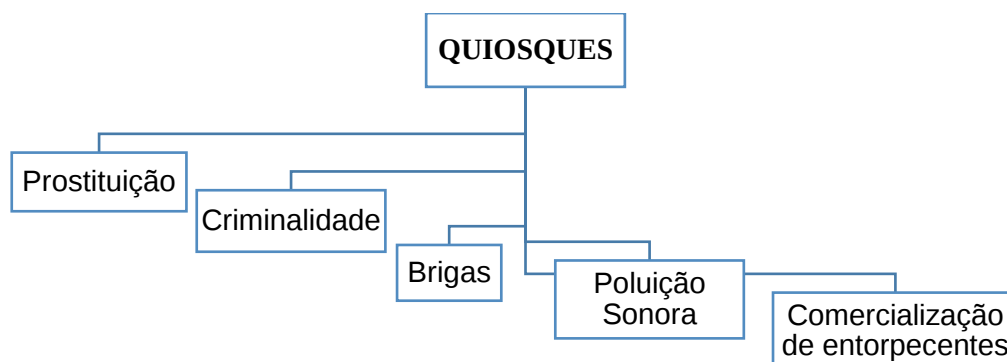
para o rio, porque os quiosques tomavam conta de tudo. O mal cheiro, fazia com as pessoas não usufruíssem disso. Esse distanciamento, também acarretou a invisibilidade da paisagem, era tudo “tapado” tudo deteriorado e perigoso, afastavam as pessoas. Então provavelmente com esse afastamento as pessoas deixarão de consumir. O público de família se afastava, pois, o espaço ficou restrito, a situações bem pesadas. (Informação verbal)⁵⁴

Aqueles quiosques ficaram muito ultrapassado, no começo era bom. As pessoas estavam fazendo um “cortiço”, tudo improvisado, eu achava muito feio. E o pessoal se envolve com “drogas”. Para trazer a família pra aquele ambiente, era muito ruim, tinha um fedor de urina que vinha dos quiosques. Esses quiosques tapavam tudo, não dava nem para enxergar o rio. Os donos de quiosques não davam aquela liberdade para chegar, encostar o carro, ligar a caixinha de som espaço, ficar com sua família. As pessoas não podiam chegar com seu isopor, colocar umas cadeiras que os donos das barracas não deixavam. Isso era comum antigamente quando não tinha a construção dos quiosques. Então de certa forma impedia que público chegasse até a beira do rio, eles tomavam o espaço dos banhistas. (Informação verbal)⁵⁵

era tudo “tapado” tudo deteriorado e perigoso afastavam as pessoas então provavelmente com esse afastamento as pessoas deixarão de consumir. O público de família se afastava, pois, o espaço ficou restrito, ali eu vi algumas situações bem pesadas. (Informação verbal)⁵⁶

Consideramos o distanciamento na figura 30 entre a cidade (moradores e visitantes) e o Rio Guamá, mediante aos inúmeros aspectos negativos atribuídos ao conjunto de quiosques que representavam para as pessoas.

FIGURA 30: Os quiosques e os problemas recorrentes



Fonte: Autora, 2022.

⁵⁴ (S. C. de O. Comerciante, 47 anos, entrevista realizada em 04/05/2022).

⁵⁵ (R. de O. F. Comerciante, 62 anos, entrevista realizada em 26/04/2022).

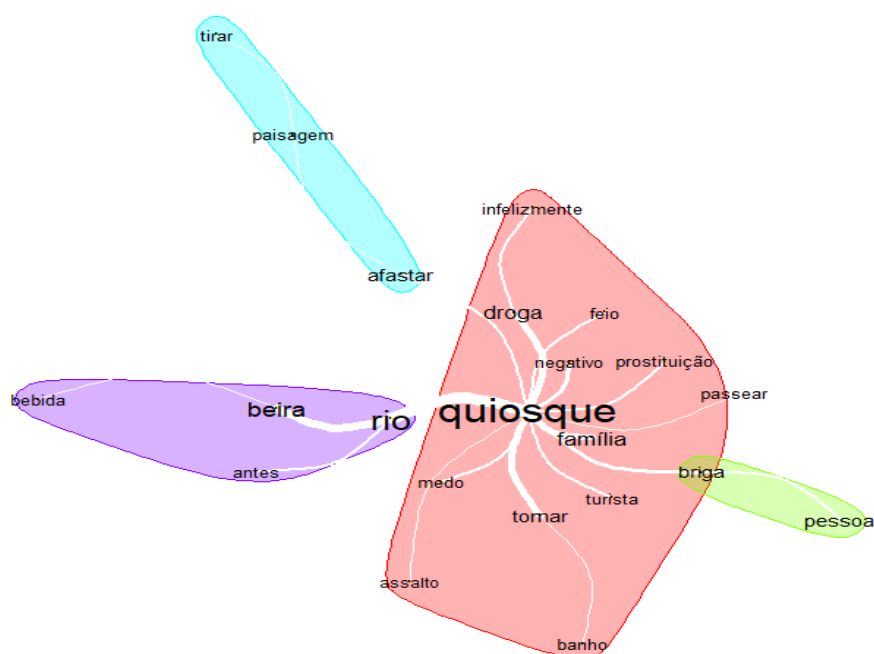
⁵⁶ (N. S. Vendedora, 63 anos, entrevista realizada em 19/05/2022).

Diante do que foi exposto acima, percebemos a quantidade de problemas que posteriormente a construção dos quiosques acarretaram. Essas condições impediram a realização de atividades, que eram realizadas diariamente às margens do rio, refletindo nos hábitos e costumes da população local.

Ao longo dos anos, a estrutura física dos quiosques foi apresentando extensos desgastes pela falta de manutenção, por parte do público municipal. Com isso, reformas estruturais praticamente não existiram e serviços básicos como abastecimento de água e energia elétrica foram comprometidos. Os quiosques então, passaram a incorporar apenas duas funções, bares e restaurantes, destacando o funcionamento dos bares.

Diante disso, o espaço, classificado como um mosaico de elementos de diferentes eras, sintetiza as mudanças inseparáveis em consonância com períodos de ocupação. Dessa maneira, as relações estabelecidas no passado, entre a cidade e o rio, foram afetadas, pois as funções de ambos significaram transformações na paisagem. Assim, impossibilitando atividades comuns, como tomar o banho no rio, pois acreditavam que os dejetos oriundos dos banheiros chegavam até o rio, além do mau cheiro corrente.

FIGURA 31: A representação dos quiosques para os moradores



Fonte: Categorização IRAMUTEQ, (análise de similitude), 2022.

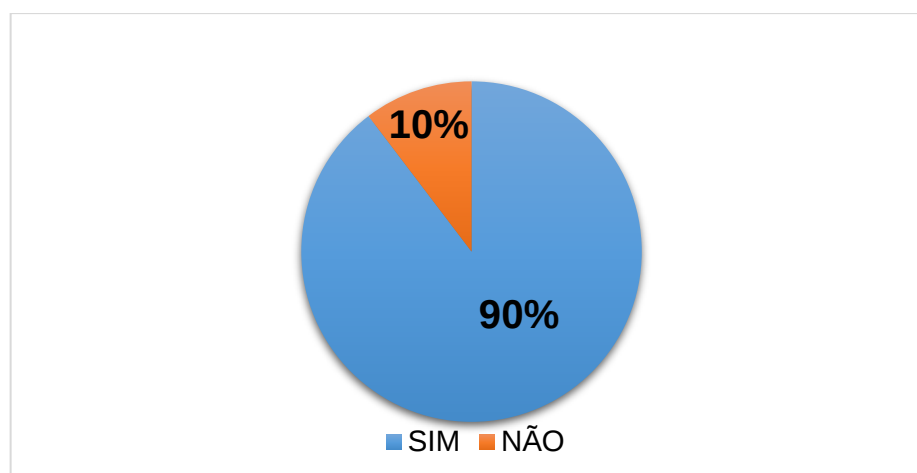
Outrossim em razão de cacos de garrafas que eram jogados no rio fazendo com que várias pessoas se machucassem. Quanto a estrutura física foi sendo comprometida ao longo dos anos, pelo imprevisto de materiais impostos. Com base na figura 31, a representação dos quiosques com referência à insatisfação dos moradores.

Anteriormente os quiosques eram vistos como espaço familiar e ponto turístico da cidade. Mas com o passar dos anos, devido à incidência de assaltos e atividades ilícitas, comprometeram passeios por falta de segurança e policiamento, pois não existia a inspeção do que estava sendo comercializado. Com isso, os vendedores começaram a deixar de realizar suas vendas por medo, restringindo as atividades econômicas no lugar. Além disso, a poluição sonora e agitação de festas.

Vale ressaltar a inexistência da orientação e acompanhamento sobre o trânsito no local, pois carros e motos, transitavam sem responsabilidade em alta velocidade, nessa ocasião muitos acidentes aconteceram.

Assim ocorreu intransigentemente a diminuição no fluxo de pessoas no local, pois o espaço passou a agrupar atividades ilícitas/perigosas que fugiam do objetivo principal da obra, em seguida pelo número de mortes por afogamento no rio em datas comemorativas de turistas que chegavam para conhecer. A quantidade de quiosques, na visão dos informantes, era exagerada, pois eles conseguiam esconder toda a paisagem, já que o rio ficava aos fundos. As famílias guamaenses possuíam medo de levar seus filhos no espaço devido às situações que ocorriam.

GRÁFICO 1: O distanciamento entre a cidade de São Miguel do Guamá e o Rio Guamá



Fonte: Trabalho de Campo com entrevistas, maio/2012.

Na primeira questão de acordo com os dados do gráfico 1, é possível notar que 90% (26 participantes) dos envolvidos na pesquisa, afirmam que houve o distanciamento devido à falta de infraestrutura, pela ausência de políticas públicas e as atividades ilícitas se propagaram no local. Já 10% (02 participantes) acreditam que não houve o distanciamento, pois sempre observaram pessoas no entorno, porém reconhecem a diminuição em comparação no passado.

Por consequência, gerando profundos impactos nas atividades econômicas e culturais, que outrora possuíam contanto direto. Nesse sentido, o Rio Guamá e o conjunto de prédios (quiosques, trapiche e mercado municipal), como ponto turístico, já não se faziam tão presente nas atividades cotidianas da cidade, deixando apenas boas memórias na vida dos moradores locais.

Por esse viés, a cidade possuía poucos espaços de lazer, o que se destacavam eram as praças, foram pontos de referência de encontros e eventos, entre elas: Frei Miguel De Bulhões, localizada em frente à Igreja Matriz a mais antiga da cidade e a praça Licurgo Peixoto inaugurada em 15/11/1979 que se encontra na frente (PMSMG). Porém, eram apenas compostas de bancos, grama e algumas árvores, sem espaço destinado ao público infantil. Dessa maneira, os espaços de lazer eram limitados, por não contemplarem as necessidades da população guamaense.

No final de 2019 e no começo de 2020, a (PMSMG) por meio de obras de infraestrutura, começou a desenvolver a construção da nova orla fluvial da cidade, numa aposta de descentralização das duas praças citadas. Observa-se às margens do Rio Guamá, e o avanço da construção sobre o leito. Ressaltando a extensão da orla, essa representou uma alternativa de rapidez e deslocamento de entrada e saída até a BR-010.

FIGURA 32: O espaço antes da orla fluvial



Fonte: Foto cedida pelo entrevistado (Grupo I - 04).

No ano de 2020, a nova orla figura 33 já estava construída e sendo inaugurada, o que causou espanto nos moradores devido o curto período de tempo para sua construção. A inauguração da orla ocorreu na pandemia do Covid-19⁵⁷, o que foi preocupante no que estabelecia as medidas de proteção da (OMS). Assim, foi destaque em diversos meios de comunicação, devido à grande aglomeração que estava causando.

FIGURA 33: O espaço após a construção da orla fluvial



Fonte: Foto cedida pelo entrevistado (Grupo I - 04).

Deste modo um pequeno espaço “parquinho” foi destinado ao público infantil. Mas os problemas se repetiam, a obra edificada já apresentava sinais de alerta, em um curto período de tempo na estrutura física (queda do alambrado, exposição do sistema de esgoto, e boa parte do solo cedeu), talvez pela falta de estudo e pesquisa sobre as características físicas do local. Ainda assim, regada de poluição sonora, confusões, bares e comercializações ilícitas nas proximidades.

Nesse sentido, a estrutura estabelecida não conseguia contemplar a diversidade dos públicos, pois, ainda assim, se resumia em apenas (bares e festas), o que chega a ser comparado à construção dos quiosques, que tinha determinado objetivo, mas no final não conseguiu atingi-los.

No ano de 2021, com a nova composição do poder executivo, diversas mudanças foram desenvolvidas. O marco dessas mudanças, foi a demolição do

⁵⁷ A orla de São Miguel do Guamá, no nordeste paraense, vem registrando grandes aglomerações aos finais de semana. “O Brasil no pior momento da pandemia até agora, mais de 50 mil mortes, e a beira rio de São Miguel do Guamá com esse tanto de gente. Este momento entrará para a história pela omissão do poder público e a irresponsabilidade de quem está aí. O divertimento de muitos está acima das vidas. Todo fim de semana está essa loucura”, disse um morador da cidade que, porém, pediu para não ser identificado. (O LIBERAL, Junho, 2020).

conjunto dos quiosques. Que na visão de muitos moradores seria tarefa quase impossível, pois no ano 2014 houve uma tentativa de demolição, mas dois foram demolidos, assim, as ações não foram levadas adiantes. Apesar de conhecerem os aspectos negativos que envolviam o local, ponderavam outras situações, no caso as famílias que garantiam o seu sustento pelas atividades de forma adequada e que poderiam ser prejudicadas, perdendo sua renda.

Em maio de 2021, através da ação da (PMSG), começou a demolição definitiva dos quiosques figura 34, que por muitos anos fizeram parte da composição da paisagem local. O que para muitos foi muito satisfatório, seria uma nova possibilidade para o desenvolvimento de novas atividades econômicas e a (re)incorporação de outras.

FIGURA 34: A demolição dos quiosques



Fonte: Empresa Zéus, junho de 2022.

Após a demolição dos quiosques o local permaneceu mondado, para receber as futuras obras de infraestrutura. Conforme a figura 34 é perceptível a grande mudança na paisagem, o acesso ao rio de moradores e turistas, voltava a ser direto. O Rio Guamá, desvincula-se dos quiosques e reaparece.

Hoje o rio está muito melhor sem aqueles quiosques, aquilo afastou muitos turistas, demais mesmo, fazia com que as pessoas, tivessem medo. Não tinha, como realmente chegar aqui e ver aquela paisagem, aqui só aparecia aqueles quiosques horrorosos. Eu lembro que quando chegava alguém de fora falava assim: isso aqui que é o rio? Primeiro, eu ficava chateada com a pessoa. Mas depois eu olhava e via que pessoa realmente tinha razão, depois que chegava próxima do rio, via a felicidade da pessoa. Nossa, que rio lindo sempre estive aqui? Já teve gente que me perguntou isso, sempre teve esse rio aqui? Eu digo sempre teve, não foi colocado agora é incrível que as pessoas fazem essa pergunta. (Informação verbal)⁵⁸

Na concepção dos informantes, era como se o rio estivesse oculto diante do olhar da cidade e que inúmeras vezes passava despercebido. Assim é notório que os

⁵⁸ (A.N. Vendedora, 34 anos, entrevista realizada em 26/04/2022).

quiosques impediam a contemplação da paisagem, algo que era cotidiano e muito significativo no passado, mas que já esboçava sinais de renascimento com as ações desenvolvidas pelo governo municipal. Assim é notório que os quiosques impediam a contemplação da paisagem, algo que era cotidiano e muito significativo no passado, mas que já esboçava sinais de renascimento com as ações desenvolvidas pelo governo municipal.

4.3 AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS EM CIDADES À BEIRA DE RIO: O CONTEXTO GUAMAENSE E A ORLA FLUVIAL

Assim o espaço geográfico mediante ao processo de urbanização na cidade de São Miguel do Guamá, considera a movimentação e incorporação do Rio Guamá ao longo do seu processo histórico, com expressão de diferentes funcionalidades, o que reflete em seus estágios de desenvolvimento que acompanham tendências, que são reforçadas pelas políticas públicas municipais em relação à cidade e ao rio (CORDOVIAL; NAHUM, 2011).

É importante enfatizar que o espaço da beira rio em São Miguel do Guamá, no que diz respeito às mudanças, nas funções conexas em ocorrências atualmente: rio, orla fluvial e o cais de arrimo. A principal corresponde à fração do Rio Guamá, enquanto elemento paisagístico central, a segunda em referência da orla dotada de infraestrutura recente, destinada especialmente para atividades de lazer e turismo e a terceira corresponde ao cais de arrimo, em uma fração menor que se refere à relação ribeirinha embarque/desembarque diariamente de pessoas e serviços na cidade.

Por esse viés, compreender as transformações principiadas, condicionaram novas atividades com objetivo de atrair moradores e visitantes. Essa condição é interessante, pois percebe-se as características dos sujeitos que haviam sido excluídos dos processos anteriores, em tentativa de (re)incorporação de valores e elementos da cultura ligados à cidade.

Diante da pesquisa de campo, observamos os usos que se despontam no espaço, por meio das atividades para as quais os imóveis se destinam: **1)** Residencial a maioria de residências de médio padrão e baixo padrão, todavia pode ser observado

ao longo da orla tanto em moradias de alto padrão; **2)** Comercial que pode ser concebido tanto em comércios pequenos (pequenas mercearias, restaurantes, bares e lanchonetes). Ressalta-se ausência de (grandes supermercados e lojas de artigos diversos); **3)** Áreas paisagística, turísticas e recreativas, que pode ser verificada ao longo da orla da cidade; **4)** Serviços, Escola Externato Santo Antônio M^a Zaccaria, a Empresa Brasileira Correios e Telégrafo (EBCT); **5)** Uso institucional, observado em apenas dois prédios públicos, como (PMSMG) e Câmara Municipal de Vereadores; **6)** Além do uso combinado, contemplados em aglomerações multifuncionais, que são ao mesmo tempo moradias, lanchonetes, bares, restaurantes.

Percebemos um conjunto de prédios situados no entorno da beira do rio, locais de intenso fluxo em busca de serviços no período da manhã e ampla movimentação no final da tarde. Assim, encontramos diferentes formas de uso do espaço, objetadas por diferentes agentes sociais, realizando diversas atividades ao longo do mesmo espaço.

A frente da cidade, onde a atividade está mais concentrada, destacamos elementos e espaços específicos: o Rio Guamá, que se estende ao longo do cais de arrimo; a orla fluvial e a praça Licurgo Peixoto, hoje apresentam características de áreas paisagística, turísticas e recreativas, que auxiliados por atividades econômicas são os espaços de centralização de pessoas no período (vespertino e noturno).

O projeto chamado “Complexo beiro rio”⁵⁹, foi apresentado para a população através de um evento em julho de 2021, promovido pela (PMSMG). Neste, constituía-se os novos elementos com aspectos modernos, acessibilidade, e a reutilização de espaços que foram abandonados. Com as obras iniciadas, grande expectativa foi sendo alcançada, pois o que estava sendo efetivado possibilitaria outras ações. Nesse momento, estaremos expondo as colocações dos entrevistados entre visitantes, comerciantes e vendedores informais sobre a construção da nova orla.

Já sentimos essa mudança com a construção da orla, já é um grande atrativo, ela vai mexer com o turismo. Por exemplo, tem um senhor aqui que comprou

⁵⁹ O projeto reformará e modernizará a orla da cidade, adaptando o espaço às necessidades da população, garantindo aos munícipes o direito ao lazer, impulsionando o turismo, movimentando o comércio local, além de incentivar e preservar a cultura da cidade. A nova orla terá um calçadão para passeio a pé; uma ciclofaixa devidamente sinalizada; um canteiro arborizado; espaços de convivência com bancos e mesas para jogos de dama; um estacionamento para carros e motos; além de um bicicletário, que ficará disponível à população. O Complexo terá ainda um espaço para banhistas no início da orla. A praça Licurgo Peixoto será reconstruída e contará com arborização, bancos e um chafariz será construído no centro do espaço. Ela dará espaço para o Museu (antigo Mercado Municipal), que também passou por reconstrução (PMSMG, Fevereiro, 2022).

o prédio da esquina e está construindo um hotel e restaurante, já pensando nessa orla. Já está melhorando porque antes a beira do rio era muito feia, e o rio se tornava feio, hoje não, ela está ficando uma orla muito bonita. Isso vai trazer mais turista e financeiramente para nós vai ser melhor porque a gente vai poder vender mais. Então vai ajudar todo mundo. Com essa nova orla a gente vai ter local apropriado para trabalhar. (Informação verbal)⁶⁰

Como mencionado, a orla fluvial que estava sendo construída seria um espaço que poderia contemplar diversos públicos. No entanto, o turismo representava a maior expectativa, já que na configuração anterior as pessoas tinham receio de ir até local, e do que poderia acontecer. Na percepção dos entrevistados, o conjunto de quiosques eram disforme para tudo que significava para as pessoas em relação à paisagem e às atividades.

A perspectiva financeira, para comercialização de produtos cresceu, para aqueles que não possuíam pontos físicos (próprios), mas que já trabalhavam há muitos anos no local, a (PMSMG) se comprometeu a oferecer suporte.

Vamos ser remanejado. Então a gente vai ter um local próprio, vamos ser respeitados, ter um local próprio para trabalhar hoje aqui na beira do rio. Se conversasse anos atrás comigo, eu ia te falar que eu não saberia se algum dia alguém ia fazer alguma coisa. Então hoje, eu estou vendo que realmente estão fazendo. Olha, a orla tá ficando linda. E os quiosques que eram a pior para mim aqui, foram demolidos. (Informação verbal)⁶¹

A priori foram remanejados do local, pois com a construção da orla vários espaços foram interditados. Apesar do lugar ter se tornado canteiro de obras, muitos ainda duvidam do que estava sendo feito e pensavam se de fato avançariam na conclusão da obra, pois já vivenciaram experiências parecidas, posteriormente chegava através da insatisfação do que se comercializava e a infraestrutura desenvolvida falha no local.

Contudo o fato da demolição dos quiosques, a planta do projeto e trabalhadores e máquinas, trazia esperanças, pois as mínimas mudanças, já estavam proporcionando melhorias.

Vejo um resgate da paisagem, procurando mais durante o final de semana e durante a própria semana indo para a beira do rio pela manhã, para fazer exercício de contato, tomar um banho no rio. Enfim uma questão que para mim não está voltando, houve uma época que ele ficou totalmente esquecido principalmente com aqueles quiosques ninguém tinha coragem de se aproximar do rio. (Informação verbal)⁶²

⁶⁰ (R. de O. F. Comerciante, 62 anos, entrevista realizada em 26/04/2022).

⁶¹ (M. de N. S. B. Vendedora, 49 anos, entrevista realizada em 27/04/2022).

⁶² (A.N. Vendedora, 34 anos, entrevista realizada em 26/04/2022).

Ao mesmo tempo a paisagem reaparecer em uma tentativa de resgate, já que muitas atividades, já não se faziam tão presente. Com o passar dos dias, a movimentação de pessoas no local foi crescendo figura 35, entre banhistas, praticantes de atividades físicas e curiosos, em decorrência de algumas ações do poder público, como: a limpeza da margem do rio, retirada de cacos de vidros e assentando seixo na beira, balanços e o extensivo policiamento, além da grandiosidade da construção que chamava atenção.

FIGURA 35: A movimentação da orla fluvial antes do término da obra

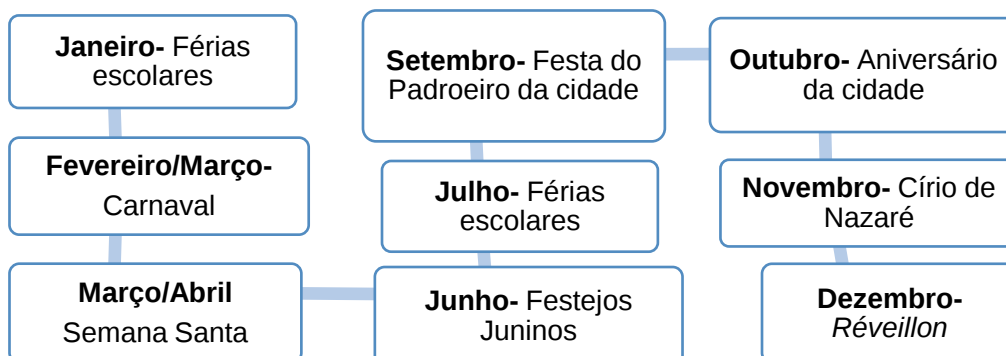


Fonte: Pesquisa de campo, julho, 2021

No entanto, as obras estavam bem longe do término, mas já era notório as mudanças que estavam se estabelecendo, devido à infraestrutura e os benefícios que poderiam oferecer.

Elaborada pelo poder público municipal, voltou-se em particular ao lazer e turismo, na perspectiva do rio como um espaço destinado para o aproveitamento de moradores e turistas. Tomando São Miguel do Guamá como modelo, os trabalhos desenvolvidos confirmavam novamente tendência do resgate paisagístico. E na visão dos entrevistados, o conjunto de políticas públicas que estavam sendo desenvolvidas, poderiam intensificar movimentação diária e mensal. Na figura 36, os meses associados a datas específicas em que apresentava intenso fluxo de pessoas no local.

FIGURA 36: Os meses do ano de maior movimentação na beira rio



Fonte: Autora, 2022.

Dessa maneira, a construção da orla fluvial para vendedores e comerciantes, corresponderia ao retorno do aumento de vendas. Segundo os mais antigos, à beira do rio em períodos específicos, atraía muitos turistas e isso refletia no aumento de vendas e lucro para o grupo com a expectativa da construção da orla.

Mesmo a orla estando assim em construção, já tem muito ônibus que vem com turistas esses dias mesmo, vi dois ônibus estacionado e descendo vários turistas em direção ao rio. (Informação verbal)⁶³

Assim fortalecer as atividades econômicas no local, gerando emprego e renda que outrora era constante, com o principal foco na valorização de uma boa imagem da cidade e de reaproximação e da centralização do Rio Guamá e seu entorno.

Fazia muitos anos que eu não escutava isso, aonde a cidade começou foi na beira do rio. Não sei se é verdade isso, mas eu sempre escutava isso que a cidade começou na beira do rio porque antigamente tudo era na beira do rio. E pode ver que São Miguel ele cresce, mas ninguém se desvincula daí da beira do rio. Todo mundo tem que vir na beira do rio, olhar. Ele tem esse vínculo que puxa as pessoas, essa coisa forte. Mas acredito que teve um tempo que a beira do rio, causava medo nas pessoas. (Informação verbal)⁶⁴

É importante salientar o significado e o papel desempenhado por esses lugares mais próximos com o rio na cidade de São Miguel do Guamá, pois os mesmos nos orientam a pensar na realidade das relações entre a cidade e o rio, ao mesmo tempo em que se transformam, mas buscam permanecer e resistir por meio de seus usos atuais e traços históricos, como as pequenas feiras ribeirinhas, trapiche e mercados municipal, que ainda aproveitam o rio como apoio para a reprodução e interação das relações sociais (COSTA, 2012).

4.3.1 O complexo beira rio: intervenções urbanísticas na paisagem urbana guamaense

A recente reorganização do espaço amazônico, a frente do impacto em decorrência da implantação dos projetos, com referência às cidades que se conectavam através do rio, com os agentes locais e a interação do grupo era mais

⁶³ (C. M^a R. N. Professora, 41 anos, entrevista realizada em 21/05/2022).

⁶⁴ (N. N. B. S. Vendedora, 30 anos, entrevista realizada em 21/05/2022).

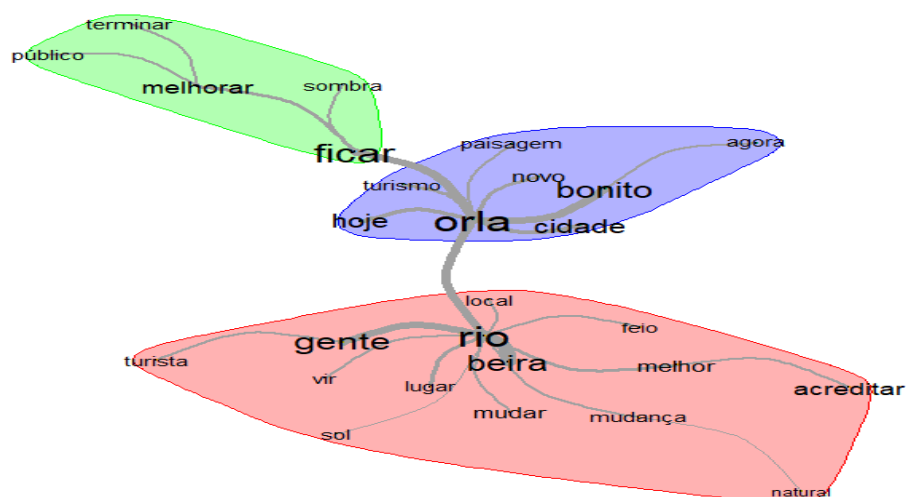
intenso. Assim as atividades modernas, o principal deles o eixo rodoviário, remete ao distanciamento nas relações estabelecidas.

Nos últimos anos, com a reestruturação espacial da Amazônia e a presença de atividades modernas e de conexões notadamente verticalizadas. [...] tem sido muito recorrente se falar que as cidades amazônicas têm “virado as costas para o rio” e que um novo modelo, ligado à expansão das frentes de modernização econômica e territorial, tende mesmo a anular e a colocar as cidades ribeirinhas em plano desfavorável. Por conta dessa tendência, passa-se então a se proclamar, nas políticas urbanas em curso e nas intervenções urbanísticas que as materializam, propostas de renovação dos espaços à beira-rio. (TRINDADE JÚNIOR, 2011, p. 08).

No entanto, ressaltamos que é não reviver o passado, mas incorporar a identidade simbólica fluvial, e ressaltar o potencial de aproveitamento do Rio Guamá, enquanto paisagem e significância para o turismo, por meio das políticas urbanas desenvolvidas. De acordo com Trindade Júnior (2012, p. 178), “[...] os espaços denominados de orlas fluviais dessas cidades, onde a interação de agentes e grupos locais com o rio é mais intensa e multidimensional – e de fluxos que marcam a organização intraurbana atual”.

Perante as referências empíricas dos estudos e envolvidos a orla fluvial, compreende-se a forte interação entre a cidade e o rio, assim analisá-los em face das ações de intervenção do poder público, por meio de intervenções urbanísticas, assentadas em prática recentemente, levantou algumas preocupações e perspectivas acerca da construção. Ressaltamos que a observação foi de moradores, visitantes e vendedores.

FIGURA 37: A representação da nova orla para os envolvidos da pesquisa



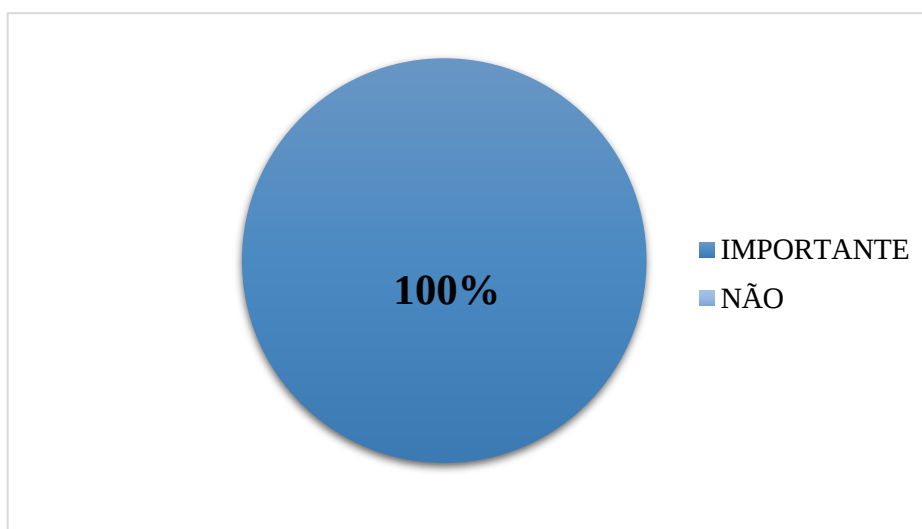
Fonte: Categorização IRAMUTEQ, (análise de similitude), 2022.

Diante da figura 37, percebemos que a palavra central é o rio, e que este exerce função de ligação na forma de articulação da cidade. A representação do espaço contempla o turismo “embelezamento”, numa proposta de reestabelecer movimentação. No que se refere, ao planejamento e as políticas urbanas. Assim, podendo expressar símbolos e imagens característicos situados à margem do rio. Contudo acreditam que as mudanças acarretam pontos positivos, que ficará melhor, quando a obra for finalizada. Já que a configuração que se fazia presente, extinguiu a paisagem.

Nesse sentido, as ações buscam conceder espaços melhores, garantindo direitos e deveres entre o poder público, moradores e turistas. O que significa articular as políticas públicas, visando remir os espaços coletivos como signo da nova orla fluvial, mas compreendendo as novas funcionalidades atribuídas ao espaço da produção e da circulação, mas como lugar de contato entre cidade e rio.

Importante é ressaltar que as mudanças determinadas em torno da relação da cidade com o rio, ocorrem sobretudo nas formas de uso do mesmo, nas práticas que crescem com ênfase a construção da orla fluvial. Essas mudanças não negam a importância que a orla fluvial representa para a dinâmica urbana de São Miguel do Guamá. Como indicado no gráfico 2 a cidade reconhece a significância da orla fluvial, como fundamental para o seu dinamismo e expansão das atividades turísticas.

GRÁFICO 2: A importância da orla fluvial



Fonte: Trabalho de Campo com entrevistas, maio/2022.

Como evidenciado no gráfico, 100% dos entrevistados ratificam a construção da orla fluvial para a São Miguel do Guamá. Porém, alguns participantes da pesquisa devido o tempo que moram na cidade, e por estarem todos os dias observando, destacam, quatro pontos necessários, a serem ponderados: a demora para a entrega da orla, sombra no local, o desaparecimento da paisagem natural e os traços históricos (prédios). Gerando algumas inquietações nos entrevistados.

A gente acha que está demorando muito, gostaríamos que terminassem logo, que vai aumentar o movimento, assim quando terminar. (Informação verbal)⁶⁵

A importância da orla fluvial é grande, mas se tivessem sombras para esperar o pôr do sol batendo papo. A gente percebe interferência humana na paisagem tanto na destruição da vegetação, como em uma tentativa de recuperar a beleza do Rio Guamá. Criando aquela orla adaptando assim a beira do rio para a nossa realidade criando, com atividades é tudo uma tentativa. Eu entendo que a beira do rio, ela deveria ter mais árvores, e não palmeiras não é característico da beira do nosso rio, ainda mais esse tipo de Palmeiras que estão colocando. Antigamente tinha árvores como aquele Ipê que fazia sombra e também seria bom resgatar os jameiros que tinham e quando as flores caíam fica tudo cor-de-rosa no chão. Infelizmente ficou muito concreto.

São muito os pontos positivos, dentre eles a chegada de pessoas de vários lugares, passar o fim de tarde. Mas está mudando a característica natural de forma negativa por conta dessa mudança natural do nosso rio, basicamente deixaram de lado a questão histórica dando lugar ao moderno e trocando a característica natural e histórica da paisagem. (Informação verbal)⁶⁶

Para a construção da orla fluvial, todas as árvores que estavam no local foram retiradas, especialmente para construção do calçadão. Na visão do entrevistado, tornara-se difícil presenciar e contemplar o pôr do sol ou desenvolver atividades durante o dia, devido às altas temperaturas, em decorrência da ausência de árvores no local. Assim as árvores identificadas não geram sombra, e não possuem características de beira do rio. Ainda assim, destacam a grande presença de concreto, pouca cor no local, e sugerem árvores como jameiros e Ipê, como possibilidade de embelezar.

O processo de urbanização da cidade de São Miguel do Guamá, ao mesmo tempo por ser uma cidade relativamente antiga com 148 anos, incorporou modificações como estruturas modernas para casas e prédios públicos. Em 2017, ocorreu a demolição do antigo prédio da (PMSMG), citado pelos entrevistados como algo negativo, pois era algo representativo e histórico da cidade. Mencionaram a

⁶⁵ (A.R. Vendedor, 47 anos, entrevista realizada em 21/05/2022).

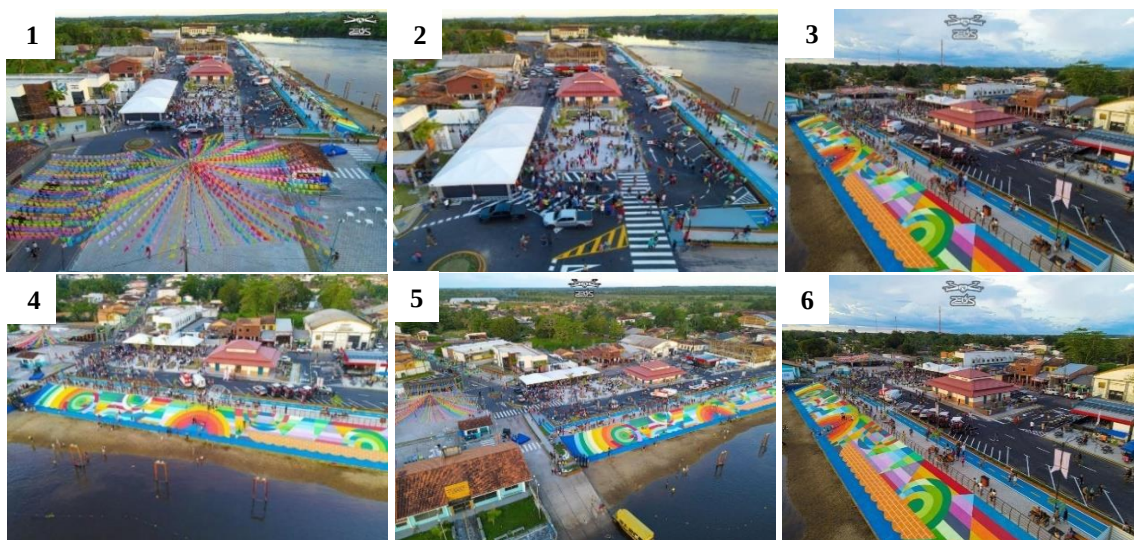
⁶⁶ (N. N. B. S. Vendedora, 30 anos, entrevista realizada em 21/05/2022).

ausência de projetos públicos que pudessem auxiliar e resguardar a estrutura de casarões antigos, como proposta manter a história física do local.

Em junho de 2022, a (PMSMG) realiza a Inauguração da I Parte do “Complexo Beira Rio” fazendo com que diversas pessoas participassem do evento (figura 40). Em vista da dimensão e do resgate da cidadania guamaense, que incluem o acesso a qualidade de serviços públicos. Assim a primeira parte da construção, levou quase um ano para a conclusão. Nesse primeiro momento, a (PMSMG) entrega orla fluvial que passou a se chamar (Orla José Fonteles) e a revitalização da praça Licurgo Peixoto e o mercado municipal em sua estrutura física, que passou a ser o Centro cultural chamado (Andrassy Viana Carvalho) que abrigará um Museu municipal.

Dispondo ainda, de amplo calçadão; ciclofaixas; canteiro arborizado; espaços de convivência com bancos; estacionamento para carros e motos, chafariz construído no centro da nova praça. Além disso, recebeu sinalizações e orientações por agentes de trânsito (motorista, motociclista e pedestre), uma vez que o sentido das ruas havia mudado, considerando a educação no trânsito para diminuir o número de acidentes de trânsito no local.

FIGURA 38: Inauguração da I Parte - Complexo Beira Rio



Fonte: Empresa Zéus, junho de 2022.

Dessa maneira, a orla fluvial em sua estrutura apresenta contato imediato da cidade com o rio (espaço mais próximo), atua como ligação entre as múltiplas práticas cotidianas dos sujeitos. É a referência material e simbólica à representação da vida, para quem mora ou visita, por trás, revela significativas mudanças que aludem a

modernização em termos econômicos, sociais e políticos, conectadas absolutamente ao tempo da vida social.

Conforme Trindade Júnior (2012, p. 174), “[...] relações e objetos socioespaciais/geográficos e que, considerados em conjunto, traduzem, na atualidade, uma síntese dos tempos [...]”. De tal modo, como espaços representativos, analisando a estratégia para restabelecer ou resguardar as permanências históricas da cidade, tomando como exemplo do Mercado Municipal (figura 39).

FIGURA 39: Etapas da revitalização do mercado municipal



Fonte: Pesquisa de campo, 2021/2022.

No começo de setembro de 2021, iniciou-se a reforma do mercado municipal, como já mencionando é uma das construções mais antigas da cidade localizada às margens do Rio Guamá, *a priori* possuía como característica principal as atividades comerciais, entre pequenos comércios, feiras e bares. Outrossim ponto de encontro e espera para os ribeirinhos que realizavam suas compras.

Segundo Abreu (1998), nos últimos anos as cidades brasileiras estão buscando se (re)conectar com o seu passado, seja através de revitalização de prédios históricos, fomentando a cultura, entre outros. No âmbito do planejamento e da gestão, percebeu-se que o mercado municipal, já não correspondia às atividades estabelecidas anteriormente, pois a centralização de vendas se localiza às margens da BR-010, devido o fluxo de pessoas ser maior.

Através do espaço cultural, discorreu-se novas ideias, com intuito de contemplar a história, através da exposição de artigos antigos pertencentes a cidade. Nesse sentido, contará com venda de artesanato, espaço de alimentação (lanchonete e sorveteria) e apresentações culturais. Em decorrência da importância das atividades, que compõem a paisagem local, realizando um comparativo “antes e depois” na visão dos entrevistados, avaliam como positivas e esperam o aumento das

vendas. Ressaltam a importância da beira do rio no seu cotidiano, refletido na (figura 40).

FIGURA 40: A representação do rio e seu entorno para comerciantes e vendedores locais



Fonte: Categorização, IRAMUTEQ, (nuvens de palavras) 2022.

Com base na figura 40, que faz a representação da orla para vendedores e comerciantes, com destaque para a gratidão, já que todos adquirem sua renda e sustentam suas famílias, através dos serviços oriundos da beira do rio. Observaram o crescimento financeiro e pessoal, por meio das atividades. Registram os laços de amizade que foram construídos ao longo dos anos, ressaltam a paz, tranquilidade e aumento do movimento que hoje existe no lugar. Hoje se concentram atividades relacionadas à alimentação, diminuindo o número de bares que outrora existia. Citam a esperança em dias melhores para que todos possam usufruir com mais qualidade dos serviços que estão sendo oferecidos.

4.4 DA BEIRA DA ESTRADA PARA BEIRA-RIO: O ESPAÇO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ADENTRE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ E O RIO GUAMÁ

Nessa última seção, versaremos a relação cidade e rio, por meio das representações sociais, ou seja, como atualmente a referida relação está constituída. Segundo Gil Filho (2003), as representações decorrem, por meio de análise, contato direto com os sujeitos por meio do lugar que residem e as atividades inseridas. Para Silva (2019, p. 34), “[...] intensa relação com o universo cotidiano do mundo da vida, assim como as formas de expressão através da linguagem e atos de fala é sob esse aspecto, pontos de convergência entre abordagem da ação comunicativa e das representações sociais”.

Portanto, o espaço cotidiano deve ser pensado a partir da escala de análise, pois os espaços de representação se constituem dos espaços percebidos e vividos, mas que possuem distinção de grupos e classe sociais. Assim consideramos, que atividades vinculadas nas relações citadas, atravessaram por intensas mudanças que ao mesmo tempo representa redução com algumas e grande envolvimento de outras, nesse caso a ligação interna cultivada pelo estágio moderno da comunicação nas cidades, que reflete na dinâmica urbana.

[...] chega às cidades da região não necessariamente através dos barcos, canoas e rabetas, mas por outras vias e ondas mais modernas de comunicação. Nesse caso, a interação com o rio endogenamente cultivada – como recurso, uso doméstico, lúdico e simbólico-cultural, a exemplo dos banhos de fins de tarde das crianças, adolescentes e mesmo adultos e das pescas noturnas regadas a aperitivos, petiscos e conversas preguiçosas – tendem a coexistir com o uso do rio para o lazer mais moderno. (TRINDADE JUNIOR, 2011, p. 11)

Percebemos que o Rio Guamá mudou a sua funcionalidade, já que os objetivos e benefícios foram se modificando, devido principalmente as necessidades aludidas. Contudo, as cidades apresentam recentes formas de circulação e conexão, uma caracterização bem distinta da dinâmica passada, no que diz respeito aos hábitos e costumes que foram alterando-se e se (re)estabelecendo. De certa forma, redefinir/redirecionar relação com o rio, a vista apenas através de uma dimensão contemplativa, onde a cena ribeirinha é compreendida por traços na paisagem urbana.

É interessante mencionar a importância das orlas fluviais, conforme Dias (2008, p. 84 apud COSTA, 2012, p. 85) considera as orlas fluviais, “traduz simbolicamente elementos nexos e variáveis da racionalidade, temporalidade e espacialidade da modernidade presente”. Para isso, abordaremos o conceito desenvolvido por Trindade Júnior (2011), que salienta as mudanças e permanências as orlas fluviais que são definidas como fluidas, assume o caráter paisagístico-recreativo cuja a interação com o rio passa a ser de relações mais tênue.

Assim o conjunto de infraestrutura pensado influência da estética na orla, quanto aos propósitos e a capacidade de servir de espaço para os moradores locais e visitantes, conhecerem e praticarem atividades diversas.

À vista disso a extensão ribeirinha das cidades amazônicas, em especial no contexto de São Miguel do Guamá, não é capaz de ser compreendida e/ou resumida, a um processo cristalizado ou isento de mudanças, e sim como a dimensão que transporta consigo temporalidades distintas, e que se redefine mediante a expansão das novas lógicas econômicas para região (COSTA, 2012).

Diante disso a concepção ao contexto ribeirinho, não demonstra as vivências e práticas ribeirinhas pertencentes à cidade. Assim, constituem conexões reduzidas, menos radicadas e limitadas das relações que ainda constituem cidade e rio, com ênfase ao transporte fluvial utilizado por comunidades ribeirinhas.

TABELA 2: A importância do transporte fluvial

A importância do transporte fluvial	Antigos moradores		Moradores/ Visitantes		Vendedores locais		Total Abs.	Média %
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%		
Grande	7	58	5	62,5	6	75	18	64,2
Média	3	25	1	12,5	1	12,5	5	17,9
Pequena	2	17	2	25	1	12,5	5	17,9
Nenhuma	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	12	100	8	100	8	100	28	100

Fonte: Autora, 2022.

Mediante a tabela 2, com a relação à importância do transporte fluvial, enfatizamos que a análise alcançada é a partir da observação diariamente por moradores, fazendo um comparativo com o passado. Com isso 64,2% dos entrevistados acreditam que é de grande importância para atividades a utilização do

meio de transporte. Todavia, os demais consideram 17,9% média e pequena importância, revelou extensa diminuição principalmente, no que corresponde ao número de embarcações. Outrora a chegada de embarcações de diversos tipos, tamanhos, e cores com ritmo intenso de embarque/desembarque de pessoas e mercadorias, era comum e que atualmente se apresentam de forma reduzida (figura 41).

FIGURA 41: Atividades predominantes no Rio Guamá



Fonte: Pesquisa de campo, abril, 2022

Segundo os entrevistados, ao longo dos anos o movimento do transporte fluvial no Rio Guamá foi diminuindo, sobretudo pela construção da BR-010, que promoveu a integração dos locais. Hoje especialmente é aproveitado para o embarque/desembarque de pessoas e mercadorias, com ênfase aos alunos que se direcionam até a cidade para estudar. Ressaltamos a presença de balsas, que desempenham o transporte de carga entre madeira, seixo, mas ambos com números de embarcações reduzidas.

Dia de sábado, sem exagero tinha 30 a 40 barcos, mas depois foi diminuindo, foram abrindo muitas estradas e os ribeirinhos que vinham de barco, agora vão de moto ou carro. Aquela atividade ribeirinha mesmo, não tem mais, de pagar passagem, porque as pessoas pagam frete pra trazer sua mercadoria, todo sábado às 6h eles chegavam e às 13h retornavam para o (interior) pessoal disputavam passageiros. (Informação verbal)⁶⁷

Antigamente a existência assídua da chamada “feira dos ribeirinhos” que ocorria no cais aos sábados, aos poucos os ribeirinhos chegavam ao cais para abastecer a cidade com a produção, de farinha de mandioca, tapioca, goma, hortaliças, frutas, peixes entre outros, e assim consumir os produtos do urbano. Os produtos eram organizados ao longo do cais, proporcionando ampla circulação para

⁶⁷ (R. de O. F. Comerciante, 62 anos, entrevista realizada em 26/04/2022).

beira do rio. Destacamos que não foram desenvolvidos projetos que pudessem beneficiá-los, já que muitos eram expostos ao sol e a chuva.

Quanto a feira ribeirinha, eles chegam com sua mercadoria para vendas, mas nunca tiveram esse amparo e apoio com infraestrutura. Chegam e colocam suas mercadorias lá no cais. Não tem aquele lugar, pegavam chuva e sol e ficam mercê. Os ribeirinhos precisam desse cuidado. (Informação verbal)⁶⁸

Além disso, o transporte fluvial identifica-se outras situações, como a falta da estrutura para o recebimento de mercadorias oriundas das comunidades ribeirinhas. Uma vez que a cidade dispõe do trapiche localizado ao final da estação portuária chamada (Ministério de infraestrutura instalação portuária pública de pequeno porte IP4 município de São Miguel do Guamá-PA), que possui condições estruturais satisfatórias, a pescadores, compradores, usuários de transporte fluvial e visitantes. Contudo desde a conclusão até o presente momento, ainda não utilizado.

FIGURA 42: Desembarque de mercadorias no cais



FIGURA 43: Estação Portuária



Fonte: Pesquisa de campo, abril, 2022

No entanto, a (PMSMG) já contém planos futuros para o funcionamento do espaço, denominado “Porto Cidadão” que disponibilizará atendimento ao público, com os diversos serviços como: emissão de Carteira de Trabalho, RG, Sine, entre outros. Assim, torna-se mais fácil embarque/desembarque pelo cais de arrimo. Referimos que a aludida feira ainda existe, mas em proporção menor, já que os fatores citados de certo modo implicaram na movimentação.

Segundo os envolvidos da pesquisa, com o passar dos anos o transporte fluvial foi “desaparecendo” do rio, como mencionado. Tornando-se mais evidente nas

⁶⁸ (M^a do S. dos R. A. Aposentada, 63 anos, entrevista realizada em 06/05/2022).

edições do Círio N. Sr^a de Nazaré e do Santo padroeiro da cidade S. Miguel Arcanjo através do círio fluvial/romaria fluvial, como de costume as embarcações são enfeitadas, como forma de homenagem dos fiéis. No entanto, atualmente os ribeirinhos já não participam como antes, isso acarreta a redução de embarcações que acompanhavam a procissão. Atribuídas por algumas circunstâncias destacadas pelos entrevistados.

Acontece a saída do círio, transladação tudo ainda converge para matriz na beira do rio. A questão do Círio Fluvial a falta dos “PÔ, PÔ, PÔ” (barcos pequenos) acabou, pois quase não estão mais construindo. Pra eles não tem necessidade por causa da BR, dificuldades até pra trazer, tem que ser alugado em São Domingos do Capim, porque por aqui não tem. Então sai um pouco da característica fluvial da cidade. (Informação verbal)⁶⁹

Perante o que foi exposto, consideramos o descimento das embarcações, já que São Miguel do Guamá, outrora possuía diversas fábricas de canoas e barcos, no momento registramos a presença de apenas uma. Por não utilizarem com tenacidade a produção de embarcações decaiu. Todavia, compreende-se a forte relação existente das manifestações religiosas e o Rio Guamá. Abaixo outro fator analisado.

Na verdade, o transporte fluvial, não sei se alguém pode entrar em contradição comigo o transporte fluvial, não existe como antigamente, porque a maioria deles coitados são irregulares. Pode reparar, como diminuiu o movimento a procissão fluvial, dava muita gente. Mas a partir do momento que a Marinha passou a observar, eles não vieram mais porque estão irregulares, e tem medo de perder sua embarcação. Uma alternativa, seria restaurar o poder aquisitivo dos ribeirinhos de documentos, ter o dia de ação que reúne todos navegadores ribeirinhos, seria um incentivo para que pudesse se regularizar. (Informação verbal)⁷⁰

Nesse caso, é necessário apresentar projetos que concedam a facilitação e o acesso a regularização, entre: a documentação das embarcações e de condutores das embarcações, o que deveria ser compreendido, como estratégia encontrada para beneficiar aqueles que dependem do transporte fluvial para desenvolver suas atividades. Desenvolvendo iniciativas, destinadas às práticas individuais e coletivas que consentem a prevenção de acidentes, a segurança da navegação, a prevenção da poluição.

⁶⁹ (P. S. de M. L, Professor aposentado, 60 anos, entrevista realizada em 27/04/2022).

⁷⁰ (A. F. da C. Aposentado, 64 anos, entrevista realizada em 12/05/2022).

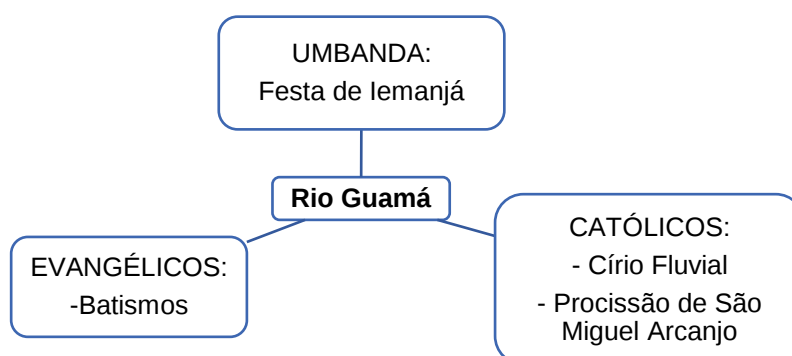
Assim resgatar e fomentar percursos pelo rio, como alternativa de geração de renda, como exemplo, a chegada do turismo mediante as especificidades das comunidades ribeirinhas.

Explanando sobre a pesca a cidade de São Miguel do Guamá, não possui feira de pescado ou mercado do peixe, como é muito conhecido nas cidades que se localizam às margens de rios. A pesca ainda é frequente, mas em pequena escala, porém existem episódios da captura de grandes peixes, a exemplo do filhote que atrai diversas pessoas para observar a grandiosidade do peixe. Entretanto, encontram-se algumas situações a serem observadas.

Em decorrência de certos fatores citados pelos informantes: alguns acreditam que a quantidade de peixe no rio ao longo dos anos foi reduzindo, outros por ter poucos pescadores na cidade. Quanto ao consumo do peixe oriundo do Rio Guamá, atualmente poucas pessoas têm alcance, já que citam “a compra certa”. Nesta situação, o pescador já dispõe de demanda específica “clientes certos” para quem vende o peixe. Isso de certo modo, impede com que outras pessoas possam comprar o pescado, já que a quantidade do pescado é relativamente baixa.

Somado a forma característica dos festejos e rituais religiosos alcançam a dimensão diante espaço da reintegração com Rio Guamá, pois contemplam significados religiosos associados à singularidade ou pluralidade, sendo dinamizada na vida e no ritmo da cidade. Contudo a participação do retorno das manifestações religiosas, remete-se as atividades que aconteciam à beira do rio.

FIGURA 44: O Rio Guamá e as práticas religiosas



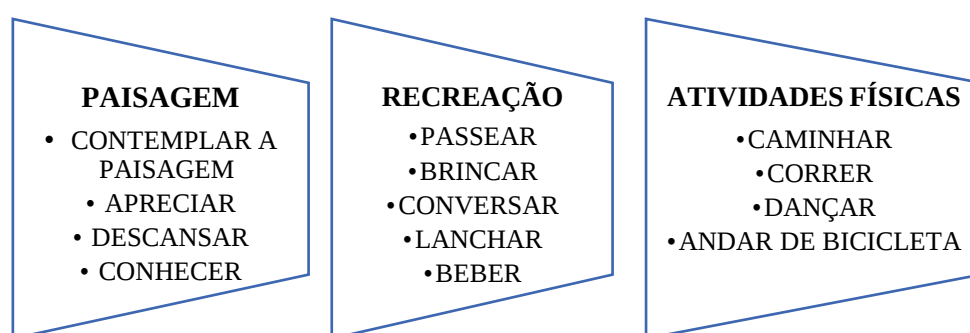
Fonte: Autora, 2022.

Dessa maneira, a *identidade* cultural-religiosa possui ligação direta com o Rio Guamá. Permite perceber a forte relação aos aspectos religiosos de ordem

simbólica, na qual está inserida na percepção dos entrevistados. Nesse sentido, a utilização do rio quanto elemento na representação afetividade com a natureza no aspecto religioso, pela influência católica, evangélica e umbanda permeada pela notabilidade simbólico-cultural, possuem identidades com espaço das relações entre sujeitos e grupos.

Diante das transformações promovidas pelas recentes construções, com ênfase a orla fluvial, percebemos a incorporação e adaptações nas práticas cotidianas, associadas ao contexto moderno desenvolvido, mas há traços históricos símbolo que compõe a paisagem urbana. Por conseguinte, as principais atividades observadas na orla fluvial, o espaço se organiza com funções voltadas para práticas de lazer e recreação e turismo, que se iniciam pela madrugada até o final do dia.

FIGURA 45: Usos da nova orla



Fonte: Autora, 2022

Segundo os entrevistados, as atividades estão retornando, já que há muitos anos não havia espaço apropriado, devido ao excesso de quiosques no local. Em decorrência dos processos recentes que ofereceram sentido ao atual ordenamento, assim como, descobrir especificidades considerando a modernização, como fator principal. Atualmente, compreende-se que essa resposta é oferecida pela população entre moradores e turistas, já que o Rio Guamá e a orla fluvial proporcionam amplo espaço para as práticas citadas.

O entendimento da transformação da paisagem possibilita compreender os valores para os envolvidos, quanto a importância do sentimento e as interações associadas à identidade da paisagem urbana. Esses valores dizem respeito a identidades específicas, de percepção, que podem ter resultados, interpretações e

experiências singulares, com diferentes configurações, percepções e aspectos da representação ao que é percebido e o que foi vivido, quanto as relações existentes que instituem a paisagem (TRINDADE JÚNIOR, 2011).

A gente pode fazer essa relação que hoje as pessoas estão conseguindo contemplar a paisagem - Teve um pôr do sol que me marcou foi o primeiro pôr do sol, depois foi liberada a circulação na orla. Que foi colocado os bancos, eu vi tanta gente olhando e nesse dia o sol estava tão lindo, deu tanta gente foi no meio de semana. Eu chorei nesse dia de tão feliz que eu fiquei, fazia muito tempo que eu não via isso na beira do rio as pessoas contemplando, aquela imensidão de gente. Naquele pedaço tinha jovens, velhos e crianças todo mundo parado olhando pôr do sol. Eu olhei para Deus e falei: Senhor obrigada, porque eu pensei que eu não ia mais ver a beira do rio tão cuidada é emocionante. (Informação verbal)⁷¹

Portanto, acredita-se que a percepção da paisagem quanto elemento principal o Rio Guamá e ao conjunto constituído, faz-se bastante presente na vida do sujeito e pode ser relacionada ao contexto da dimensão da experiência as temporalidades. Consideremos a contemplação da paisagem ao conjunto de ligação à vida do rio, assim conectadas ao lazer da vida que conservam elementos de tradição como a expressão do passado.

FIGURA 46: Contemplação da paisagem



Fonte: São Miguel do Guamá oficial/Instagram, 2022.

FIGURA 47: Pôr do Sol em São Miguel do Guamá



Fonte: Pesquisa de campo, abril, 2022.

No final da tarde, é possível contemplar paisagem à margem do rio, marcada pelo Pôr do sol e o passeio pela orla fluvial, tem se tornado algo rotineiro para os indivíduos, que associam a outras práticas que envolvem familiares e amigos. De acordo com Trindade Junior (2011), não é só contemplar a beleza dos rios e a floresta,

⁷¹ (M. de N. S. B. Vendedora, 49 anos, entrevista realizada em 27/04/2022).

mas relacionar aos “encantados”. Carrega o imaginário, mistério, sonhos, feitiços e histórias constituindo a naturalidade da ligação entre ritmo e vivências cotidianas, produzindo paisagens e espaços que reproduzem a cidade, como identidades interioranas de sentimento e relações econômicas do próprio do lugar.

Quando eu saio aí eu vejo que sempre tem alguém lendo ou meditando aquele silêncio, uma conexão, humano e natureza. (Informação verbal)⁷²

Reconhecer o regresso das atividades econômicas locais, em vista das diversas atividades desenvolvidas recentemente. Como representação principal, a cidade dispõe hoje de lugares diversos e que estão associados à alimentação entre vendas de comida e bebida, que apresentam crescimento em períodos específicos devido alguns aspectos.

Se eu tenho tempo eu faço uma janta melhor, mas se eu não tenho peço uma pizza ou lanche. Temos a questão do açaí na entressafra, pois sobe de preço, então surge uma alternativa para muita gente a pizza ou lanche. A gente percebe muito essa mudança na safra do açaí quando está lá embaixo o preço, a gente passa aperreado mesmo. Atinge diretamente a entressafra do açaí. As vezes as pessoas deixam de jantar o açaí para pedir a pizza. (Informação verbal)⁷³

Algo curioso quanto ao consumo do açaí na cidade, consideramos que é elevado, uma vez que os guamaenses possuem o hábito de consumi-lo no período noturno. Segundo o entrevistado, na entressafra do açaí entre os meses de (janeiro a junho), ocorre o aumento do preço da fruta, assim a procura por lanches e pizzas se torna maior na cidade. Enfatiza que os lanches rápidos surgem como alternativa na alimentação.

As pessoas estão voltando em peso para a beira do rio hoje, a atividade física, o comércio novamente, pois ele estava morrendo. Estava ficando só os antigos e agora não, as pessoas estão querendo voltar tanto é que tá uma confusão para a reinauguração da beira do rio. (Informação verbal)⁷⁴

Mencionando as atividades físicas praticadas no local, percebe-se o fluxo na movimentação diária, no que se refere aos sentidos e as funcionalidades da orla fluvial e o Rio Guamá. Chama-se atenção a presença de novas relações situadas, para a combinação dos elementos paisagísticos (naturais ou artificiais) distribuídos, que

⁷² (A. F. da S. N. Empresário, 49 anos, entrevista realizada em 29/04/2022).

⁷³ (S. C. de O. Comerciante, 47 anos, entrevista realizada em 26/04/2022).

⁷⁴ (M. de N. S. B. Vendedora, 49 anos, entrevista realizada em 27/04/2022).

associam ao mesmo tempo contemplação da paisagem e a prática de atividades físicas.

As pessoas perceberam que fazer uma atividade na beira do rio com que ele ar puro é mais gostoso. Muito mais prazeroso do que ir fazer no local, onde tem muito barulho. (Informação verbal)⁷⁵

Portanto, se projetam a partir do Rio Guamá e a orla fluvial múltiplas dimensões, às condições encantos de sentimentos e emoções pelos sujeitos do lugar. No que concerne a relação da (re)valorização, pertinentes a construção e recriações propícias a interações e modos de vida propícios ao lazer, que aponta ao retorno intensivo de atividades, outrora esquecida e receosa, a exemplo do banho nas águas do Rio Guamá.

FIGURA 48: O retorno dos banhistas ao Rio Guamá



Fonte: Pesquisa de campo, junho, 2022

Segundo os entrevistados, uma das funcionalidades regressa “tomar banho no rio”, essa atividade que considerava a relação entre cidade e rio assiduamente, por muitos anos foi esquecida/rompida por moradores e visitantes, atribuídos a determinadas razões. Alguns acreditavam que as águas do rio já não eram apropriadas, outros presumiam que os dejetos oriundos dos quiosques chegavam até ele, outros destacaram a falta de segurança no local, devido às atividades ilícitas que ocorriam.

Hoje eu já vejo mais pessoas procurando o rio como espaço realmente de lazer, espaço não é mais o espaço de comércio porque também as pessoas estão começando a perceber que ganham dinheiro com isso. (Informação verbal)⁷⁶

Olha, antes da beira do rio ela era muito relacionada a só a bebida, hoje não o lazer ele mudou muito aqui da beira do rio, ele voltou novamente essa

⁷⁵ (A.C. da S. Professora, 40 anos, entrevista realizada em 14/05/2022).

⁷⁶ (F. A. Professora, 27 anos, entrevista realizada em 18/05/2022).

questão, olha e ficou sintonizado ficou essa parte aqui que as pessoas trazem as crianças para brincarem. Aí ficou aquela parte aqui que as pessoas têm os bares com esses lados tem a ponta de aqui. Aí tem o lado que as pessoas vão fazer atividade eu vejo muito isso as pessoas fazendo atividade dia de domingo. Então ficou muito mesclado aqui na beira do rio é hoje. (Informação verbal)⁷⁷

No momento atual, verificarem-se as mudanças estabelecidas, diante das permanências, compõe para a cidade que integra as vivências cotidianas, com ênfase ao retorno gradativo entre moradores e turistas, especialmente aos finais de semana, em vista da nova organização estrutural promovida pela (PMSMG). Assim as representações, no espaço-tempo do lazer, a cultura, que o rio reassume um caráter funcional no lugar (banho de sol, conversas e brincadeiras). Podemos afirmar que cidade reincorpora hábitos, um olhar sobre paisagem associada e o incentivo à atividade turística.

Conforme Trindade Júnior (2013, p. 04), “[...] em suas múltiplas dimensões, dentre elas a ecológica, a econômica, a lúdica, a funcional e, também, a das representações simbólico-culturais, onde se fazem presentes valores e saberes que a tornam parte da vida urbana que a ela se vinculam”. Partindo desse pressuposto, abordaremos o turismo associado às atividades econômicas, perante a relação cidade e rio.

A partir da concepção dos envolvidos, para afins de estabelecer conexões mais fortes, enfatizam possibilidades para fomentação do turismo. Sobre o ponto de vista deles, já estão existindo ações que direta ou indiretamente ocasionaram mudanças no aumento da movimentação no Rio Guamá e seu conjunto.

Deveria ter um incentivo ao turismo, pois o rio tem toda uma particularidade, pra pesca esportiva, saída de passeio tudo ter uma relação melhor com a comunidade. Eu vejo, que o rio tem um potencial econômico muito grande se você utilizar para passeio ecológico, barcos, canoagem, trabalhar com os jovens, adolescentes eles passarão a ter mais contato com o rio, escolas de natação (Informação verbal)⁷⁸

O Rio Guamá tem potencial para fazer passeios e pega os jovens e ensina a andar de Canoa até levar o pessoal para passear de Canoa para ver para ver o pôr do sol os barcos já levaram as pessoas teve almoço levar os grupos de dança para se apresentar potencial que você pode utilizar para fazer o rio voltar fazer o rio voltar a fazer parte, inserir novas atividades. (Informação verbal)⁷⁹

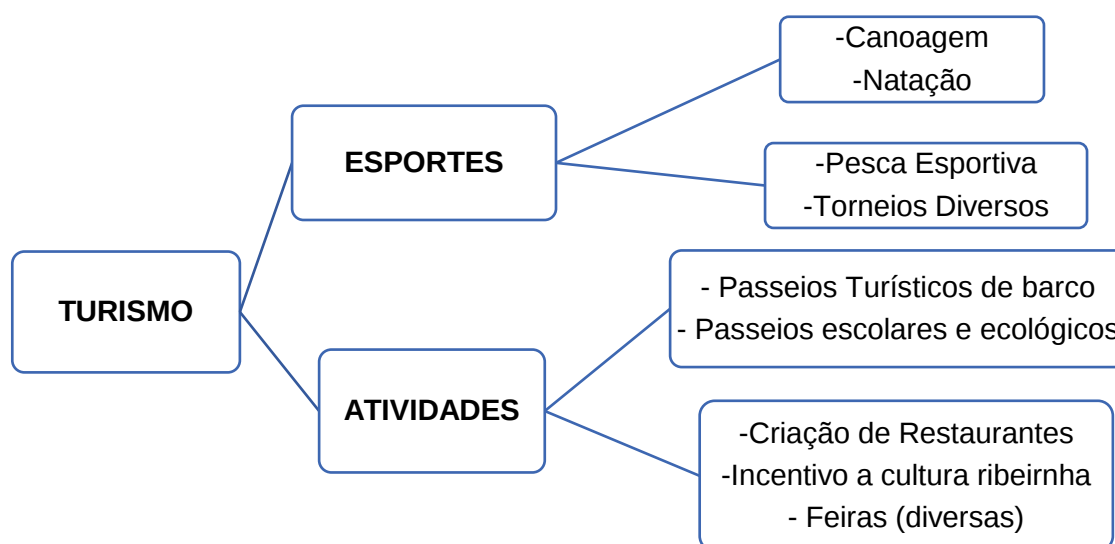
⁷⁷ (D. M. Professor, 30 anos, entrevista realizada em 14/05/2022).

⁷⁸ (M^a. V. T. Professora, 47 anos, entrevista realizada em 21/05/2022).

⁷⁹ (A. A. de M. Estudante, 30 anos, entrevista realizada em 14/05/2022).

Como proposta a visibilidade dos aspectos naturais e culturais, encontram-se as paisagens relacionados ao Rio Guamá, concomitante o incentivo ao turismo, por meio de ações planejadas, no investimento direcionado às atividades esportivas e o lazer que mobilizam a circulação no local. No contexto, consumo dos turistas a interação social e objetos associados, proporcionando a valorização do lazer, pelo tempo livre. Na concepção dos entrevistados, o esquema abaixo é apontado como possibilidade do aproveitamento do Rio Guamá.

FIGURA 49 – O turismo e as atividades esportivas e culturais



Fonte: Autora, 2022.

Para os informantes, o Rio Guamá dispõe de extenso potencial turístico que necessita ser aproveitado, entretanto de forma consciente. Apontam a prática esportiva, com referência à canoagem e natação como possibilidade para ampliar a relação com o rio, mas ressaltam que essas ações precisam ser pensadas e planejadas a partir da política de turismo do governo municipal através da (SMECLT). À vista da sinalização dos locais apropriados para banho, com auxílio de profissionais capacitados com participação de crianças, adolescentes e adultos, fazendo que o rio receba movimentação durante a semana.

Para oportunizar o esporte, outra proposta apresentada é o incentivo à pesca esportiva no Rio Guamá, uma vez que a pesca está desaparecendo, assim representaria o possível retorno. Para os informantes, as formas de uso do rio e orla

fluvial com a promoção de torneios (vôlei, futebol de areia, futevôlei, outros). Sendo responsável pela movimentação, transformando-se em atrativo para a população e visitantes. Concedendo rendimentos financeiros, diante das viagens e o usufruto de serviços, como a construção de restaurantes do outro lado do rio, incentivando o fluxo de transporte de turistas nas embarcações e possibilitando a garantia de renda.

[...] para estimular o turismo na região, com espaços de apoio as atividades turísticas (informações, bares, atracadouro, mirante, feira de artesanato etc.) é devidamente apropriado também pela população local que reproduz suas formas tradicionais de interação [...] a exemplo dos banhos de rio e a pesca noturna no flutuante destinado aos barcos turísticos. (TRINDADE JÚNIOR, 2011, p. 11).

Com o intuito de conhecer sobre a cultura das comunidades ribeirinhas, pela inserção dos chamados roteiros turísticos de serviços de passeios de barcos: turísticos, ecológicos e escolares. Que busca conhecer lentamente a estação e ritmo do rio, não exclusivamente ao tempo natural do rio, mas observando o tempo social e os modos de vida relacionados aos diversos cursos fluviais, neste caso do Rio Guamá.

A formação de uma rede de serviços turísticos, aos investimentos em infraestrutura devido à expectativa criada pela crescente movimentação recente, mediante e treinamento para restaurantes, bares, lojas de *souvenirs* (lembrancinha do lugar que visita) entre outros. Assim, enquanto fenômeno empírico o turismo entre mediadores e turistas e o local de recepção, na área que correspondente “Complexo Beira Rio” à orla fluvial localizada as atividades voltadas para o turismo se tornaram mais frequentes, como a construção de um hotel (de frente para o rio).

FIGURA 50: Construção do hotel às margens do Rio Guamá



Fonte: Pesquisa de campo, junho, 2022.

Dessa maneira, as recentes transformações incentivaram outras construções no local. Considerando a oferta de serviços, encontram-se hotéis e pousadas, os empreendimentos de recepção destinada aos diversos públicos ao parar para olhar o rio, centraliza o Rio Guamá e todo seu entorno, associado investimento na perspectiva futura.

São Miguel é uma cidade muito bonita, eles podiam expandir com o turismo com essa nova orla, seria mais uma ajuda. Colocassem aqueles hotéis, aqueles chalés, que coubessem no bolso do pobre primeiramente, uma coisa acessível. (Informação verbal)⁸⁰

Nesse sentido, a funcionalidade turística a beira-rio comporta as características naturais sobre ação na cultura ao entorno do Rio Guamá, recebem a reincorporação de atividades, o surgimento de outras, com maior movimentação e destaque: carnaval, festival junino, festival de verão, marcha para Jesus e *réveillon*, e serviços as festas, buscando contemplar maiores públicos, conectadas aos contextos histórico-culturais tradicionais religiosos para moradores e visitantes, fomentando o turismo na nova dinâmica da paisagem urbana.

Nesse sentido, os rios na região amazônica são importantes fontes de recurso alimentar para a população local, atribuídos da função lúdica paisagística, além do lazer. No entanto, não estão imunes aos diversos problemas, ocasionados pela ação antrópica, com relação à exploração de recursos naturais em suas margens.

Em decorrência da derrubada ou queima da mata para o aproveitamento da madeira, para a formação de pastos e para a difusão da agricultura, voltados para uma nova forma de reprodução econômica articulada ao valor lucrativo a outros mercados, não necessariamente os locais.

Neste momento, transcorremos sobre os problemas ambientais destacados nas entrevistas. Esses que geram uma grande preocupação na população, no que corresponde as atividades prejudiciais associadas ao Rio Guamá e ao seu entorno, como exemplo a extração de barro nas margens.

Eu percebo que do outro lado, houve grande mudança na paisagem, devido ao desmatamento. Já estive lá, essa faixa de arvores é bem curta e pode ceder. Isso tudo ia ficar sem razão, as pessoas ficarão olhando para um

⁸⁰ (T. de J. A. Aposentada, 84 anos, entrevista realizada em 19/05/2022).

Mediante as observações na figura 51, analisamos a ligação do Rio Guamá com todos os demais aspectos. Segundo os envolvidos, a forma que o rio está sendo tratado necessita ser repensada, já que as atividades desenvolvidas, como o desmatamento nas proximidades do rio, estão provocando grande impacto na paisagem, levando em consideração o futuro das próximas gerações na cidade. Que podem ficar sem conhecer, e assim tudo se tornar apenas lembranças.

Eu costumo dizer: a beira do rio é um senhor assim muito maltratado. Sempre muito maltratado pelo poder público e por nós também, que não cuidamos direito quando eu vejo alguém jogando uma sacola de lixo aqui dentro aquilo aqui me machuca. Porque hoje o rio ele já secou muito. (Informação verbal)⁸³

A participação do Estado torna-se fundamental nesse processo, pois, além de contribuir para a vida econômica e social, também pode desenvolver programas e políticas, no que diz respeito às preocupações ambientais e exigir que a indústria de cerâmica siga orientações ecologicamente corretas.

Outro ponto destacado é sobre algumas ações que foram promovidas pela gestão pública municipal, que trouxeram grandes consequências, como assoreamento que para os entrevistados o rio está relativamente mais “largo” e secando, na tentativa de substituir as características físicas, aludem o “tijuco” (lameiro de cor preta), em decorrência do despejo de areia e seixo, promovendo uma espécie de “praia” para o aproveitamento do banho.

Assim os problemas urbanos e ambientais não são recentes, porém só receberam destaque nas últimas décadas. Os impactos ambientais em rios urbanos, por meio de despejos de esgotos, ocasionam a poluição, colocando em risco a saúde da população, principalmente para aqueles que consomem a água. Por essa razão, os cursos fluviais que cortam ou banham a cidade sofrem sérios problemas de poluição ambiental, pois a poluição está relacionada ao despejo de esgoto oriundo das residências da cidade, observam-se pontos do encontro da chegada do esgoto com as águas do Rio Guamá.

A água do Rio Guamá, outrora era consumida sem qualquer tipo de tratamento, pois na visão dos moradores era apropriada. Assim, percebe-se o acúmulo de lixo em canais, que muitas das vezes conseguem chegar até rio.

⁸³ (M. de N. S. B. Vendedora, 49 anos, entrevista realizada em 27/04/2022).

Agora a gente fica triste em ver o deszelo das pessoas, não respeitam, a gente fica olhando se for passear nessa orla a gente vê descartável dentro rio (garrafas e latas). Eu me lembro que na época que eu levava meus filhos cansei de catar enquanto eles estavam brincando naquela “praiazinha”. Eu ficava por ali catando o gargalo de garrafa que as pessoas jogavam. O povo tem costume feio de jogar tudo pra dentro do rio, como se o rio fosse um depósito de sujeira, isso deixa a gente triste, porque as pessoas não preservam. Está sendo desperdiçada através da ação humana. (Informação verbal)⁸⁴

Quanto as demais representações, ressaltam sobre o lixo que é descartado de qualquer forma, e que chega até ao rio, provocando problemas urbanos e ambientais, o principal deles a poluição das águas. Assim, o poder público necessita do planejamento para minimizar ou eliminar tais práticas. Conforme Trindade Júnior (2011, p. 10), “[...] despertam a necessidade, em suas formas de planejamento e gestão, de adoção de instrumentos de participação e de gestão democrática”.

Becker (1974) reitera sobre a prática da gestão se demonstra como uma nova forma de planejamento, agrupando princípios de relações de poder e governabilidade, excedendo a ideia de projeto exclusivo para fins econômicos, trabalha-se com a perspectiva de planejamento das diferenças existentes. Sabendo desses fatores, é necessário pensar em formas de gestão territorial que compreendam a realidade atual.

O município através de políticas públicas, necessitam serem aplicadas na solução ou minimização dos problemas destacados. Além da preocupação e ações que apontem a conservação dos recursos, e que respeitem o meio ambiente. Promovendo a qualidade de vida e sustentabilidade, exercendo o papel de incentivador da inclusão de distintas, história, cultura e formas tradicionais incorporadas relacionam o espaço a valorização e do respeitando com população local, e como reflexão que possa estimular novas práticas no equilíbrio das relações entre cidade e rio.

No plano das representações sociais, consideramos as relações estabelecidas entre indivíduos e grupos, com referência a descrição das ações associadas às experiências, de vivências, ao longo das trajetórias a partir de um objeto comum que permite comunicação e a socialização.

Entretanto, a distinções nas percepções diante do passado ao presente, como a interpretação dos objetos e ações congêneres que marcam seu lugar, através das

⁸⁴ (M. de F. C. Aposentada, 65 anos, entrevista realizada em 25/04/2022).

transformações e da relação que possui com o contexto vida ou história. Neste caso, o espaço da representação é o espaço vivido, carregados de significados explicativos de diversas conexões, referindo-se à relação em cidade e rio (figura 52).

FIGURA 52: A representação do rio e seu entorno para moradores e visitantes



Fonte: Categorização, IRAMUTEQ, (nuvens de palavras) 2022.

Assim observamos as recentes mudanças, por meio das políticas públicas que, na concepção dos entrevistados, acarretaram transformações avaliadas como positivas. Dessa maneira, promoveram o retorno de diversas atividades, que por um período foram interrompidas/paralisadas, mas que se faziam presentes no local.

Com ênfase ao regresso das famílias para o local, a exemplo do lazer e paz que se relacionam às práticas cotidianas constituídas. Percebe-se as interações que simbolizam a diversão e a aposta no turismo decorrente da nova estrutura, no que se refere a remodelação dos elementos no fluxo de questões e demandas estabelecidas que configuram a expectativa de emprego e renda na escala local.

Assim as representações sociais, através da estrutura oral (comunicação), todavia demonstra conhecimento particular da elaboração do comportamento. É interessante destacar a representação quanto ao aproveitamento e o cuidado do Rio Guamá, que se construa políticas públicas de desenvolvimento econômico atrelado à preservação ambiental, mediante aos aspectos tradicionais histórico-culturais. Contudo as formas de uso e apropriação do espaço, as práticas cotidianas e os objetos/símbolos que apontam as relações sociais presente. O momento atual

demonstra a “reconciliação” das relações entre a cidade São Miguel do Guamá e Rio Guamá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao término deste trabalho, é interesse mencionar algumas considerações que foram de grande relevância para a pesquisa. Salientamos os instrumentos metodológicos para o desenvolvimento deste trabalho, análise bibliográfica, direcionou-se aos pressupostos teóricos que elucidaram o entendimento dos conceitos relacionados ao espaço na essência da reestruturação urbana da cidade de São Miguel do Guamá. No que diz respeito a compreensão da utilização do Rio Guamá nas memórias, representações sociais e paisagem sendo os elementos de análise demonstrados nas entrevistas pelo uso do *IRAMUTEQ*.

Apontamos a importância do trabalho de campo, auxiliados por fotografias, retomarmos suas memórias e entender suas práticas cotidianas, a partir do discurso da oralidade. O Rio Guamá e a cidade de São Miguel do Guamá, constituíram relações diretas diante das temporalidades funções e inter-relações alteradas ou continuadas, significado à imagem do indivíduo na sociedade a especificidade histórica das cidades às margens de rio, com referências ribeirinhas materiais e simbólicas projetaram formas de uso marcados pela água e interesse de determinados segmentos da sociedade.

Assim a importância do rio, expressiva e manifestada no espaço real ou imaginário, determinam as relações entre a cidade e o rio, apontando a diversidade das relações sociais do cotidiano, emoções, comportamentos e hábitos sociais. De tal modo, compreender as características de ligação e funcionalidades do Rio Guamá no passado, com a presença da natureza e ritmos florestais a vida cotidiana, reconhecendo as diferenças no presente com os modos de vida em sociedade no processo de urbanização da cidade.

A cidade de São Miguel do Guamá e sua localização estratégica, no que se refere ao transporte de pessoas e mercadorias. Compreende-se as mudanças do eixo fluvial ao rodoviário, como contorno da paisagem encontrada entre a cidade e o rio e sua interação com a sociedade, introduzidos na formação do espaço urbano concebe o esclarecimento da forma ao ponto da transformação, ilustra a força da utilização dos recursos, na planificação regional e urbana por meio dos projetos de desenvolvimento econômico condicionados pelos “grandes objetos”.

Assim os modelos de urbanização que foram implantados na região geográfica intermediária de Castanhal, *a priori* ligados por características ribeirinhas, que

perpassam pelo eixo ferroviário e chegam ao rodoviário, as diversas faces da integração ordenamento do espaço que contemplam a proposta de exploração. Estes padrões surgem, em especial a BR-010 (Belém-Brasília) em diferentes momentos da expansão urbana de São Miguel do Guamá e que conseguem influenciar nos padrões da dinâmica urbana.

Consideramos a localização a margens dos rios como pertencimento e representatividade na identidade local. Dos contornos dos rios e posteriormente com a abertura da estrada, expandindo ao longo da mesma, existindo ampla circulação através das atividades econômicas. Isso não quer dizer que os novos condutores do desenvolvimento da cidade extinguiram a dimensão do rio, mas em vista da reorganização estabelecida e os benefícios concedidos de forma articulada para as atividades.

Pois a partir da observação da realidade conseguimos visualizar os processos que historicamente, condicionaram as políticas regionais, implantando novos ritmos para as cidades, no que concerne relações dos indivíduos e o cotidiano de contato/dependência figuradas nas diferentes formas de uso do rio e o seu entorno. Que ao mesmo tempo representa contornos ribeirinhos, do trapiche, através dos festejos religiosos, por meio da circulação, dos mistérios, da feira ribeirinha, do mercado municipal e estação portuária estratégias de conservação das atividades econômicas no espaço.

Entende-se os desafios, conexos aos novos usos do Rio Guamá e da orla fluvial. Já que o novo contexto, que contempla o passado, mas que discorra no futuro, quanto as novas referenciais materiais, que haja a resistência desses referenciais materiais. Novos objetos, novos costumes e práticas, mas importante que haja instigação materiais e simbólicas, valorando os discursos, o que significa para as novas gerações de resgate das relações com o Rio Guamá.

No que diz respeito à relação entre a cidade e o rio, percebeu-se o distanciamento, ressaltamos essa ruptura, mas houve heranças elencadas na memória e no discurso sentimentos, afetiva. O retorno das atividades que outrora foram paralisadas devido os fatores mencionados consolidando-se alternativas para o crescimento da cidade, contribuindo com melhorias nas formas de vida da população guamaense, com destaque para os novos valores e funções relacionados ao rio e a cidade, sobre: família, paz, diversão, lazer, turismo, passeios, cuidado e preservação.

Assim, ressaltamos o potencial turístico que começou a ser aproveitado, mediante aos espaços da orla fluvial de São Miguel do Guamá, que geram maiores expectativas a partir das ações que possam ser intensificadas e criadas pela (PMSMG). Assim promovendo renda aliada a rotas fluviais e terrestres. E assim, perceber a importância da preservação dos recursos naturais, designar formas de conduzir à utilização de recursos naturais. Portanto o papel do município, é elaborar planos de desenvolvimento, projetos através da educação ambiental, que garantam infraestruturas que respeitem a dinâmica dos rios, das florestas, do solo e das populações que ali vivem.

Por esse viés, destacamos a grande dificuldade para encontrar pesquisas que abordassem outros aspectos sobre a cidade de São Miguel do Guamá, já que as temáticas encontradas se aludiam as atividades ceramistas, por dispor de um grande polo cerâmico, devido à extração da argila para produção de revestimentos cerâmicos, como base do desenvolvimento da economia local. Porém, a cidade é muito além, um espaço com sujeitos que possuem identidades e relações de afetividade, com diferentes aspectos incorporados à reorganização da cidade que precisam ser fomentados em pesquisas científicas.

Por fim, esperamos que o trabalho desenvolvido possa auxiliar e conduzir estudos futuros sobre São Miguel do Guamá, um município relativamente “antigo”, contudo pouco visto e analisado na produção científica. Desta forma, um novo olhar acadêmico, se faz presente sobre as questões abordadas, ressaltando as contribuições da população local. Especialmente as cidades localizadas às margens de rios. Apresenta-se como a forma de compreender transformações sobre a influência de novas dinâmicas urbanas na produção desses espaços e sua representatividade, bem como os modos de vida da população, devido à interação com o Rio Guamá, a proporcionando visibilidade e conhecimento de São Miguel do Guamá.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. A. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras. Geografia I**, Porto, v. 14, p. 77-97, 1998.

ALBA, M. Representações sociais e memória coletiva: uma releitura. **Teoria Das Representações Sociais: 50 anos.** P. 442-491. 2ª Edição. Brasília. Editora: *Technopolitik, Ybook, pdf 2* (2014).

ANDRETA, Helton Kania et al. A cultura do açaí no município de São Miguel do Guamá, Pará. **II Congresso Internacional das Ciências Agrárias – COINTER-PDV AGRO**, Teresina-PI, ISSN: 2526-7701, 2017.

BANDEIRA, L. Obras do Complexo Beira Rio avançam em São Miguel do Guamá. **Prefeitura Municipal de São Miguel do Guamá, 2022.** Disponível em: < <https://saomigueldoguama.pa.gov.br/obras-do-complexo-beira-rio-avancam-em-sao-miguel-do-quama/>>. Acesso em: 25, maio. 2022.

BARBOSA, M. do C. M.; SANTOS. M. I. P. dos. **São Miguel do Guamá: sua história e atual organização socioespacial.** 2005. 35 p. Trabalho Conclusão de Curso (Curso de formação de professores para o Pré-Escolar e 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental). Universidade Federal do Estado do Pará.

BECKER, B. K. A 1. Introdução Amazônia na espacial estrutura do Brasil. IGEO, UFRJ, CNPq. R. Bras. Geog., H/o de Janeiro, 36(2): 3-36, abril/junho 1974. _____ . **Geopolítica da Amazônia.** Estudo. av. vol.19 no. 53 São Paulo Jan./Apr. 2005.

BELÉM. Secretária de Estado de Turismo do Pará – SETUR. **Inventariação da Oferta Turística de São Miguel do Guamá.** Belém, 2015.

BRANCO, E. R.; GUIMARÃES, R. B. Eu, os outros e o lugar: contribuição da teoria das representações sociais na geografia. USP. **Revista Formação (Online)**; Vol 2, Nº 12 (2005).

BRITO. L. C. **Inventário de São Miguel do Guamá.** 1989. 45 p. Trabalho Conclusão de Curso (Curso de Turismo). Universidade do Federal Estado do Pará.

CAMARGO, B. Vizeu; JUSTO, A. M. Tutorial para uso do software de análise textual *IRAMUTEQ*. **Florianópolis-SC: Universidade Federal de Santa Catarina**, 2013

CARLOS, A. F. A. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade.** São Paulo, FFLCH, 2007.

CORDEIRO, I. M. C. C.; ARBAGE, M. J. C.; SCHWARTZ, G. Nordeste do Pará: configuração atual e aspectos identitários. **Embrapa Amazônia Oriental-Capítulo em livro científico (2017)**

CORDOVIL, G. V. Polo cerâmico e dinâmica territorial do desenvolvimento em São Miguel do Guamá-Pará/**UFPA, IFCH, PPGeo**, Belém, 2010

CORDOVIL, G. V.; NAHUM, J. S. Indústrias cerâmicas e desenvolvimento territorial em São Miguel do Guamá-PA. **ENTRE-LUGAR**, 2(4), 65-93. 2011.

CORRÊA, R. L.; SAUER, C. Sobre a geografia cultural. **Revista Brasileira de Geografia**, p. 113-22, 2009.

COSTA, O. "Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares." **Espaço e cultura** (2008): 149-156.

COSTA, T. de C. da. **A relação cidade e rio na Amazônia: mudanças e permanências frente ao processo de urbanização recente, o exemplo de Santarém (PA)** (dissertação de mestrado). PPGDSTU, Belém, 2012.

DELGADO, L. de A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História oral**, v. 6, 2003.

DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FAGUNDES, B. A teoria das representações sociais nos estudos ambientais. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 17, 2009.

FENZL, Norbet et al. Os 'grandes projetos' e o processo de urbanização da Amazônia brasileira: consequências sociais e transformações territoriais. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 6, n. 19, p. 202002, 2020.

FIGUEIREDO, P. São Miguel do Guamá: veja como ir, quanto custa, onde ficar e o que fazer. **O LIBERAL**, 2022. Disponível em: <<https://www.oliberal.com/para/sao-miguel-do-guama-veja-como-ir-quanto-custa-onde-ficar-e-o-que-fazer-1.568165>> Acesso em: 29, julho. 2022.

GIL FILHO, S. F. Espaço de representação: uma categoria chave para a análise cultural em geografia. **Artigo apresentado originariamente**, n. 5º, 2003.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª. Ed - São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

_____. Cidades e Estados. São Miguel do Guamá. 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/sao-miguel-do-guama.html>>. Data de acesso: 08/02/2021.

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LAKATOS, E.; M.; MARCONI, M.; de A.; **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LEITE, A. S; SOMBRA, D; SOARES, A. A.S. Desenvolvimento local e gestão de recursos naturais em São Miguel do Guamá (Pará/Brasil): aprendizagem territorial, cooperação e inovação no arranjo produtivo local de indústrias ceramistas”, **Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana**, 2018.

LOUREIRO, V. R. Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir. **Estudos avançados**, v. 16, p. 107-121, 2002.

MARQUES, H; MARTINS, L. P. S. Memória, herança, património e paisagem. **Cadernos de geografia**, 17, 1998, p. 123-129.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico- 2º Ed. 1º reimpressão- São Paulo, 2013.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, (1978).

RAVENA, N et al. As construções sociais e físicas do ribeirão na Amazônia. **Movendo Ideias**, v. 24, n. 2, p. 06-16, 2019.

OLIVEIRA, J. A de. A cultura, as cidades e os rios na Amazônia. **Ciência e Cultura**, v. 58, n. 3, p. 27-29, 2006.

ROCHA, G. O. R.; AMORAS, I. C. R. O ensino de geografia e a construção de representações sociais sobre a Amazônia. **Terra Livre** v. 1, n. 26, p. 143-164, 2006.

PIMENTEL, D. Imagens da Orla de São Miguel do Guamá lotada em pico de pandemia repercutem. **O LIBERAL**, 2021. Disponível em: <https://www.oliberal.com/para/orla-de-sao-miguel-do-guama-registra-aglomeracao-na-pandemia-imagens-re-1.278908> Acesso em: 16, abril. 2022.

PORTO-GONÇALVES, C.W. **Amazônia, Amazônias**. 3ª. Ed – São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Amazônia: encruzilhada civilizatória: tensões territoriais em curso. 1ºed: Rio de Janeiro: **Consequência Editora**, 2017. 112p.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

POLMANARI, A; CERRATO, J (2014). Representações Sociais e Psicologia Social. “**Teoria Das Representações Sociais: 50 anos.**” P. 402-441. 2ª Edição. Brasília. Editora: *Technopolitik, Ybook, pdf 2* (2014).

RIBEIRO, W.O. **Das frágeis conexões às múltiplas interações**: estruturação e periodização da rede urbana do nordeste paraense. **XI Encontro Nacional da ANPEGE**, p. 5909-5920, 2015.

São Miguel do Guamá. **Lei Nº 352/2017, de 22 De dezembro de 2017**. Define os Perímetros da Zona Urbana e de Expansão Urbana do Distrito Sede, cria os Núcleos Urbanos dos Distritos do Município.

SÃO MIGUEL DO GUAMA. **Novos Rumos, Novos Sangues e Finalmente o Progresso** - Material didático feito por alunos de 7ª e 8ª Séries da E.M.E.F. Pe. Leandro Pinheiro, 1988.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Da totalidade ao lugar**. 1º ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a. 176p.

_____. **Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos metodológicos da geografia**. 6. Ed- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SILVA, S. L. P. **O lugar do outro: ação comunicativa representações sociais e identidade**. 1. ed. atualizada – Macaé: Editora NUPEM, 2019.

SILVA, U.R.; COSTA, F. E. V. Gestão e organização territorial em São Miguel do Guamá: transformações socioespaciais ocorridas a partir da segunda metade Do Século XX. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 6, p.1861-1882, 2022.

SOARES, D. A. S. **Produção do espaço, vetores dinâmicos territoriais e técnicos na zona costeira do estado do Pará: uma da subsunção e geografia das exterioridades: uma geografia das águas**. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, 2021.

SOUZA, M. A. R de et al. O uso do software *IRAMUTEQ* na análise de dados em pesquisas qualitativas. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 52, 2018.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento crítico**. São Paulo: Ed UNESP, 2004.

SUERTEGARAY, D. M. A. Pesquisa de Campo em Geografia. **GEOgraphia**, v. 4, n. 7, p. 64-68, 2002.

_____. Epistemologia e autonomia da geografia brasileira aplicadas à análise das dinâmicas da paisagem? **Geografia**, v. 44, n. 1, p. 159-171, 2019.

TAVARES, M. G da C. A formação territorial do espaço paraense: dos fortes à criação dos municípios. **Revista ACTA Geográfica**, ANO II, nº3, jan./jun. de 2008. p.59-83.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. Cidades na floresta: os “grandes objetos” como expressões do meio técnico-científico informacional no espaço amazônico. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 51, p. 113-137, 2010.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair C. da. "A cidade e o rio na Amazônia: mudanças e permanências face às transformações sub-regionais." ***Terceira Margem Amazônia*** 1.1 (2012).

_____. Uma floresta urbanizada? Legado e desdobramentos de uma teoria sobre o significado da cidade e do urbano na Amazônia. **Espaço Aberto**, v. 3, p. 89-108, 2013.

_____. **Da Formação metropolitana de Belém** (1969-1997). 1 ed. – Belém-PA: Paka-Tatu, 2016. 392p.

APÊNDICES



APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS MORADORES ANTIGOS DE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ - PA (MEMÓRIAS URBANA)

Grupo I - Número do entrevistado: _____

PARTE I

1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

a)

Nome: _____ Idade: _____

b) Escolaridade: _____ Profissão: _____

c) Há quantos anos mora em São Miguel do Guamá/PA _____

PARTE II

1. Como o senhor (a) descreveria a paisagem da beira do rio daquela época?
2. Quais as atividades diárias e suas principais lembranças da utilização do Rio Guamá quando criança?
3. O que representava Rio Guamá para a população naquela época?
4. Qual a importância do transporte fluvial pelo o Rio Guamá, apresentava para os antigos moradores?
5. Quais atividades econômicas predominantes naquela época na beira do rio?
6. O senhor (a) acha que a construção da rodovia BR-010 e a ponte, trouxeram mudanças para dinâmica da cidade? Quais?
7. Tem algo que você gostaria que fosse resgatado?
8. Na sua opinião, você acha que a cidade em algum período/momento distanciou entre a cidade e o rio? Se sim, como?
9. Naquele momento, era possível identificar problemas ambientais no Rio Guamá?
10. Você consegue perceber laços/relações que se fazem presente até hoje? Quais?
11. Como você descreveria a paisagem hoje?
12. Diga 5 palavras que vem a sua mente em relação ao Rio Guamá?

PARTE III

II. Discussão sobre uso do rio e da orla:

- Transporte
- Contemplação da paisagem
- Recursos (água, peixe etc.)
- Práticas religiosas
- Atividades físicas
- Manifestação cultural
- Atividades comerciais
- Lazer
- Turismo
- Outro

PARTE IV

Como considera a importância:

1) Importância do transporte fluvial:

() grande () média () pequena () nenhuma

2) A importância da construção da orla fluvial:

() grande () média () pequena () nenhuma



APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS MORADORES DE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ-PA (COMERCIANTES E VENDEDORES LOCAIS)

Grupo II - Número do entrevistado: _____

PARTE I

1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

a)

Nome: _____ Idade: _____

b) Escolaridade: _____ Profissão: _____

c) Há quantos anos mora em São Miguel do Guamá/PA _____

PARTE II

1. Qual a importância que a beira-rio da cidade (orla) tem para o desenvolvimento de seu negócio?
2. Como você descreve a sua atividade econômica?
3. Qual a vantagem de manter atividades comerciais, neste lugar?
4. Na sua opinião, você acha que a cidade em algum período/momento distanciou-se entre a cidade e o rio? Se sim, como?
5. Você acha que as obras de infraestrutura na beira-rio, podem melhorar a sua atividade econômica?
6. Qual o horário ou período/mês de maior movimentação em suas atividades? Por quê?
7. Fazendo um comparativo das pessoas que frequentavam este lugar, você considera que houve mudanças no público? Quais?
8. Na sua opinião, quais as práticas cotidianas demonstram as relações entre a cidade e o rio?
9. Qual o principal problema apresentado na orla?
10. Você acha que o rio pode promover o incentivo ao turismo? Se sim, como?
11. Diga 5 palavras que vem a sua mente em relação ao Rio Guamá?

PARTE III

II. Discussão sobre uso do rio e da orla:

- Transporte
- Contemplação da paisagem
- Recursos (água, peixe etc.)
- Práticas religiosas
- Atividade físicas
- Manifestação cultural
- Atividade comerciais
- Lazer
- Turismo
- Outro

PARTE IV

Como considera a importância:

1) Importância do transporte fluvial:

() grande () média () pequena () nenhuma

2) A importância da construção da orla fluvial:

() grande () média () pequena () nenhuma



APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA MORADORES E VISITANTE DE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ - PA (FREQUENTADORES/REPRESENTAÇÕES SOCIAS/MORADORES LOCAIS) *Lócus:* Orla Fluvial do Rio Guamá

Grupo III - Número do entrevistado: _____

PARTE I

1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

a)

Nome: _____ Idade: _____

b) Escolaridade: _____ Profissão: _____

c) Há quantos anos mora em São Miguel do Guamá/PA _____

PARTE II

1. Qual a importância que a beira-rio (orla) da cidade tem na sua vida?
2. Como você descreveria a paisagem da orla fluvial? Você conseguira apontar mudanças?
3. Você gosta de morar aqui? O que há de positivo nesta cidade
4. Cite quatro elementos, que na sua concepção são característicos/simbólicos da paisagem urbana local?
5. Na sua opinião, você acha que a cidade em algum período/momento distanciou-se entre a cidade e o rio? Se sim, como?
6. Você gostaria que fosse realizadas atividades no sentido de reforçar a relação entre cidade e rio? quais?
7. Como você considera as intervenções das novas obras de infraestrutura na orla-fluvial?
8. Como você relaciona o rio com suas práticas cotidianas? É importante?
9. Qual o principal problema apresentado na orla?
10. Você acredita que o Rio Guamá e todo seu entorno tem potencial turístico? Quais?
11. Diga 5 palavras que vem a sua mente em relação ao Rio Guamá?

PARTE III

II. Discussão sobre uso do rio e da orla:

- Transporte
- Contemplação da paisagem
- Recursos (água, peixe etc.)
- Práticas religiosas
- Atividade físicas
- Manifestação cultural
- Atividade comerciais
- Lazer
- Turismo
- Outro

PARTE IV

Como considera a importância:

1) Importância do transporte fluvial:

() grande () média () pequena () nenhuma

2) A importância da construção da orla fluvial:

() grande () média () pequena () nenhuma



**Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Travessa Djalma Dutra s/n – Telégrafo
66113-200 – Belém-PA**